

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

Leandro Ortunes

**O Terror e a Mídia: O neoconservadorismo norte-americano e o islã  
radical**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SÃO PAULO  
2013**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

Leandro Ortunes

**O Terror e a Mídia: O neoconservadorismo norte-americano e o islã  
radical**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais – Relações Internacionais, sob a orientação da Professora Doutora Vera Lúcia Michalany Chaia.

**SÃO PAULO**  
**2013**

**Banca Examinadora**

---

---

---

## **Agradecimentos**

À minha orientadora Vera Lucia Michalany Chaia por seu apoio. À CAPES pelo incentivo à pesquisa. Aos meus pais e à minha noiva. E à amiga Suzane G. Frutuoso por ter me auxiliado em cada passo deste trabalho.

## Resumo

Esta dissertação tem como objeto de estudo a construção da imagem do neoconservadorismo norte-americano e do Islã radical na mídia. Através de uma fundamentação teórica sobre os choques culturais e os confrontos armados entre Ocidente e Oriente, mais precisamente entre Estados Unidos e países com grande atuação islâmica na forma de governo; apresentaremos os pontos de divergência e possíveis similaridades destes dois grupos. Com esta fundamentação, observaremos as divergências e as superficialidades sobre o tema presente na mídia.

Palavras-chave: Neoconservadorismo; Fundamentalismo muçulmano; Terrorismo, Mídia.

## **Abstract**

This paper analyzed the image's construction of American neoconservatism and radical Islam in the media. Through a theoretical framework of cultural clashes and armed clashes between East and West, more precisely between the United States and countries with major operations in the Islamic form of government, will be possible to observe the points of divergence and possible similarities of these two groups. With this analyze, we will observe the differences and platitudes on the subject in the media.

Keywords: Neoconservatism; Muslim Fundamentalism; Terrorism, Media.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”</b> .....	<b>12</b>
1.1 A Casa da Paz – <i>Dar al Islam</i> .....	23
1.2 Casa da Guerra – <i>Dar al Harb</i> .....	27
<b>CAPÍTULO 2 OS FUNDAMENTALISMOS E A POLÍTICA</b> .....	<b>30</b>
2.1 O fundamentalismo muçulmano .....	33
2.2 O neoconservadorismo norte-americano .....	47
2.3 O Neoconservadorismo após o governo de Reagan.....	53
2.4 Pilares do Pensamento Neoconservador .....	58
<b>CAPÍTULO 3 O TERRORISMO E A MÍDIA</b> .....	<b>64</b>
3.1 A lógica suicida: reivindicações e reflexos. ....	69
3.2 Os Atentados ao World Trade Center e suas Repercussões .....	84
3.3 A Mídia e os Atentados .....	89
<b>CAPÍTULO 4 O NEOCONSERVADORISMO E A MÍDIA</b> .....	<b>113</b>
4.1 O ponto de virada .....	124
4.2 Efeito colateral .....	130
4.3 A morte de Osama e sua repercussão .....	137
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>139</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>144</b>



## INTRODUÇÃO

Após os atentados ao *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001, muitos artigos, livros e documentários foram publicados na tentativa de explicar o que motivou os ataques. Alguns se preocuparam em descrever as reações que este ato terrorista provocaria no cenário internacional, nas questões de segurança e de migração. Termos como: “terrorismo”, “guerra ao terror” e “fundamentalismo muçulmano” estiveram constantemente presentes na mídia. Entretanto, um número pequeno de artigos foi produzido sobre as origens de duas ideologias conflitantes que, por sua vez, contribuíram para a construção do novo cenário internacional. Tais ideologias podem ser resumidas como: (i) os terroristas fundamentalistas muçulmanos que levaram os ataques ao Ocidente e deram origem a um novo tipo de inimigo, o qual não se limita a um Estado; e (ii) os neoconservadores norte-americanos de grande influência no governo de George W. Bush e, principalmente, no apoio à guerra ao terror.

Esta lacuna sobre neoconservadores e fundamentalistas explorada pela mídia será o foco da pesquisa. Conseqüentemente, resultará em hipóteses que auxiliem a compreensão destes movimentos, e ajudem a identificar na mídia brasileira elementos recorrentes ou pouco explorados sobre muçulmanos e neoconservadores.

No primeiro capítulo, abordaremos o processo histórico de construção sobre o imaginário entre Ocidente e Oriente. Observaremos quais elementos e ferramentas foram predominantes para determinar a visão que o Ocidente possui sobre o Oriente e *vice-versa*. Apresentaremos alguns *frames* de filmes e propagandas que colaboram para a permanência de antigos estereótipos sobre a cultura ocidental e a cultura árabe. Por fim, faremos algumas observações sobre afirmações equivocadas presentes na cultura ocidental, que são generalizações em relação a todo o mundo árabe e muçulmano.

No segundo capítulo, descreveremos as raízes do fundamentalismo muçulmano, fazendo a devida distinção entre terroristas fundamentalistas e os fundamentalistas pacíficos. Para tanto, serão abordados os principais choques culturais provocados pelo “imperialismo ocidental” e a modernidade que, de certa forma, promoveram o sentimento de revanchismo no mundo muçulmano.

Para Samuel P. Huntington é justamente neste período que o Ocidente, com seus valores liberais, começa a influenciar politicamente os países de maioria muçulmana, originando a base do fundamentalismo muçulmano:

Os movimentos fundamentalistas, em especial, são uma maneira de lidar com a experiência do caos, da perda de identidade, de sentido e de estruturas sociais seguras, criadas pela introdução rápida de políticas e padrões sociais modernos, secularismo, cultura científica e desenvolvimento econômico.<sup>1</sup>

O fundamentalismo é uma tentativa de preservar a religião, e a forma de organização política sob a ameaça do processo de secularização ocorrida no Ocidente.

Essa não-secularização do mundo muçulmano gerou questionamentos sobre valores liberais<sup>2</sup> e democráticos do Ocidente, uma vez que o Islã legitima o poder político proveniente da Divindade e sua lei está baseada na *Sharia*<sup>3</sup>. Para Karen Armstrong, a forma de governo das potências ocidentais é questionável para os muçulmanos:

[...] Portanto os muçulmanos deviam resistir às formas ocidentalizadas de governo impostas pelas potências coloniais, pois elas construíam uma rebelião contra Deus e usurpavam a autoridade divina.<sup>4</sup>

Ao descrever o fundamentalismo também será necessária uma análise quanto à origem do termo, pois este fenômeno não é exclusivo do islamismo. Trata-se de um fenômeno inicialmente protestante, utilizado *a posteriori* para descrever toda tentativa de retorno religioso aos fundamentos básicos da religião. Uma análise do termo é, portanto, fundamental para melhor compreender as convergências e divergências entre os fundamentalistas das diferentes religiões.

---

<sup>1</sup> HUNTINGTON, Samuel P. *Choque de Civilizações*. São Paulo: Editora Objetiva, 1997, p.119.

<sup>2</sup> Valores liberais no sentido de organização social, como exemplos: Liberdade de opinião, liberdade religiosa, liberdade na escolha do matrimônio, direito ao voto, liberdade de atividade econômica dentre outras.

<sup>3</sup> Sistema de lei do islã para vida social que tem como fonte as interpretações do Corão e das *Sunas* (*hadith*).

<sup>4</sup> ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: Fundamentalismo no Judaísmo, Cristianismo e Islã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.270.

Com os atentados de 11 de setembro reações de várias linhas ideológicas tentaram justificar o terrorismo provocado pelo Islã radical fundamentalista e propor uma solução. Focaremos detidamente na linha neoconservadora, ideologia que mais influenciou a política norte-americana a partir de então. Os atentados transformaram-se num marco divisor da política externa norte-americana. Durante o governo de Bill Clinton o multilateralismo<sup>5</sup> foi uma busca constante dos Estados Unidos. Entretanto, após os atentados em 11 de setembro, já no governo de George W. Bush, as intervenções da política externa foram direcionadas pelo que defendem os neoconservadores.

Como resposta aos atos terroristas, os neoconservadores questionaram a eficiência do multilateralismo e passaram a defender um novo posicionamento norte-americano. Charles Krauthammer, considerado neoconservador, deixa clara sua oposição em relação ao multilateralismo:

O multilateralismo se manifesta na busca servil de “legitimidade internacional” e na oposição a qualquer ação americana realizada sem a benção externa universal<sup>6</sup>. (tradução nossa)<sup>7</sup>

Descreveremos alguns pilares do neoconservadorismo, como por exemplo, o intervencionismo não-institucional e o unilateralismo, o que justificaria e apoiaria as intervenções dos Estados Unidos. Ressaltamos que o neoconservadorismo foi uma linha de pensamento que se fez presente durante a Guerra Fria, particularmente ao projetar na União Soviética (URSS) o inimigo dos valores da sociedade norte-americana. No entanto, com a queda da URSS e com as mudanças na política externa norte-americana, o movimento neoconservador adormeceu com seus pensamentos. Devido aos ataques terroristas e à necessidade de uma ação praticamente unilateral dos Estados Unidos, esta linha voltou a ser influente politicamente e a moldar a política externa de George W. Bush.

---

<sup>5</sup> Charles Krauthammer critica o governo de Bill Clinton por este “exagero” de tratados

<sup>6</sup> Krauthammer se refere ao aval da ONU e da opinião pública de outros países.

<sup>7</sup> KRAUTHAMMER, Charles. *Democratic Realism An American Foreign Policy for a Unipolar World*, 2004.

Hoje, no pós 11 de setembro, nós nos encontramos em uma disputa existencial similar, mas com um inimigo diferente: não o comunismo soviético, mas o totalitarismo árabe-islâmico, tanto secular como religioso. (tradução nossa)<sup>8</sup>

Mearsheimer assinala que o neoconservadorismo “é essencialmente um *wilsonianismo*<sup>9</sup> com dentes”<sup>10</sup>. Assim, por trás de todo realismo militar praticado na guerra preventiva, há um ideal de construir ou moldar uma sociedade melhor, de acordo com os valores democráticos norte-americanos, que por sua vez, entram em choque com os fundamentos do mundo muçulmano.

Esta análise nos levará a uma reflexão aprofundada sobre as divergências e as convergências entre estas duas linhas, já que ambas propõem ser a única forma de transformar o mundo: uma orientada pelo Islã e sua doutrina e a outra orientada pelos valores ocidentais vividos e difundidos pelos norte-americanos, conhecidos como valores democráticos<sup>11</sup> e *American way of life*.

Após a descrição das origens do fundamentalismo muçulmano até o surgimento dos primeiros movimentos terrorista e a reação neoconservadora norte-americana será abordado no capítulo III o maior ato terrorista da história sofrido pelos Estados Unidos em seu próprio território, algo inesperado pelos norte-americanos, conforme o discurso do Presidente George W. Bush:

Em 11 de setembro, os inimigos da liberdade cometeram um ato de guerra contra o nosso país. Os norte-americanos têm experiência com guerras, mas nos últimos 136 anos elas vêm acontecendo sempre em território estrangeiro, exceto por um domingo de 1941. Os norte-americanos conhecem as baixas que as guerras causam, mas não no centro de uma grande cidade e em uma manhã pacífica. Os norte-americanos conhecem ataques de surpresa, mas nunca antes tendo como alvos milhares de civis. Tudo isso foi imposto a nós em um único dia, e a noite caiu sobre um mundo mudado, no qual a liberdade está sob ataque.<sup>12</sup>

<sup>8</sup> KRAUTHAMMER, Charles. *Democratic Realism An American Foreign Policy for a Unipolar World*, 2004.

<sup>9</sup> Termo designado para forma idealista de atuar internacionalmente, remontando a imagem do presidente Woodrow Wilson. O idealismo de um mundo melhor proposto por Woodrow Wilson é somado ao poder bélico norte-americano na linha neoconservadora.

<sup>10</sup> TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. *Quatro temas fundamentais do pensamento Neoconservador em política externa*. São Paulo: Dissertação de mestrado em Relações Internacionais apresentada ao programa de pós-graduação Santiago Dantas (PUC-SP/UNESP/UNICAMP), 2007, p.102.

<sup>11</sup> O discurso neoconservador defende que o sistema democrático de governo é o único capaz de garantir a paz na sociedade.

<sup>12</sup> Fonte: < <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI4545142-EI8141,00-Confira+na+integra+o+discurso+de+Bush+apos+os+ataques+de.html> > Acesso em 22/07/2010

Na sequência desta elaboração teórica sobre fundamentalistas, neoconservadores, buscaremos nos capítulos III e IV exemplificar casos de generalizações e afirmações equivocadas sobre estes termos presentes na mídia. Analisaremos a mídia impressa em São Paulo através da Revista *Veja* e dos jornais *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*. O capítulo III será dedicado a uma análise do terror e do terrorismo na mídia. No capítulo IV analisaremos a representação do neoconservadorismo na mídia e o “ponto de virada”, momento em que a opinião pública começou a criticar as ações norte-americanas, principalmente depois da divulgação de arquivos secretos do exército norte-americano no site *Wikileaks*.

Estes dois últimos capítulos serão a base da nossa análise sobre a cultura do medo que é disseminada pela mídia. Analisar a imprensa é algo essencial para identificar as similaridades dos discursos e suas oscilações no decorrer dos fatos:

Toda análise da cultura do medo que ignora a ação da imprensa ficaria evidentemente incompleta. Entre as mais diversas instituições com mais culpa por criar e sustentar o pânico, a imprensa ocupa indiscutivelmente um dos primeiros lugares.<sup>13</sup>

Buscaremos apresentar estatisticamente, o volume de matérias que abordaram nosso objetivo de estudo presentes nos jornais FSP ( *Folha de S. Paulo*) e OESP ( *O Estado de S. Paulo*), isso devido sua grande circulação e periodicidade.

A revista *Veja* em razão de possuir maior quantidade de ilustração, focaremos na relação imagem/texto, e não focaremos na questão estatística. Como complemento, citaremos alguns documentários lançados e filmes que abordaram o assunto de uma forma mais específica.

Por fim, este trabalho tem como objetivo promover reflexões sobre este “choque de civilizações” defendido por Huntington, sobre o papel da mídia neste debate e sugerir que, na realidade, também temos um choque de definições e generalizações sobre as intervenções norte-americanas e o mundo muçulmano.

---

<sup>13</sup> GLASSNER, Barry. *Cultura do medo*. Brasília: Francis, 2003, p.33.

## CAPÍTULO 1 A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”

As relações entre o mundo muçulmano e o Ocidente cristão não foram sempre conflituosas<sup>10</sup>. Entretanto, nas últimas décadas, principalmente após o dia 11 de setembro de 2001, passou a ocorrer um confronto e várias controvérsias entre o mundo muçulmano e o mundo ocidental. O Islã radical, com uma ideologia politizada e de abrangência internacional, se contrapõe aos modelos ocidentais de governo e de organização social. Diante deste “desafio” islâmico, surgiu a necessidade de compreendê-lo, evitando uma interpretação superficial ou até mesmo a própria ignorância da temática.

Ignorar o impacto do Ressurgimento Islâmico sobre a política do hemisfério oriental no final do século XX equivale a ignorar o impacto da Reforma Protestante na política europeia no final do século XVI.<sup>14</sup>

Edward Said relata que há uma falta de compreensão do movimento islâmico nos Estados Unidos:

Gostaria de poder afirmar que a compreensão geral do Oriente Médio, dos árabes e do Islã nos Estados Unidos melhorou um pouco. Mas, infelizmente, o fato é que isso não ocorreu [...] Nos Estados Unidos, o endurecimento das atitudes, o estreitamento tenaz<sup>15</sup> das generalizações desencorajantes e do clichê triunfalista, a supremacia da força bruta aliada a um desprezo simplista pelos opositores e pelos "outros" encontraram um correlativo adequado no saque, na pilhagem e na destruição das bibliotecas e dos museus do Iraque.<sup>16</sup>

O crescente número de debates, reportagens e estudos sobre o islamismo têm proporcionado várias propostas para “solucionar” o conflito. No entanto, nos falta compreender o processo de construção do imaginário a respeito do mundo muçulmano.

---

<sup>14</sup> HUNTINGTON, Samuel P. *Choque de Civilizações*. São Paulo: Editora Objetiva, 1997, p.137.

<sup>15</sup> Said comenta que os Estados se fecham para um verdadeiro entendimento em relação ao Oriente, restringindo-se as generalizações sobre o tema.

<sup>16</sup> SAID, Edward. *O Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo. Cia das Letras, 2007, p.14.

O orientalismo é o termo genérico que venho usando para descrever a abordagem ocidental do Oriente; é a disciplina por meio da qual o Oriente é abordado sistematicamente, como um tema de erudição, de descobertas e de prática. Mas, além disso, eu tenho usado a palavra para designar aquela coleção de sonhos, imagens e vocabulários disponíveis para qualquer um que tenha tentado falar sobre o que está a leste da linha divisória.<sup>17</sup>

Há certa confusão até mesmo na definição de alguns termos que acabam promovendo generalizações na mídia e na literatura. Os termos "árabes", "Oriente Médio", "muçulmanos" e "fundamentalismo" são geralmente utilizados como correlatos. No entanto, sabemos que existe grande diferença entre estas palavras e seus significados. Uma pesquisa realizada por Basnyuoni Hamada trouxe resultados que comprovam a hipótese de que há uma confusão generalizada sobre os termos. Hamada<sup>18</sup> comenta que em uma entrevista com 118 jornalistas, 40% deles afirmaram que árabes e muçulmanos são a mesma coisa.<sup>19</sup>

Embora os termos árabes e muçulmanos coincidam por muitas vezes, os mesmos não podem ser encarados como sinônimos. Uma vez que árabe está relacionado a uma identificação étnica e muçulmano a uma identificação religiosa. Vale destacar que neste trabalho utilizaremos a expressão "mundo muçulmano" para descrever nações predominantemente muçulmanas, mas que não necessariamente são da etnia árabe. Podemos também questionar até mesmo o termo usado para definir uma região geográfica que constantemente é vista como uma região extremamente conturbada politicamente:

O próprio termo Oriente Médio, usado para definir a região geográfica que é hoje lar de cerca de 400 milhões de muçulmanos, comporta discussões. O termo (do inglês *Middle East*) é evidentemente de cunho eurocentrista e data, justamente, do século XIX, época em que o império britânico controlou mares e um quarto da Terra<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> SAID, 2007, p.115.

<sup>18</sup> HAMADA, Basnyuoni. *The Arab image in the minds of western image-makers*. In: The Journal of internacional Communication, V.4, nº1, Sydney, Macquarie University, 2001.

<sup>19</sup> CASTRO, Isabelle Somma. *Orientalismo na imprensa brasileira: A apresentação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11/09/2001*. Dissertação apresentada ao departamento de Letras da Universidade de São Paulo FFLCH-USP, 2007, p.33.

<sup>20</sup> DEMANT, Peter Robert. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004, p.15.

Jack Shaheen<sup>21</sup>, professor da Universidade de Illinois, nomeia o Oriente Médio como uma *Arabland*, região muito diversa, mas que ficou estigmatizada como uma terra desértica, violenta e extremamente religiosa. Utilizaremos este termo para descrever a região do Golfo Pérsico, incluindo Israel e Síria.

Partindo para a construção contemporânea sobre o Oriente Médio, no documentário *Filmes ruins árabes malvados*<sup>22</sup> uma série de estereótipos sobre os árabes recorrentes nos filmes produzidos por *Hollywood* são apresentados sistematicamente. Primeiramente, um fato que chama a atenção é a representação do mundo árabe no cinema infantil. O desenho *Aladdin*, lançado em 1992, possui uma música em sua abertura que provocou grande crítica ao conteúdo da letra. Abaixo traduzimos livremente a versão original em inglês entre 1992 e 1993.

Oh, eu venho de uma terra. De um lugar distante, onde os camelos da caravana percorrem. Onde eles cortam sua orelha se não gosta do seu rosto. É bárbaro, mas, hey, este é o lar.

Devido às críticas, a versão para *DVD home*, a partir de 1993, foi reeditada e recebeu a seguinte letra:

Oh, eu venho de uma terra, de um lugar distante onde os camelos da caravana percorrem, onde é plana e imensa. E o calor é intenso, é bárbaro, mas hey, ele está em casa.  
[...]  
Noites na Arábia e o cair da lua árabe. Um tolo desprevenido poderia cair, e cair duro lá fora nas dunas.

O documentário se detém apenas na primeira versão 1992/1993. Mas com base neste apontamento, buscamos as traduções em português e espanhol para identificarmos se a representação sobre o mundo árabe na música permanece semelhante à primeira versão norte-americana. Na versão em português, encontramos outro termo complicador inserido na letra na música. Além da frase que indica uma mutilação do corpo por um motivo banal (semelhante à primeira versão norte-americana) descobrimos um acréscimo sobre as orgias da Arábia:

---

<sup>21</sup> Autor do documentário *Reel Bad Arabs* e dos livros *The TV Arab* (1984) e *Arab and Muslim Stereotyping in American Popular Culture* (1997).

<sup>22</sup> *Reel Bad Arabs: How Hollywood Vilifies a People*. 2006, 50 min.

Venho de um lugar onde sempre se vê uma caravana passar, vão cortar sua orelha para mostrar pra você como é bárbaro o nosso lar.

[...]

A noite da Arábia, e o dia também é sempre tão quente que faz com que a gente se sinta tão bem.

Tem um belo luar e orgias demais. Quem se distrair pode até cair e ficar para trás.

Na versão em espanhol da Espanha não há o verso sobre a mutilação, mas foi inserido o fator religioso (matar em nome de Alá) e sobre a lei da região:

Eu venho de onde a data é indicada. E os nômades bebem chá. E se eles não gostam de você lá, encomendarão a Alá. É difícil, eu sei, e daí?

[...]

Se você vai para a Arábia, você não deve esquecer que lá há outra lei. Você deve atender se você quer viver.

Também há na versão em espanhol para América Latina a frase sobre a mutilação:

Eu venho de um lugar, uma terra inigualável onde você vê passar caravanas. E se eles não gostam de você lá, eles vão te mutilar. Essa barbárie! Mas este é o meu lugar.

[...]

Arábia é como noite e dia, calor intenso, eu não vi nada pior, tudo pode acontecer.

Na versão em português, a referência às orgias no mundo árabe não é algo novo. Por séculos esta imagem se perpetuou no imaginário ocidental. A dança do ventre e o harém são vistos geralmente como parte de toda a cultura árabe, sendo ambos com elevado grau de erotismo de acordo com a visão ocidental. Ao citar as orgias o autor apenas retomou este imaginário já praticamente cristalizado na mídia ocidental<sup>17</sup> com os relatos dos viajantes europeus em terras árabes, entre os séculos XVIII e XIX. Aos que não viajavam, a imagem dos povos árabes estava estritamente relacionadas aos relatos dos viajantes.

Visitantes europeus a países islâmicos ficavam intrigados pelo que sabiam ou, mais precisamente, pelo que ouviram acerca do sistema do harém, e alguns deles falam com uma inveja mal disfarçada e mal informada do que imaginam serem os direitos e privilégios de um marido e chefe de família muçulmano.<sup>23</sup>

No cinema são vastos os exemplos desta visão de árabes entregues à luxúria, ricos e intolerantes. O documentário *Reel Bad Arabs* aponta vários trechos de filmes produzidos neste sentido. Destacamos o filme de 1981 *Cannonball Run 2*, que de forma cômica retrata este estereótipo que descrevemos acima.



Figura 1 Frame do filme *Cannonball Run 2* (1981)



Figura 2 Frame do filme *Cannonball Run 2* (1981)<sup>24</sup>

A imagem do harém e da vida escrava das mulheres no mundo ocidental é recorrente no pensamento ocidental. No entanto, além do sistema de harém ser diferente de acordo com a sociedade inserida, a mulher também possuía certa liberdade secular de acordo com o grau de abertura concedido a ela:

<sup>23</sup> LEWIS, Bernard. *O que deu errado no Oriente?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 78.

<sup>24</sup> O frame captado contém um erro ortográfico na legenda em português. Onde se lê "gurde o troco", leia-se "guarde o troco".

A reclusão do harém não significava que a mulher era totalmente excluída da vida. Dentro dos aposentos femininos das grandes famílias, em visitas umas às outras, nas casas de banho públicas, que eram reservadas para as mulheres em momentos especiais, e nas celebrações de casamentos ou nascimentos de filhos, as mulheres encontravam-se e mantinham uma cultura própria.<sup>25</sup>

Com o tempo, a imagem feminina árabe passou de mulher do harém ou da dança do ventre para a mulher de burca e totalmente subjugada. Evidentemente, em alguns grupos mais radicais, a mulher passou a ser uma propriedade do homem sem grande liberdade de escolha. Mas isso não é um fato pertencente a todas as famílias muçulmanas e, muito menos, presente no mundo muçulmano anteriormente ao movimento fundamentalista islâmico. Na verdade, o islamismo, por muitas vezes, promoveu maior segurança às mulheres se comparado aos tempos pré-islâmicos nas sociedades árabes, conforme comenta Albert Hourani:

O Corão afirmava em termos claros a igualdade essencial de homens e mulheres: “O justo, homem ou mulher, sendo um dos crentes entrará no Jardim”. Também ordenava a justiça e a bondade no trato entre muçulmanos. Parece provável que suas cláusulas em relação ao casamento e à herança desse às mulheres uma posição melhor do que tinham na Arábia pré-islâmica.<sup>26</sup>

Vários filmes produzidos no Ocidente representaram árabes cheios de estereótipos antigos: mulheres no harém, árabes milionários ou extremamente pobres. Resumindo de uma forma superficial, poderíamos dizer que a dança do ventre e os sheiks do petróleo eram, basicamente, o que a população ocidental conhecia sobre o Oriente. Após a Guerra do Golfo, estas imagens foram gradativamente substituídas por um estereótipo mais violento, reflexo dos conflitos armados que aumentaram na região após as intervenções norte-americanas.

Por outro lado, também temos a construção da imagem sobre o Ocidente produzida nos países árabes. As primeiras impressões sobre a interação Oriente e Ocidente entre os séculos XVII e XIX estão bem representadas nos relatos dos viajantes. Lewis fornece um exemplo, um relato de um turco que visitou Viena em 1665. O turco Evliya Çelebi foi um famoso escritor e desempenhava um papel diplomático entre os Estados:

<sup>25</sup> HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.176.

<sup>26</sup> *idem*.

Neste país vi um espetáculo extraordinário. Sempre que o imperador encontra uma mulher na rua, se está a cavalo, faz seu animal parar e deixa-a passar. Se o imperador está a pé e encontra uma mulher, detém-se numa postura de polidez. A mulher saúda o imperador, que então tira o chapéu da cabeça para lhe mostrar respeito [...] Neste país e em geral nas terras infiéis, as mulheres têm precedência. São honradas e respeitadas por amor à Mãe de Deus.<sup>27</sup>

O estranhamento de Evliya neste relato vai além do respeito aparente partindo de uma autoridade (homem) para uma mulher. Também devemos destacar o fato de entrar em questão o termo Mãe de Deus. Partindo do ponto de vista muçulmano esse ponto da teologia católica cristã é inconcebível.

Outro relato presente na obra de Lewis é de autoria de um embaixador otomano que visitou Paris em 1806:

Nos banquetes europeus muitas mulheres estão presentes. As mulheres sentam-se à mesa enquanto os homens sentam-se atrás delas, observando como animais famintos as mulheres comerem. Se as mulheres se apiedam deles, dão-lhes alguma coisa para comer. Se não os homens ficam com fome.<sup>28</sup>

Muito nos estranha tal relato de uma supremacia total das mulheres sobre os homens. Sabemos que na história ocidental, principalmente neste período, a mulher não possuía grandes liberdades ou tamanha autoridade sob os homens a ponto de deixá-los com fome em um banquete. Entretanto, este relato não é mais improvável que os relatos ocidentais sobre o que se passava nos haréns árabes.

Desde o início, a recepção do Ocidente no Oriente Médio ficou marcada por uma profunda ambivalência. Por um lado, houve admiração pela tecnologia e pelas indústrias europeias, ferramentas eficientes para subjugar inimigos. Isso conduzia a um desejo de imitar a ciência e as técnicas do Ocidente. Por outro lado, o Ocidente despertou repugnância.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> LEWIS, 2002, p.77.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p.79.

<sup>29</sup> DEMANT, 2004, p.81.

Por fim, outro exemplo deste estranhamento cultural entre Oriente e Ocidente, é um relato de Sayyid Qtub<sup>30</sup> – um egípcio que estudou nos Estados Unidos – publicado no jornal *Al-Risala* em 1951:

O americano é primitivo em seu gosto artístico, tanto no que ele gosta de arte e em seus próprios trabalhos artísticos. Jazz "música" é sua música preferida. Esta é a música que os negros inventaram para satisfazer as suas inclinações primitivas, assim como seu desejo de ser barulhento, por um lado e para excitar as tendências bestiais, por outro. O norte-americano de intoxicação em "jazz", a música não chega ao seu cumprimento integral até a música é acompanhada por canto que é tão grosseiro e desagradável como a própria música. Enquanto isso, o ruído dos instrumentos e das vozes monta, e soa nos ouvidos a um grau insuportável. A agitação da multidão aumenta, e as vozes de aprovação, e as palmas das mãos no anel contínuo, aplausos veementes de todos, mas ensurdece os ouvidos.(Tradução nossa)<sup>31</sup>

Com o acirramento das disputas ideológicas entre Ocidente (Estados Unidos e Europa) e o mundo muçulmano no século XX<sup>32</sup>, a representação do mundo ocidental também passou a ser mais violenta, sendo os Estados Unidos o grande alvo da mídia presente nos países muçulmanos.

Temos alguns exemplos (extremos), no documentário *Obsession: Radical Islam's War Against the West*<sup>33</sup>. Nele podemos analisar algumas propagandas realizadas pelo governo iraniano na televisão e alguns discursos na TV iraquiana.

Em primeiro lugar, destacamos uma utopia divulgada no Canal 1 iraniano que diz: "Um mundo sem América":



Figura 1 Frame da propaganda do governo iraniano no Canal 1

<sup>30</sup> No capítulo II detalharemos a importância de Qtub para o movimento fundamentalista.

<sup>31</sup> Fonte: Hudson Institute, disponível em: <<http://www.currenttrends.org/research/detail/said-qtub-on-the-arts-in-america>> Acesso em 06/12/2010. Traduzido do árabe para inglês por Daniel Burns

<sup>32</sup> Este tema será abordado no capítulo II

<sup>33</sup> *Obsession: Radical Islam's War Against the West*, 2005, 75min.

O mesmo símbolo norte-americano – a Estátua da Liberdade – é apresentada em um mar de sangue na *Irinn TV*.



Figura 3 Frame da propaganda do governo iraniano na Irinn TV

Até mesmo um programa humorístico da *Abu-Dhabi TV*, nos Emirados Árabes, apresenta judeus que ao invés de beberem vinho precisam beber sangue árabe.



Figura 2 Frame do programa humorístico da TV *Abu-Dhabi*

Evidentemente, este programa de comédia não se distancia muito da realidade dos filmes de *Hollywood* que por muitos anos apresentaram ao mundo ocidental a imagem distorcida e generalizada do árabe e do muçulmano. No frame abaixo destacamos um trecho de um clipe musical veiculado na *TV Sahar* no Iram. O refrão da música veicula a imagem de George W. Bush ao Satã<sup>34</sup>.

<sup>34</sup> Destacamos que a figura de Satã para o islamismo, possui certas diferenças como Satã do cristianismo. De qualquer forma, Satã é visto como uma figura que contraria a divindade e leva a humanidade à decadência.



Figura 3 Frame da propaganda do governo iraniano na Sahar TV

Complementando nossa análise, apresentaremos dois discursos veiculados nos canais de televisão do Oriente Médio. Um discurso transmitido na rede iraquiana e outro na rede iraniana.

Americanos, seu presidente, ingleses e seus seguidores. Sionistas, os dissidentes podres da entidade. Alá é maior. Se Alá permitir a nação de Maomé até as pedras dirão: muçulmano há um judeu atrás de mim, venha e corte sua cabeça. E nós cortaremos a cabeça por Alá, por Alá cortaremos. Alá é maior.<sup>35</sup>

Eles vieram lutar contra o Iraque. Então, eles vieram lutar contra o Islã. Portanto, todo muçulmano ou homem honrado não-muçulmano deve ficar contra americanos, ingleses e israelenses e colocar seus interesses em risco onde estiverem.<sup>36</sup>

Estes discursos certamente são observados por muitos muçulmanos da região. Isso, atrelado a um regime autoritário que inibe a imprensa, faz com que as pessoas destes países que não possuem outro canal de informação aceitem este fato como plena realidade, tornando alguns extremamente hostis ao Ocidente.

<sup>35</sup> Discurso feito pelo Shaykh Bakr al-Samarra'i transmitido pela Tv iraquiana em fevereiro de 2003. Disponível em : <<http://www.youtube.com/watch?v=AFAkmsszTD8>>. Acesso em 03/07/2013.

<sup>36</sup> Discurso feito pelo Ayatollah Ahmad Jannati transmitido pela TV iraniana. Disponível em: *Obsession: Radical Islam's War Against the West*, 2005. Ahmad Jannati é um líder político e religioso do Irã.

Percebemos nesta breve análise que a construção sobre a imagem do “outro” é fruto de um processo histórico. Além da literatura e termos já cristalizados sobre este “outro”, temos também o papel da mídia presente tanto no Ocidente quanto no Oriente. Muitas vezes, devido ao apego da mídia nos casos extremos de crueldades presentes no Ocidente e no Oriente, ambos se enxergam como um perigo que deve ser combatido ou modificado. Said, além de criticar os estudos produzidos na academia por europeus e norte-americanos (chamando de sabedoria belicosa), também aponta para outros fatores que acentuam o preconceito ocidental contra o Oriente.

Toda essa sabedoria belicosa é acompanhada pelas onipresentes CNNs e Foxs deste mundo, juntamente com a quantidade mirífica de emissoras de rádio evangélicas direitistas, além de incontáveis tablóides e até jornais de porte médio, todos reciclando as mesmas fábulas inverificáveis e as mesmas vastas generalizações com o propósito de sacudir a “América” contra o diabo estrangeiro.<sup>37</sup>

Said também comenta que boa parte dos debates sobre o terrorismo vinculados à religião muçulmana promove apenas a polêmica sobre os fatos, sem levar em conta um trabalho de aproximação ou de melhor compreensão sobre as diferentes culturas:

Quando alguém se baseia em publicistas, intelectuais e jornalistas como Charles Krauthammer, Sergi Stankevich e Bernard Lewis, a argumentação já é tendenciosa em favor do conflito e da polêmica, em vez da verdadeira compreensão e do tipo de cooperação entre os povos de que nosso planeta necessita.<sup>38</sup>

Diante deste ambiente propenso ao conflito, um clima de insegurança torna-se presente em boa parte da população. Surge, então, o momento adequado para o discurso político promover segurança a seu povo. O medo promovido por tais representações serve como instrumento para que fundamentalistas e neoconservadores defendam seus interesses e conquistem simpatizantes. “*O medo*

---

<sup>37</sup> SAID, 2007, p.16.

<sup>38</sup> SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.318.

*torna o governante, a pretexto de proteger seus súditos de ameaças externas ou internas, absoluto em seu poder*<sup>39</sup>.

Neste próximo item, apontaremos as afirmações presentes na literatura, no cinema e nos discursos religiosos ocidentais sobre o mundo muçulmano. Em contrapartida, apontaremos alguns ideais do próprio islamismo e defendidos por muitos muçulmanos que se contrapõe a toda construção teórica e imaginária produzida pelo Ocidente.

### **1.1 A Casa da Paz – *Dar al Islam***

Constantemente, ouvimos algumas afirmações sobre o islamismo repletas de severas críticas e conceitos infundados. Mas, afinal, de onde vem a construção ocidental do orientalismo que não é capaz de distinguir claramente os tipos de islamismo? O que seria a Casa da Paz?

Para responder a estas questões utilizaremos primeiramente os textos de Edward Said, grande crítico literário de origem árabe, que lecionou nas mais influentes universidades norte-americanas. Para Said, em sua obra *Orientalismo*<sup>40</sup>, há uma falta de entendimento sobre o que é ser oriental, principalmente quando se trata do Oriente Próximo.

O orientalismo não só cria, mas igualmente mantém, mais do que expressa, uma certa vontade ou intenção de compreender, em alguns casos controlar, manipular e até incorporar o que é um mundo manifestamente diferente.<sup>41</sup>

Esta imagem negativa foi construída há séculos, desde as primeiras viagens dos europeus para o Oriente Médio como analisamos anteriormente. As diferenças culturais eram grandes. Costumes, língua e religião formavam um abismo entre as culturas (de europeus e árabes e, posteriormente, dos turcos). O comércio lhes unia, assim como o interesse europeu pelo exótico também promovia relações entre os

---

<sup>39</sup> KEHL, Maria Rita. *Elogio ao Medo*. In: NOVAES, Adalberto. *Ensaio sobre o Medo*. São Paulo: Editora Senac, 2007, p.95.

<sup>40</sup> Orientalismo, para Said, é toda obra literária ocidental que tenta descrever o Oriente e sua organização social. Estas obras formaram um conhecimento comum no Ocidente sobre o Oriente, conhecimento que se desprende de seu verdadeiro objeto e distorceu alguns valores da cultura oriental.

<sup>41</sup> SAID, 2007, p.41.

povos. Mas, de fato, o sentimento de superioridade europeia promoveu a construção documental e imaginária de um oriente “atrasado e brutal.” “*Todo orientalismo representa e se afasta do Oriente: o fato de o orientalismo fazer sentido depende mais do Ocidente do que do Oriente*”.<sup>42</sup>

Assim, percebemos que a má compreensão do mundo muçulmano e do mundo árabe deve-se a um processo histórico de documentações e representações. Uma construção marcada pelas afirmações das diferenças: somos (ocidente) civilizados, eles (oriente) são bárbaros; somos cristãos e eles são infiéis. Até mesmo os filmes de *Hollywood*<sup>43</sup> deixam claramente a dualidade entre bem e o mal, representada por Ocidente e Oriente.

Um conceito pouco discutido no Ocidente é sobre o que seria a Casa da Paz – o *Dar al Islam* – e qual o modelo idealizado por estudiosos muçulmanos deste tipo de sociedade. Analisando qual a ética que seria vigente nesta sociedade, podemos compreender como seria hipoteticamente a Casa da Paz em sua plenitude. Há duas visões sobre a constituição do *Dar al Islam*<sup>44</sup>. A primeira versão diz que o *Dar al Islam* é consolidado quando uma nação muçulmana está sob regência de um líder muçulmano e as leis da nação baseadas no Corão e na *Sharia*.

Por outro lado, a segunda versão afirma que não é necessário estar sob liderança e sob leis muçulmanas, mas o *Dar al Islam* pode ser vivido em terras não muçulmanas que respeitem as crenças do Islã, proporcionando liberdade religiosa e direitos civis comuns. Ambas as versões demonstram que o *Dar al Islam* é um estilo de vida desejado pelos muçulmanos e que dentro dele há uma ética própria, por sua vez pouco é conhecida. Por este motivo, exploraremos qual ética estaria em vigor neste estilo de vida.

Faremos duas afirmações constantes no Ocidente que, em sequência, serão contrapostas com os princípios defendidos pelo Islã:

- O Islã é uma religião violenta:

Seria contraditório dizer que a Casa da Paz é a favor da violência. Esta

---

<sup>42</sup> SAID, 2007, p.52.

<sup>43</sup> O documentário *Reel Bad Arabs: How Hollywood Vilifies a People*, de Jack Shaheen, elenca várias cenas de filmes de Hollywood que mostram árabes como malvados, sujeitos e entregues à luxúria.

<sup>44</sup> ISBELLE, Sami Armed. *O Estado islâmico e sua organização: Sistema político, sistema econômico, sistema jurídico, sistema penal, conceito de Jihad*. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2008 p.41.

afirmação vem tomando corpo a cada ato terrorista veiculado pela mídia e redes sociais. Mas não é feita nenhuma ressalva sobre em qual origem político-religiosa os ataques surgiram. Os grupos terroristas são uma minoria dentro do Islã. Não se pode generalizar este conceito e nem atribuir toda responsabilidade à religião muçulmana. É importante ressaltar que os atos terroristas são condenados pela maioria dos muçulmanos, sendo ações contrárias aos princípios *Ethos* que o Corão descreve:

O Alcorão diz: “Combatei pela causa de Deus aqueles que vos combatem; porém não provoqueis, porque Deus não estima os agressores<sup>45</sup>[...] A guerra, portanto, é último recurso e está sujeita às condições decretadas pela lei sagrada. (HAYEK, p.26)

- O Islã é intolerante:

Ao analisar os textos do Corão, há momentos em que são mencionadas intolerâncias com as religiões, em outras passagens, a tolerância é pregada. Estas diferenças de posicionamentos podem ser reflexos de acordo com as fases que islamismo primitivo vivenciou, e deve ser levado em consideração para uma exegese do texto. Em momentos de paz, certamente é possível a tolerância:

Vejamos o que nos relata o Alcorão da maneira que devemos divulgar o Islã e tratar os não muçulmanos: “Não há imposição quanto à religião, porque já se destacou a verdade do erro. Quem renegar o sedutor e crer em Deus, Ter-se-á apegado a um firme e inquebrantável sustentáculo, porque Deus é Oniuvinte, Sapientíssimo<sup>46</sup> e “Convoca (os humanos) à senda do teu Senhor com sabedoria e a uma bela exortação; dialoga com eles de maneira benevolente, porque teu Senhor é o mais conhecedor de quem se desvia da Sua senda, assim como é o mais conhecedor dos encaminhados”.<sup>47</sup>

Devemos ressaltar também que muçulmanos permitiram a convivência pacífica entre judeus e cristãos na cidade de Jerusalém – uma característica do *Dar al Islam*, pois sua compreensão de sagrado não implicava no afastamento de

---

<sup>45</sup> Alcorão 2:190

<sup>46</sup> Alcorão 2:256

<sup>47</sup> ISBELLE, 2008 p.65.

estrangeiros. Por outro lado, judeus na Antiguidade resistiram a uma convivência pacífica com povos de outro credo. Mais tarde, o cristianismo, durante as cruzadas também foi contra esta convivência ecumênica em várias regiões da Europa.

Os islamistas haviam criado um sistema que permitiu, pela primeira vez, a convivência de judeus, cristãos e muçulmanos em Jerusalém. Desde que os judeus retornaram do exílio da Babilônia, os monoteístas passaram a veicular a santidade da cidade à exclusão de estrangeiros. Os maometanos, porém, tinham uma ideia mais abrangente do sagrado: a coexistência das três religiões de Abraão, cada qual ocupando um espaço próprio e realizando os cultos em templos próprios, refletia sua visão de continuidade e da harmonia de toda religião corretamente orientada, que só podia derivar de um único Deus.<sup>48</sup>

Além disso, vale destacar a caridade promovida pelo Islã. Um de seus pilares (práticas fundamentais) é a contribuição financeira – o *Zakat* – que servira como uma forma de distribuição de renda para os mais necessitados. Para os muçulmanos da linha sunita este valor corresponde em torno de 2,5% de seu lucro anual. Interessante analisar a preocupação dos muçulmanos com o futuro de seus velhos membros:

No mundo islâmico não há asilo para idosos. A incumbência de se cuidar dos pais nesse período difícil da vida destes é considerada uma honra e benção, e uma oportunidade de elevação espiritual.<sup>49</sup>

Com este vasto campo pouco explorado pelo Ocidente, logo percebe-se uma falta de compreensão sobre o Oriente e, principalmente, falta distinguir as subculturas que existem dentro da rica cultura oriental. Realmente, a complexidade de uma civilização impede a elaboração de uma teoria única para definir a mesma. Na prática é necessário ter cuidado com as generalizações ao relatar algo sobre o islamismo, já que não se pode pensar em um Islã monolítico. Na verdade, há vários tipos de comportamentos sociais que professam a fé islâmica. Certamente, há diferenças entre ser muçulmano no Egito e ser um muçulmano no Irã, como também há diferenças entre ser terrorista e um fundamentalista que somente quer preservar a sua fé. Estas diferenças não são muito claras para grande parte da sociedade

---

<sup>48</sup> ARMSTRONG, 2001, p.303.

<sup>49</sup> FARUQUI, Isamil Raji al. *At Tauhid (o monoteísmo): Suas implicações para o pensamento e a vida.* [s.n.t.], p.25.

ocidental.

É necessário diferenciar o que a grande população da religião muçulmana pratica dos atos isolados e extremados que se tornaram grandes devido à mídia ocidental. O *ethos* e a moral do Islã vão além dos aqui expostos. Mas, baseados nestes pode-se perceber que seu *ethos* tem muito a contribuir com a sociedade, desde que os maus não prevaleçam e que os ocidentais não deturpem o *Ethos* ainda desconhecido.

## 1.2 Casa da Guerra – *Dar al Harb*

A Casa da Guerra é o oposto do *Dar al Islam*, que também pode ser compreendida de duas maneiras. A primeira, que no *Dar al Harb* está toda nação não muçulmana que é hostil ao Islã e que não permite a liberdade religiosa dos fiéis. E a segunda forma de entendimento é que no *Dar al Harb* está toda nação nas quais os muçulmanos são perseguidos, podendo ser até mesmo um país onde eles sejam a maioria<sup>50</sup>. O *Dar al Harb* pode ser entendido como toda forma de governo que oprima o povo muçulmano e este deverá ser combatido baseando-se em “*Combatei, pela causa de Deus aqueles que vos combatem*”<sup>51</sup>. Partindo deste aspecto poderemos elencar algumas características de *Dar al Harb* vistas pelos islamistas radicais no Ocidente, principalmente nos Estados Unidos.

Antes desta análise, é necessário citar que também há uma falta de compreensão do Ocidente no Oriente. Assim como o Ocidente criou imagens equivocadas, massificando estereótipos negativos sobre os povos árabes, o contrário também é verdadeiro. Constantemente a mídia árabe se refere ao Ocidente como a Casa da Guerra e seus líderes como parceiros de Satã. Isso fica evidente no documentário *Obsession: Radical Islam's War Against the West*, que compila alguns comerciais veiculados na mídia árabe muçulmana. Com essa devida ressalva, podemos encontrar elementos que colaboram para que as potências do Ocidente sejam consideradas como *Dar al Harb*.

A característica mais nítida de *Dar al Harb* é a perseguição ao povo muçulmano, que pode se dar de diversas formas. Podemos citar o caso da proibição

---

<sup>50</sup> Cf. ISBELLE, 2007, p.41.

<sup>51</sup> Alcorão 2:190.

das burcas na França com a seguinte afirmação de Sarkozy: “A burca não é um símbolo religioso, é um símbolo da subjugação das mulheres”<sup>52</sup>. Semelhantemente, há o caso das construções de minaretes<sup>53</sup> que foram proibidas na Suíça com apoio da população (57% dos votos)<sup>54</sup>. Estas duas questões são de grande polêmica e muito debatidas entre líderes políticos e religiosos. Mas, certamente, ao verem anulada uma prática do islamismo, os muçulmanos consideram a ação uma perseguição à religião. Com isso, os mais extremados encontram espaço para defender sua ideologia de que estes países fazem parte de *Dar al Harb*.

Estes dois casos citados são fatos após os atentados ao *World Trade Center*. No entanto, temos os embargos econômicos e a presença militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico que também são fatos considerados inaceitáveis pelo movimento fundamentalista radical.<sup>55</sup>

Estes dois casos podem ser analisados com a perspectiva do Corão como uma agressão de *Dar al Harb*. Em relação ao embargo econômico sofrido desde a Guerra do Golfo<sup>56</sup>, podemos citar algumas *Sunas*<sup>57</sup> que condenam o aprisionamento de mercadorias e manipulação de preços.

Disse o profeta Muhammad (Que a benção e a paz de Deus estejam sobre ele): “Aquele que apreender uma mercadoria está cometendo um erro”. (Compilado por Musslim e Ibin Mája) e disse também o profeta: “Aquele que interfere nos preços dos produtos dos muçulmanos com o fim de elevá-los merece que Deus o faça sentar-se no fogo no dia do Juízo Final”. E disse: “Aquele que retirar um alimento do mercado por quarenta dias está se afastando de Deus e Deus está se afastando dele”<sup>58</sup>.

A presença militar dos Estados Unidos em território muçulmano também pode ser considerada como uma ação de *Dar al Harb*, pois trata-se de uma nação em terra muçulmana – que deveria ser a de *Dar al Islam* – que os hostiliza, segundo a visão de alguns muçulmanos. Sami Isbelle comenta sobre as ocupações de

<sup>52</sup> Fonte: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,burcas-nao-tem-lugar-na-franca-diz-sarkozy,391152,0.htm>> acesso em 22/09/2011.

<sup>53</sup> Minarete é uma torre que faz parte das mesquitas muçulmanas. Nela é realizada a chamada para as orações diárias.

<sup>54</sup> Fonte: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,suica-aprova-proibicao-a-minaretes-e-gera-protestos,473989,0.htm>> Acesso em: 22/09/2011.

<sup>55</sup> No capítulo II exploraremos a relação da Fatwa assinada por Osama bin Laden e os embargos econômicos impostos ao Iraque pela ONU.

<sup>56</sup> Algumas flexibilizações de comércio foram cedidas ao Iraque desde a aplicação do embargo econômico em 1990 até a aprovação da resolução 1.483 que coloca um fim no embargo.

<sup>57</sup> Texto que comenta sobre a vida de Mohamad fornecendo exemplos práticos das aprovações e reprovações de conduta feitas por Mohamad.

<sup>58</sup> ISBELLE, 2007, p.113.

estrangeiros:

No entanto, o Islã estabelece que a paz é alcançada com a verdade e a justiça. Existem situações em que não podemos apenas ficar parados e permitir que os nossos opositores, por exemplo, invadam nossas terras, ocupem nossas casas e, simplesmente, digamos que perdoamos, podem ficar e nos dominar. Nesse tipo de situação, devemos defender-nos e evitar um mal maior [...]<sup>59</sup>

Com isso, podemos concluir que não é difícil vincular potências ocidentais ao termo *Dar al Harbe*. Aqueles que reforçam esta crítica especialmente aos Estados Unidos e a Europa Ocidental também cometem equívocos ao abordarem estas nações. Não são levados em conta os milhares de muçulmanos que vivem pacificamente e sem perseguição nestes países, desfrutando dos benefícios sociais oferecidos pelos governos locais, que por sua vez cobram o cumprimento das leis que regem o país. Por isso, percebemos que há uma grande tendência de generalizações das duas partes, sempre dando maior ênfase ao lado negativo. Assim como na Bíblia cristã, na qual alguns versículos podem gerar inúmeras interpretações, o Corão também permite essa opção e se torna um instrumento nas mãos de poucos radicais que tentam nomear como *Dar al Harb* outras nações, justificando o combate contra elas.

---

<sup>59</sup> ISBELLE, 2007, p.57.

## CAPÍTULO 2 OS FUNDAMENTALISMOS E A POLÍTICA

Para entender o significado do termo fundamentalismo primeiramente é necessário analisar o contexto histórico em que ele foi utilizado pela primeira vez. O fundamentalismo nasceu entre os séculos XIX e XX, no seio de algumas religiões protestantes dos Estados Unidos, razão pela qual alguns autores preferem não utilizar o termo “fundamentalismo” ao movimento muçulmano, por isso utilizam o termo “Islamismo Radical” ou “Radicalismo Islâmico”. De qualquer forma, há uma forte semelhança entre as origens do movimento fundamentalista norte-americano e do movimento islâmico radical. Por este motivo, e por inexistir um termo específico para nomear o movimento islâmico, utilizaremos o termo fundamentalismo para o Islã radical, uma vez que este termo é o mais aceito e utilizado atualmente.

Como este termo pode ser compartilhado entre o protestantismo e o islamismo<sup>60</sup>, se faz necessário encontrar as semelhanças citadas anteriormente. Assim, pode-se comparar e analisar a profundidade do termo.

Para compreender o fundamentalismo é necessário, portanto, levar em conta a complexidade de significados que o conceito adquiriu em sua trajetória na história, as diferentes significações que a palavra desenvolveu e, principalmente, as diversas aplicações no contexto social, político e religioso atual.<sup>61</sup>

Durante o século XIX, a sociedade americana vive um grande avanço tecnológico e científico, retomando assim os valores do Iluminismo europeu, quando a razão estava acima de qualquer outro conhecimento cujo fundamento está assentado na espiritualidade individual. Essa mudança de pensamento proporcionou as bases para uma futura secularização do Estado norte-americano, ainda em processo. Porém, com fortes tendências ao retorno religioso. Este período de modernização impactou profundamente o modo de vida dos americanos que viviam nos grandes centros urbanos.

---

<sup>60</sup> Vale destacar que este termo também é utilizado em outras religiões (judaísmo e hinduísmo).

<sup>61</sup> ORNELAS, Cesar Vinícius Alves. *A sedução da intolerância: fundamentalismo e fundamentalismos de um século em construção*. São Paulo: Religião e Cultura, 2002, p.20.

A cada dia, o *American Way of Life* se acentuava. Nascia uma geração consumista e preocupada com a constante atualização das novas tecnologias de mercado. Muitas vezes, a religião não mais encontrava o seu espaço na vida cotidiana do povo. Essa modernização rápida da sociedade norte-americana acabou refletindo em uma valorização das ciências e em certa rejeição dos assuntos teológicos. Neste período, as concepções darwinianas passaram a interessar muitas pessoas não acadêmicas. As mulheres buscam sua emancipação. Os jovens norte-americanos iniciam uma vida independente, separando-se dos pais antes de formar a própria família.

[...] Nietzsche proclamou que “Deus estava morto”. Alguns descartaram o cristianismo e se conciliaram com o ateísmo, sem esperança de qualquer recompensa ou retribuição numa vida pós-morte [...] Outros buscaram alguma religião substitutiva no Oriente. Para muitos, contudo, a própria ciência tomou lugar da religião.<sup>62</sup>

Em contrapartida a este movimento modernista, algumas pessoas, em sua maioria do meio rural e que foram menos favorecidas economicamente com a modernidade<sup>63</sup>, não conseguiram acompanhar o movimento que pairava no Estado norte-americano, tão pouco entender ou aceitar o pluralismo de ideias que surgia no período. Pequenos comerciantes estavam perdendo seu espaço de mercado para as grandes corporações. Pequenos agricultores não conseguiam mais suprir a demanda de mercado com sua forma de produção “desatualizada”.

Além de tais fatores, alguns valores também estavam se perdendo ao longo do tempo e se chocando com os princípios bíblicos do cristianismo. Como mencionado anteriormente, os jovens abandonavam seus lares cada vez mais cedo, formando uma vida totalmente independente. Este ato acabou confrontando o preceito bíblico da instituição familiar, defendido através do versículo bíblico: “*Por isso, deixará o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne*”<sup>64</sup>.

A afirmação de Darwin, por sua vez, confronta toda a teoria do criacionismo<sup>65</sup>,

---

<sup>62</sup> DEMANT, 2004, p.196.

<sup>63</sup> Novas tecnologias de produção e comunicação

<sup>64</sup> Gênesis, 2:24.

<sup>65</sup> Charles Darwin em sua obra *A Origem das Espécies* elabora através de empiria o conceito de evolução das espécies. De acordo com sua teoria, as espécies que habitam a Terra sofrem mutações ao longo do tempo para garantir sua permanência. A

que diz: “No princípio, Deus criou os céus e a terra” (Gênesis, 1:1).

O conjunto dos fatores supracitados faz com que estas pessoas – os menos favorecidos com a modernidade – criem um sentimento de que algo está errado, e que há uma condição de incerteza e insegurança, tal como comenta Peter Berger:

“O pluralismo cria uma condição de incerteza em relação ao que deveria crer e ao modo como se deveria viver; mas a mente humana abomina a incerteza, sobretudo no que diz respeito ao que se conta na vida.”<sup>66</sup>

Este algo errado que gera a incerteza é o apego ao mundo moderno e o desapego aos preceitos bíblicos, segundo a visão fundamentalista. O declínio econômico e a alienação no mundo moderno desta classe vêm reafirmar a necessidade da volta ao sagrado. Para contrapor toda esta modernidade, o movimento protestante pretendia alertar a todos sobre o perigo que há em abandonar o sagrado e a necessidade de voltar aos tempos antigos.

Pode-se mencionar uma passagem bíblica que se torna apropriada para contrapor a busca incessante ao conforto moderno: *“É melhor um bocado seco e com ele a tranquilidade, do que a casa cheia de iguarias e com ela a desavença”*<sup>67</sup>. A partir desta necessidade de retorno, nasce o fundamentalismo protestante norte-americano. Claro que este não é um único fator para o surgimento do movimento, pois também há um caráter de contraposição ao liberalismo teológico<sup>68</sup> desenvolvido na Alemanha. É neste contexto que o fundamentalismo, além de alertar o mundo, vem reafirmar a infalibilidade da Bíblia, que deve ser a base (fundamento) para a sociedade.

Fundamentalismo é um fenômeno marcante moderno, expressão de uma reação às influências da globalização e do pluralismo. Ao acentuar dissonâncias cognitivas, o pluralismo provoca em indivíduos ou grupos um sentimento de insegurança significativamente ameaçador para a plausibilidade de sua inserção no mundo.<sup>69</sup>

---

partir deste conceito, todos os seres que ainda existem sofreram adaptações e tornaram-se mais complexos. Estas afirmações e toda sua obra vão contra o princípio criacionista bíblico, que se baseia na crença de que um Deus único teria criado todas as espécies como elas são hoje e sempre foram.

<sup>66</sup> Peter L. *Una Gloria Remota: avere fede nell'epoca del pluralismo*. Bologna: Il Mulino, 1994, p.48

<sup>67</sup> Provérbios, 17:1

<sup>68</sup> Sistema teológico que aceita conceitos das ciências naturais para a criação e que questiona a autoria do Pentateuco, que é comumente atribuída a Moisés.

<sup>69</sup> TEIXEIRA, Faustino. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (orgs). *O futuro da religião na sociedade global*. São Paulo: Paulinas, 2008, p.73.

Todas as incertezas vivenciadas pela classe menos favorecida são supridas pelo movimento fundamentalista que tentou resgatar o que foi perdido. Pode-se elencar cinco princípios básicos defendidos por este movimento<sup>70</sup>:

- Inerrância, infalibilidade, suficiência, inspiração e preservação da Bíblia;
- Sobre Jesus Cristo: nascimento virginal, divindade, expiação vicária; ressurreição corpórea e segunda vinda;
- Premilenismo<sup>71</sup>;
- Historicidade dos Milagres;
- Separação dos apóstatas e ecumênicos.

Vale destacar que os dois primeiros tópicos citados foram muito mais marcantes na mensagem dos fundamentalistas norte-americanos. A pregação sobre a volta de Cristo para o Juízo Final foi levado ao extremo, dando surgimento a novas seitas. Algumas chegaram a datar a volta do Messias<sup>72</sup>. A Bíblia também deveria ser o manual de conduta para a sociedade, devido a sua infalibilidade. Assim, o fundamentalismo cria um corpo de reafirmações e se institucionaliza. Diante de tais elementos afirmativos do fundamentalismo protestante, poderemos fazer um comparativo com as afirmações doutrinárias do islamismo. É necessário, porém, também compreender de forma histórica o nascimento deste fenômeno no Islã.

## 2.1 O fundamentalismo muçulmano

O Islã nasce após Muhammad receber uma revelação de Deus por volta do ano de 610 E.C. Até este momento, a nova religião não possuía um corpo doutrinário, tão pouco um corpo burocrático. Mesmo assim, pouco tempo depois a religião sofreu opressão por um sistema religioso já existente. Moradores locais

---

<sup>70</sup> Fonte: Baptist Link, *free directory and website hosting for Independent Fundamental Baptists*. Disponível em: <<http://www.baptistlink.com/creationists/fund.htm>>. Acesso em: 28/03/2011. Estes pilares podem se alterar de acordo com a seita protestante que se identifica como fundamentalismo. Como exemplo, Karen Armstrong aponta os seguintes pilares 1) Infalibilidade das escrituras; 2) Nascimento virginal de Cristo; 3) A remissão dos pecados pela Crucificação de Cristo; 4) A ressurreição da carne; 5) A realidade objetiva dos milagres.

<sup>71</sup> Pensamento escatológico que sustenta que Cristo voltará e haverá um período de paz, justiça e gozo, no qual a própria pessoa de Cristo reinará por sobre a Terra por mil anos.

<sup>72</sup> Grande debate sobre a datação da volta de Cristo que aconteceria em 1919, defendida por Testemunhas de Jeová

rejeitaram a mensagem de Muhammad e começaram a perseguí-lo. Devido a este choque que o Islã sofreu nos seus primeiros anos de vida, Muhammad e seus seguidores foram obrigados a abandonar a cidade de Meca, migrando para outra cidade. Essa migração era conhecida como *hijra*, cidade de *Yathrib*, atual Medina<sup>73</sup>. Neste período, o Islã passava por um processo de maturação e ganhou forças para concretizar sua missão expansionista.

Pode-se comparar este período com a época em que os primeiros cristãos ainda permaneceram em Jerusalém após a morte de Cristo. Um momento em que a religião ainda possuía poucos seguidores, mas já causava certo impacto negativo no sistema religioso existente. Com toda certeza, a repressão a um grupo, muitas vezes, acaba gerando um espírito de revanche e coesão. Neste sentido, o cristianismo sofreu grandes cismas internos somente em seu período de liberdade de culto. Igualmente fez o Islã, que também manteve certa uniformidade nos primeiros momentos de sua história, principalmente durante a regência dos Califados após a morte de Muhammad<sup>74</sup>. Além desta coesão, o Islã, como exposto inicialmente, não teve uma tendência separatista entre a religião e o Estado. Isto nos força a abordar alguns aspectos dos movimentos nacionalistas nos países de maioria muçulmana, pois a religião teve um papel fundamental no afloramento deste sentimento nacionalista.

Ao longo do tempo, o Islã sofreu vários impactos que promoveram seu declínio em território e riquezas. Porém, o Império Muçulmano passou por um período de muita prosperidade, material e intelectual<sup>75</sup>. Foi o momento de desenvolver métodos de navegação marítima, momento de encontrar a filosofia ocidental. Pode-se dizer que o escolasticismo árabe surgiu muito antes do escolasticismo europeu. Enquanto a Europa dormia intelectualmente durante a “era das trevas”, os árabes de maioria muçulmana se desenvolviam fortemente.

O declínio de toda esta riqueza ocorreu justamente no momento em que a Europa despertava para a modernidade. Após a reforma protestante, que impactou fortemente no poder papal, os estudos das ciências começavam a encontrar espaço

---

<sup>73</sup> Fonte: Minnesota University. Disponível em <<http://www.mnsu.edu/emuseum/cultural/religion/islam/history.html>>. Acesso em 07/05/2011

<sup>74</sup> Evidentemente as duas religiões não possuíam doutrinas homogêneas ou o mesmo pensamento religioso. Diferentes formas de islamismos e cristianismos eram presentes nos primeiros tempos de existência destas religiões. Queremos destacar aqui os dois grandes cismas que estas religiões sofreram após ganharem maior liberdade de atuação. O cisma cristão entre Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa em 1054. O cisma no islã entre Sunitas e Xiitas que se iniciou por volta do ano de 680.

<sup>75</sup> Fonte: *The Islamic World to 1600* – Department of History – The University of Calgary. Disponível em <[http://www.ucalgary.ca/applied\\_history/tutor/islam/](http://www.ucalgary.ca/applied_history/tutor/islam/)>. Acesso em: 09/04/2011.

sem repressão e os principados começavam a desejar independência de Roma. O sentimento nacionalista tomou forma em algumas regiões, e tudo isso se chocou com o império muçulmano que um dia derrotou os ocidentais em algumas cruzadas<sup>76</sup>.

Com este despertar tecnológico europeu, iniciou-se a expansão marítima. Vale ressaltar que todas as importações de especiarias eram realizadas através do Mediterrâneo e passavam por vários intermediários que, por sua vez, encareciam o preço da mercadoria. Gênova e Veneza, por muito tempo, detiveram o monopólio deste comércio entre Ocidente e Oriente, tornando-se cidades ricas com um grande papel na renovação da ciência na Europa. Todo este fluxo de comércio foi freado em 1453 E.C., com a queda de Constantinopla, que até então era o último legado do famoso Império Romano, divido em 395 E.C.. Com a conquista do Império Otomano sobre Constantinopla, as rotas comerciais que passavam pela região do antigo Império Bizantino foram “bloqueadas”. Pesados tributos deveriam ser pagos pelos europeus aos turcos, caso desejassem continuar a comercializar produtos com o Oriente, o que acabou inviabilizando o comércio entre o Ocidente e Oriente.

O Império Otomano era agora a principal potência militar e naval no Mediterrâneo Oriental e também no Mar Vermelho, e isso o pôs em conflito potencial com os portugueses no Oceano Índico e os espanhóis no Mediterrâneo Ocidental.<sup>77</sup>

Foi justamente este conflito que alavancou a Era dos Descobrimentos, na qual homens desafiaram todos os conceitos defendidos pela Igreja Católica Apostólica Romana e firmaram suas crenças com base nos relatos de Marco Polo. Além de descobrirem novas rotas nesta expansão, os ocidentais encontraram outras fontes de riquezas, como ouro e especiarias que agora viriam das Américas. Isso promoveu um enriquecimento massivo de algumas potências europeias, o que realimentava o estudo e a pesquisa. Por outro lado, a expansão marítima ocidental deu início a uma drástica queda de renda para o Império Otomano.

A partir do século XVII, de fato, os três grandes impérios muçulmanos – Otomano, Indiano e Persa – entraram em declínio por causa da pressão das potências coloniais europeias e da concomitante crise econômica e demográfica que os atinge. A idade da decadência fica marcada por uma

---

<sup>76</sup> A cristandade obteve vitórias e derrotas durante as cruzadas. Entretanto, a derrota da cristandade é constantemente lembrada pelos muçulmanos radicais.

<sup>77</sup> HOURANI, 2006, p.224.

progressiva fragmentação do poder local [...] <sup>78</sup>

O movimento imperialista do Ocidente foi, realmente, um dos primeiros fatores para que o império árabe declinasse. A partir daí, os muçulmanos passaram por reformas e algumas tentativas de restabelecer a Era de Ouro vivida, mas a supremacia econômica ocidental alterou as relações entre Ocidente e Oriente e criou novos conceitos de governo e cultura fragilizando as potências muçulmanas ocidentais. Segundo Jayme Weingartner Neto, o impacto da colonização ocidental foi extremamente negativa para os povos que seguiram os valores ocidentais:

A modernização do mundo não europeu, colonizado pelo Ocidente, foi tardia, rápida e brutal, além de não ser acompanhada de uma emancipação social ou política como na Europa Ocidental [...] Imperialismo e colonização tiveram, em geral, efeitos negativos para a sociedade e economias nativas. Sendo difícil romper o ciclo de dependência. <sup>79</sup>

Pode-se observar o ponto de partida para o revanchismo muçulmano contra o Ocidente defendido pelos fundamentalistas, pois a colonização ocidental se chocou com vários dos valores pregados pelo Islã. *“Os muçulmanos viam a modernidade como uma força alienígena, invasiva, inextricavelmente associada com a colonização e dominação estrangeira”*. <sup>80</sup>

Tentou-se romper este ciclo de independência através de alguns movimentos nacionalistas, mas estes não obtiveram o mesmo sucesso que o nacionalismo europeu. Após o movimento nacionalista tomar forma na Europa, outro movimento impactou drasticamente o mundo muçulmano e também mostrou sua fragilidade perante as potências europeias:

A fraqueza relativa das maiores potências islâmicas já fora revelada em certo sentido pela primeira expansão europeia na Ásia, quando até países pequenos como Portugal e os Países Baixos foram capazes de se consolidar nos mares e nos litorais a despeito das potências muçulmanas. A impotência do mundo face à Europa foi evidenciada de modo flagrante em 1798 quando uma força expedicionária francesa, comandada por um jovem general chamado Napoleão Bonaparte, invadiu, ocupou e governou o Egito. <sup>81</sup>

<sup>78</sup> PACE, Enzo; STEFANI, Pietro. *Fundamentalismo Religioso Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2008, p.55.

<sup>79</sup> WEINGARTNER, Jayme. *A Edificação Constitucional do direito fundamental à liberdade religiosa: Um feixe jurídico entre a inclusividade e o fundamentalismo*. Porto Alegre: PUC/RS, 2006, p.177.

<sup>80</sup> ARMSTRONG, 2001, p.120.

<sup>81</sup> LEWIS, 2002, p.39-40.

A conquista de Napoleão em diversas regiões não levou a esses lugares apenas um novo tipo de governo, mas os ideais da Revolução Francesa, que influenciaram também alguns pensadores do mundo muçulmano: *liberté, égalité, fraternité*. Embora a intenção de Napoleão, segundo alguns autores, não fosse acabar com o fator religioso na sociedade, o próprio *slogan* da revolução francesa se contrapõe ao nome Islã (que significa submissão)<sup>82</sup>:

Napoleão lhes assegurou que não era um cruzado moderno e pediu-lhes que tranquilizassem quem pensava que ele estava ali para destruir a religião: [Digam] que vim para restaurar seus direitos, tomados por usurpadores; que adoro Deus mais que os mamelucos e respeito o profeta Maomé e o nobre Alcorão. Digam que todos os homens são iguais diante Deus e que só a inteligência, a virtude e a ciência os distinguem.<sup>83</sup>

Ao contrário do imperialismo, que ficou restrito aos europeus, o nacionalismo foi um movimento ocidental que também ocorreu no Oriente, porém com grandes diferenças. Enquanto o nacionalismo europeu buscava a secularização, o nacionalismo do Oriente Médio não conseguiu seguir a mesma linha de pensamento, pois a religião era vista como um fator importante para manter vivo o sentimento do pan-arabismo.

O despertar do sentimento de perda que os muçulmanos desenvolveriam se consolidou mais precisamente com a queda do Império Otomano, que caiu após a Primeira Guerra Mundial, juntamente com o Califado e o início do governo de Mustafá Kemal Atatürk<sup>84</sup>. Após a derrota sofrida pela Tríplice Aliança<sup>85</sup>, o Império Otomano foi dividido e ocupado pelas potências vencedoras. Este fator ressalta a visão de “imperialistas ocidentais”, até hoje ostentado pelo mundo oriental.

Mustafá Kemal Atatürk, em junho de 1919, assinou juntamente com outras pessoas influentes o Acordo de Amasia, que daria base para o movimento revolucionário turco. Mais tarde este movimento entraria na Guerra de Independência Turca, com movimentos militares e processos políticos que resultaram na dissolução do Império Otomano – ocupado pelos vencedores da

---

<sup>82</sup> Os valores iluministas da Revolução Francesa de liberdade, igualdade e fraternidade envolvem também um desencantamento com a magia do mundo e as crenças religiosas. Assim, esta liberdade rompe a dependência religiosa. Prova disso foi a descristianização de Paris promovida por Robespierre e a auto coroação de Napoleão. Este tipo de liberdade é contrária ao Islã fundamentalista, pois a liberdade muçulmana consiste na submissão ao Islã e sua doutrina que foi revelada ao profeta.

<sup>83</sup> ARMSTRONG, 2001, p. 135-136.

<sup>84</sup> Atatürk foi o presidente da Turquia, responsável pelo processo de secularização do Estado, por reformas econômicas e sociais.

<sup>85</sup> Nome designado para a aliança entre Alemanha, Império Austro-Húngaro e Império Turco-Otomano.

Primeira Guerra – e a declaração de independência da Turquia. Por volta de 1922, as forças estrangeiras já haviam sido expulsas da região. Mas o maior impacto deste movimento nacional no islamismo foi a abolição do Califado (1924-1925).

Com o objetivo de estabelecer a soberania nacional foi necessário romper algumas tradições que poderiam se chocar com os princípios nacionalistas. O Califado era um sistema defendido pelo islamismo, o que acabou gerando um sistema duplo de governo, tendo de um lado a República Turca e, do outro, o Sistema de Califado, com Abdülmecid II como califa. O Califado foi abolido definitivamente da república após seus poderes políticos serem transferidos para o recém-criado partido chamado de GAN<sup>86</sup>, que era o partido do povo.

Após a queda do Califado, vários movimentos surgiram para restituir esta representação máxima do Islã na Terra. Porém, não houve sucesso em nenhuma das tentativas, o que levou Abdülmecid II a ser o último califa da dinastia otomana. Enquanto os muçulmanos se preocupavam com o futuro do Califado, a Turquia se secularizava radicalmente.

A secularização da Turquia também foi agressiva. Atatürk estava decidido a “ocidentalizar” o islamismo e reduzi-lo a um credo privado, sem influência legal, política ou econômica. Achava que a religião devia subordinar-se ao Estado. Aboliu as ordens sufistas; fechou todas as “*madrasahs*” e escolas do Alcorão; [...] obrigando a população a usar trajes ocidentais.<sup>87</sup>

Com tantas interferências diretas e indiretas do Ocidente sobre o islamismo e movimentos de secularização que marcaram os muçulmanos em sua forma de se organizar, pensar e agir, houve o atrofiamento dos valores sagrados pelo Islã. Alguns se sentiram prejudicados com o modernismo ocidental e suas ideologias. Enquanto o Ocidente enriquecia e evoluía, os povos de maioria muçulmana viviam um atraso econômico, juntamente com uma dependência do consumo ocidental de seu maior bem: o petróleo.

Esta relação de dependência remeteu a uma filosofia marxista<sup>88</sup> de que é necessário fazer uma revolução estrutural, pois o domínio ocidental no mundo apenas favorecia as grandes potências, enquanto os pequenos continuavam presos

---

<sup>86</sup> O partido GAN (Grande Assembléia Nacional) possuía deputados que tinham como objetivo expressar a vontade da sociedade turca dentro do governo. O GAN também foi responsável por ratificar a Constituição Turca de 1924, que serviu de base para o processo de transformação da Turquia em uma república laica e democrática.

<sup>87</sup> ARMSTRONG, 2001, p. 221.

<sup>88</sup> HUNTINGTON, 1997, p.137.

ao ciclo vicioso de dependência. Ademais, o que levou os muçulmanos além de um pensamento marxista foi o sentimento de voltar ao sagrado. De acordo com alguns pensadores muçulmanos, os mesmos ficaram enfraquecidos com o abandono da pureza do Islã e ao se envolverem com ideologias ocidentais, que não são do agrado de *Allah*.

Isso gerou a necessidade de uma volta às escrituras e à prática da *Sharia*, a necessidade de pregar o Islã a todos os infiéis e estabelecer um reino de paz – a Casa do Islã –, pois brevemente será o Juízo Final. Neste ponto, temos mais uma grande semelhança entre os movimentos fundamentalistas islâmico e protestante, que é o objetivo de pregar o livro sagrado como única regra de fé, de prática e de retornar às origens. Enquanto alguns se moviam para o futuro e a modernidade, os primeiros fundamentalistas islâmicos viam no passado a esperança de uma melhor forma de vida.

Assim como exposto sobre os cinco princípios básicos do fundamentalismo protestante, destacando-se inerrância da Bíblia, o Corão também é tomado como base para o movimento fundamentalista. Vários trechos das escrituras sagradas são utilizados como pretextos para ações extremistas do Islã. Os reformistas conservadores, do mesmo modo que alguns pastores fundamentalistas insistem em fazer uma leitura literalista das escrituras, fornecendo até mesmo algumas justificativas para a guerra. Para alguns grupos que garimpam em meio às escrituras trechos como serão expostos a seguir<sup>89</sup>, podem ser utilizados por radicais islâmicos para motivar nos muçulmanos o espírito de luta entre o mal e o bem, entre os submissos e os idólatras, entre a Casa do Islã e a Casa da Guerra<sup>90</sup>:

2:190) Combatei pela causa de Deus aqueles que vos combatem, porém não pratiqueis agressão porque Deus não estiva agressores.

2:191) Matai-os onde quer se os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave que o homicídio [...]

Nestas duas passagens acima, pode-se perceber um sentimento de revanchismo contra todos aqueles que agrediram e expulsaram os seguidores de *Allah*. De fato, os muçulmanos foram agredidos e expulsos em várias ocasiões. Entretanto, como informamos anteriormente, estes trechos podem ser reflexos do

---

<sup>89</sup> Fonte: Samir El Hayek, tradutor, Alcorão Sagrado. São Paulo: Tangará, 1975.

<sup>90</sup> Termo adotado para designar os povos adeptos do Islã, como Casa do Islã, e os povos não adeptos, como Casa da Guerra. Termo abordado no capítulo 1.

momento em que Muhammad e os primeiros seguidores estavam sendo perseguidos em Medina. Outras passagens também demonstram o mesmo sentimento:

2:193) E combatei-vos até terminar a perseguição e prevalecer a religião de Deus [...]

9:5) Mas quanto os meses sagrados houverem transcorrido, matai os idólatras, onde quer que os acheis; capturai-vos, acossai-os, porém, caso se arrependam, observem a oração e paguem o “zakat”<sup>91</sup>

Nesta última citação, ao mesmo tempo em que é pregado o ataque violento aos idólatras, também é pregado o perdão para aqueles que se “arrependem” e aceitam o Islã como única religião verdadeira.

Obviamente, não são apenas estes trechos que movimentaram a ação fundamentalista violenta. Mas são de fato para os muçulmanos as orientações diretas de *Allah*. Também se percebe que o Islã combate somente de modo reativo, numa guerra de defesa e não de agressão:

O *Jihad*<sup>92</sup> menor na figura de combate é de caráter defensivo e não de uma agressão arbitrária. Deus nos orienta a não iniciarmos qualquer ato de agressão ou de hostilidades e nem violarmos os direitos de outras pessoas. Logo, o Islã veio disciplinando isso.<sup>93</sup>

Vale ressaltar também duas visões fundamentalistas que há dentro do islamismo. Para depois compará-las sobre a sua interpretação do Corão que cada uma faz:

---

<sup>91</sup> Sistema de doação de parte da riqueza semelhante ao dízimo cristão e judeu.

<sup>92</sup> *Jihad* significa esforço. É um termo utilizado para dois conceitos: primeiro, de luta interior contra os pecados; segundo, de esforço para promover a fé muçulmana. Atualmente, este termo sofreu deturpações na mídia ocidental vinculando o mesmo com a Guerra Santa.

<sup>93</sup> ISBELLE, 2008, p.52.

- a) O fundamentalismo na versão Sunita prega a volta às raízes, aos tempos antigos em que o profeta vivia; à restauração da comunidade original “*umma*”; o “*Jihad*” contra lideranças pseudo-muçulmanas. Tudo isso com a mesma tática utilizada pelo profeta Muhammad, ou seja, através das armas. Pode-se destacar Sayyid Qutb (1906 – 1966), que foi um pensador muçulmano defensor da necessidade de limpeza da sociedade muçulmana de todo vestígio ocidental. Ele também discursava contra os Estados muçulmanos que aplicavam leis não provenientes da “*Sharia*”. Alguns autores indicam que a ideologia de Sayyid Qutb influenciou a atuação de Osama bin Laden<sup>94</sup>.
- b) O fundamentalismo na versão Xiita (Irã e alguns países vizinhos) irá se preocupar com o literalismo na interpretação do Corão e com a necessidade de salvar a religião das deturpações que, supostamente, ocorreram no decorrer dos anos. Esta preocupação foi explicitamente demonstrada durante os anos 20 e 30, quando vários túmulos “sagrados” foram destruídos, uma vez que a respectiva preservação dos mesmos gerava a idolatria. O Ayatolah Khomeini faz parte desta linha e teve grande importância para o movimento Xiita. Khomeini foi o principal crítico opositor do regime do Xá no Irã. Outras questões “teológicas” diferem os Sunitas<sup>95</sup> dos Xiitas, mas que não impactam em um estudo sobre a política islâmica.

Observa-se que ambas as versões fundamentalistas possuem convergências, como, por exemplo, a preocupação com o resgate do sagrado. Pode-se, no entanto, dizer que os Sunitas se mostram mais preocupados em aplicar as instruções de *Allah* e os conselhos do profeta<sup>96</sup>, enquanto os Xiitas estão preocupados com a pureza das instruções do Corão.

Citamos anteriormente Sayyid Qutb como um personagem fundamental para compreender o fundamentalismo muçulmano, mas é importante destacar que Qutb foi influenciado pelos pensamentos de Abul Ala Mawdudi (1903 – 1979). Mawdudi,

<sup>94</sup> Fonte: Jornal New York Times, escrito por: Paul Berman, publicado em março de 2003. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2003/03/23/magazine/the-philosopher-of-islamic-terror.html?pagewanted=1>>. Acesso em 08/04/2011.

<sup>95</sup> A palavra Sunitas vem da raiz *Suna*, que são relatos sobre a vida prática do profeta Muhammad.

<sup>96</sup> Os Sunitas utilizam os *ahadith* (Sunas) para se orientar em sua vida cotidiana, já os Xiitas não aceitam todas as Sunas como base para a vida social.

que foi um jornalista paquistanês, via no Ocidente e sua cultura uma forte ameaça à pureza do Islã. Ele iniciou, em 1951, uma série de publicações contendo seus pensamentos sobre o perigo que o Islã enfrentava com a modernidade. Karen Armstrong comenta sobre esta linha de pensamento defendida por Mawdudi:

Mawdudi temia a destruição eminente do Islã. Acreditava que o Ocidente estava se unindo para esmagar o Islã e relegá-lo ao esquecimento. Em tais circunstâncias, os muçulmanos devotos não podiam afastar-se do mundo e abster-se da política. Tinham de formar um grupo coeso para combater este secularismo invasivo e *la dini* (irreligioso)<sup>97</sup>.

Percebe-se uma convocação política contra o eminente perigo de aniquilação do Islã pelo Ocidente. Segundo Mawdudi, as potências ocidentais e suas formas de governo usurpavam a autoridade divina: “*Mawdudi fazia questão de um Islã que é primariamente político*”<sup>98</sup>. A democracia ocidental permite ao governo do povo colocar o “eu” no lugar destinado à divindade. Dela proveem as decisões e a autoridade do governo. Um modelo estudado por Kant, Locke e Rousseau é algo totalmente contrário aos ideais Mawdudi, que também defendia a ideia de um *Jihad* universal, conceito que será retomado por Sayyid Qutb. Mawdudi falece em 1979 nos Estados Unidos, onde se tratava de uma doença a qual não resistiu.

Sayyid Qutb nasceu no Egito. Ele foi um importante pensador da irmandade muçulmana<sup>99</sup>. Viveu por um período nos Estados Unidos devido a seus estudos. Foi neste momento que Qutb se chocou com uma cultura totalmente diferenciada e corrupta aos olhos de um muçulmano. Ao retornar para o Egito, escreveria um artigo sobre os valores norte-americanos com o título “Uma América que eu vi”, no jornal egípcio *Al-Risala*, em 1951. Qutb não se conformava com o *american way of life*, acreditava que neste estilo de vida, havia uma ameaça ao mundo muçulmano, pois poderia ser contaminado com a “cegueira espiritual” que o Ocidente vivia.

Sayyid Qutb desenvolveu ainda um conceito chamado *Jahiliyyah*, termo designado pelo período de ignorância vivido pelo povo, antes da revelação realizada por Muhammad. Para Qutb, algumas pessoas ainda viviam em um período de *Jahiliyyah* e deveriam ser despertadas para a verdadeira fé. Segundo Qutb, até

---

<sup>97</sup> ARMSTRONG, 2001, p. 268.

<sup>98</sup> DEMANT, 2004, p.208.

<sup>99</sup> A irmandade muçulmana é um movimento político-religioso fundamentalista, presente em vários países que são contra a secularização do Estado e a “dominação” estrangeira.

mesmo o presidente Gamal Abdel Nasser estava contaminado pelo período de *Jahiliyyah*. Por isso, o presidente poderia ser derrubado, pois estava traindo os preceitos da fé muçulmana e se alinhando cada vez mais com os modelos de vida ocidental.

Esta afirmação de Qutb levaria a uma série de manifestações contra Nasser e, conseqüentemente, a prisão de Qutb em 1954. Após sua prisão, quando possivelmente sofreu torturas, seus pensamentos tornaram-se mais radicais, o que alimentou seu descontentamento com a política de Nasser e com a população egípcia que vivia nos moldes ocidentais. O jornalista norte-americano Paul Berman escreve um artigo, publicado em 2003, sobre a filosofia de Qutb e sua percepção sobre a condição humana da época:

Qutb escreveu que, em todo o mundo, os seres humanos chegaram a um momento de crise insuportável. A raça humana havia perdido o contato com a natureza humana. Inspiração do homem, inteligência e moralidade foram degenerando. As relações sexuais foram se deteriorando a um nível inferior aos dos animais. O homem foi infeliz, ansioso e cético, afundando-se em insanidade, idiotice e crime. As pessoas estavam se voltando, em sua infelicidade, a drogas, álcool e ao existencialismo. Qutb admirava a produtividade econômica e o conhecimento científico. Mas não achava que a riqueza e a ciência foram resgatar a raça humana. Ele descobriu que, ao contrário, os países mais ricos foram os mais infelizes de todos. (Tradução nossa)<sup>100</sup>

Conforme comenta Peter Demant, o *Jihad* defendido por Qutb iria além de um esforço para converter o mundo pagão. “Em outras palavras, Qutb convoca um *Jihad* não contra pagãos, mas sim contra um governo que é muçulmano, mas não islâmico – e, portanto, ilegítimo”<sup>101</sup>.

Qutb estava convencido de que os valores negativos e a crueldade da *Jahiliyyah* haviam contaminado também o mundo muçulmano. Apesar de publicamente professar o islamismo, um governante como Nasser demonstrava, com palavras e atos, que na verdade era um apóstata. Os fiéis tinham obrigação de derrubá-lo.<sup>102</sup>

Sayyi Qutb foi enforcado em 1966 devido a sua influência e seus pensamentos contra o governo egípcio. Qutb, que tinha uma aparência calma, demonstrando tranquilidade, conquistou vários adeptos. Seus pensamentos eram

---

<sup>100</sup> Fonte: The New York Times. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2003/03/23/magazine/23GURU.html?pagewanted=3>>. Acesso em 06/12/2011

<sup>101</sup> DEMANT, 2004, p.212.

<sup>102</sup> ARMSTRONG, 2001, p. 272.

constantes na mente de fundamentalistas, inclusive influenciando, posteriormente, Osama bin Laden, Ayman al-Zawahiri e suas ações.<sup>103</sup>

O fundamentalismo muçulmano acumula as frustrações do passado, que ainda hoje alimentam o sentimento anti-ocidental. Bernard Lewis responde à pergunta que é constantemente reformulada: por que a hostilidade entre muçulmanos e americanos ainda permanece?

Se formos do geral para o específico notaremos que não faltam políticas e atuações individuais de governos ocidentais que despertassem a raiva passional de povos médio-orientais e muçulmanos. Contudo, frequentemente, quando estas políticas são abandonadas e os problemas resolvidos, o alívio é apenas local e provisório. Os franceses deixaram a Argélia, os ingleses deixaram o Egito [...] mas o ressentimento generalizado dos fundamentalistas e demais extremistas contra o Ocidente e seus amigos fica, cresce e não se apazigua.<sup>104</sup>

Assim, Bernard Lewis comenta que não é um fato isolado ou fatos contemporâneos que motivam a rivalidade dos fundamentalistas islâmicos com os ocidentais. É algo que está enraizado na cultura muçulmana e alimentado pelo pouco conhecimento sobre o Ocidente. Líderes que desejam promover sua ideologia, religiosa ou política, se utilizam dos fatos do passado e ações do presente<sup>105</sup> para construir a imagem do inimigo. Por falta de conhecimento sobre o Ocidente, a grande massa popular acaba sendo levada a acreditar neste perigo ocidental que, de certa forma, coloca em jogo todos os valores da cultura muçulmana.

Um exemplo dessa influência da massa popular através de uma liderança pode ser observada em uma *Fatwa*<sup>106</sup> divulgada em 1998 com o título “Declaração da frente islâmica mundial para o *Jihad* contra Judeus e Cruzados”.<sup>107</sup> A declaração foi assinada pelo xeque Osama Bin Muhammad Bin Ladin, por Aynab Al-Zawahiri, líder do grupo Islâmico do Jihad no Egito, Abu-Yasir Rifa’i Ahmad Taha, um líder do grupo islâmico, o xeque Mir Hamza, secretário do Jami’ at-ul- Ulama-i-Pakistan, e

<sup>103</sup> DEMANT, 2001, p.202.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Fundamentalismos: Matrizes, Presença e Inquietações Temas do Ensino Religioso*. São Paulo: Paulinas, 2008, p.79.  
Documentário *The Power of Nightmares*, 2004.

<sup>104</sup> LEWIS, 2002, p.9.

<sup>105</sup> As bases e ações militares dos EUA constantemente são mencionadas nos discursos dos fundamentalistas. São estes os fatos do presente que são vistos como abusivos e antirreligiosos.

<sup>106</sup> Pronunciamento legal de especialistas islâmicos que definem um posicionamento do Islã sobre um assunto ou fato.

<sup>107</sup> Fonte: NassBayanal=jabha al-islamiya al-Alamiya li-Jihad ak-Yahudwa-al-salibiyin. In: Al-QussAl’Arabi em 23 de fevereiro de 1998. Traduzido pelo Grupo Klautu, com supervisão de Peter Demant (2002)

## Fazlur Rahman, líder do movimento do Jihad em Bangladesh:

Primeiro, por mais de sete anos, os Estados Unidos têm ocupado as terras do Islã no mais sagrado dos lugares, a Península Arábica, pilhando suas riquezas, impondo aos seus governantes, humilhando o seu povo, aterrorizando seus vizinhos, e transformando suas bases na península em uma ponta de lança através da qual combatem os povos muçulmanos e vizinhos.<sup>108</sup>

Nesta parte da *Fatwa* se faz referência às bases militares que os Estados Unidos possuem fora de seu território, mais precisamente na região do Oriente Médio. O papel “hegemônico” norte-americano é visto como um impostor que rouba a riqueza dos povos. A segunda parte da *Fatwa* aborda o embargo econômico feito contra o Iraque durante o governo de Saddam Hussein, o que prejudicou a população e promoveu frustrações ao povo iraquiano. Utilizando os termos “sionistas” e “cruzados” fazem menção aos judeus e aos norte-americanos:

A melhor prova disso é a contínua agressão americana contra o povo do Iraque, utilizando a Península como base. E mesmo que todos os governantes sejam contra a utilização para tal fim estão desamparados. Em segundo lugar, apesar da grande devastação imposta ao povo do Iraque pela aliança entre Cruzados e Sionistas e apesar do grande número de mortos (mais de um bilhão), apesar de tudo isso, os norte-americanos estão mais uma vez a repetir os horríveis massacres, posto que não estejam satisfeitos com o bloqueio prolongado imposto após a feroz guerra ou com a fragmentação e a devastação.

Após todo o processo de vitimização elaborado pela *Fatwa* foi realizada a convocação do *Jihad* universal contra os Estados Unidos e seus aliados com o texto seguinte:

Sobre estas bases, e de acordo com as ordens de Deus, divulgamos a seguinte *Fatwa* a todos os muçulmanos:

A ordem de matar os norte-americanos e seus aliados, civis e militares, é um dever individual para todo muçulmano que possa fazê-lo em qualquer país no qual seja possível fazê-lo, no sentido de libertar a Mesquita de Al-Aqsa<sup>109</sup> e a sagrada Mesquita<sup>110</sup> de seu domínio, e para que seus exércitos retirem-se de todas as terras do Islã, derrotados e incapazes de ameaçar qualquer muçulmano. Isto está de acordo com as palavras do Todo-Poderoso Deus, “e combatei unidos os pagãos, como eles combatem unidos contra vós” [...] Nós – com ajuda de Deus – conclamamos a todos os muçulmanos que acreditam em Deus e desejam ser recompensados a

<sup>108</sup> Fonte: NassBayanal=jabha al-islamiya al-Alamiya li-Jihad ak-Yahudwa-al-salibiyin. In: Al-QussAl'Arabi em 23 de fevereiro de 1998. Traduzido pelo Grupo Klautu, com supervisão de Peter Demant (2002).

<sup>109</sup> Mesquita de Jerusalém. Cf. tradução supervisionada por Peter Demant, 2002.

<sup>110</sup> Mesquita de Meca. Cf. tradução supervisionada por Peter Demant, 2002.

cumprir as ordem divinas para matar os norte-americanos e pilhar seu dinheiro onde quer e quando sejam encontrados.

Esta forte convocação declara que o *Jihad* deve ir além das fronteiras do mundo muçulmano, devendo chegar a todo o mundo para que a Casa do Islã prevaleça e estabeleça a paz na Terra. Alguns pontos destacados na *Fatwa* das ações norte-americanas são os principais choques culturais entre Ocidente e Oriente muçulmano. Por exemplo, a presença militar norte-americana na Arábia Saudita, local onde se encontram as cidades sagradas do Islã, Meca e Medina. A presença estrangeira armada de infiéis ao Islã provoca tensão entre os religiosos. Significa que o profano está em solo sagrado. Independentemente da motivação norte-americana, o simples fato de estar lá constitui uma ofensa à crença islâmica.

Outro ponto bem destacado é o embargo econômico imposto com aval da ONU e, conseqüentemente, do Conselho de Segurança. Para alguns muçulmanos este embargo apenas fere e humilha o povo muçulmano que se encontra no Iraque. Não se questiona o governo do então líder Saddam Hussein, mas sim o fato de “cruzados” ferirem a economia de um país muçulmano. Da mesma forma, a criação do Estado de Israel e sua expansão ao longo das guerras entre israelenses e palestinos<sup>111</sup> também é inaceitável para os fundamentalistas.

Diante disso, o fundamentalismo muçulmano tentará de todas as formas romper a “hegemonia” norte-americana. Este objetivo vai além de um ideal político, com uma necessidade religiosa em manter a pureza do Islã e a preservação da vida do mundo muçulmano. Os valores mais profundos da sociedade islâmica não compactuam com os valores ocidentais<sup>112</sup>. Um conflito ideológico é inevitável. O islamismo radical acabou utilizando armas para alcançar seu objetivo e chegou a cometer o maior ataque terrorista da história.

---

<sup>111</sup> Desde a guerra de 1948, Israel aumentou seu território consideravelmente ocupando terras palestinas. Ocorreu um pequeno recuo, como exemplo a devolução da Península do Sinai em 1977.

<sup>112</sup> Nos referimos ao *American Way Of Live* e ao processo de secularização.

## 2.2 O neoconservadorismo norte-americano

Ao analisar a história norte-americana desde sua fundação encontraremos um fundo religioso pelo qual a nação norte-americana se molda e atua. O Destino Manifesto, escrito em 1839, relata fortemente uma missão com base divina:

A expansão do futuro é nossa arena e para a nossa história. Estamos entrando em seu espaço inexplorado, com as verdades de Deus em nossas mentes, objetos benéficos em nossos corações e com a consciência limpa, não contaminada pelo passado. Somos a nação do progresso humano. E quem vai e quem pode definir limites para a nossa marcha? A providência está conosco e nenhum poder terreno pode. Apontamos para a verdade eterna na primeira página da nossa declaração nacional e proclamamos para milhões de outras terras, que "as portas do inferno" - os poderes da aristocracia e monarquia - "não prevalecerão contra ela".<sup>113</sup>

Este manifesto indica que a missão americana conta com a providência divina. Por este motivo, não haverá alguém capaz de limitar ou impedir esta missão. Em vários momentos de conflito os Estados Unidos envolveram o discurso religioso com o discurso político, legitimando e fortalecendo a missão norte-americana.

Durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais foram realizados alguns discursos que se caracterizam por um caráter religioso e de defesa da missão norte-americana. Thomas Woodrow, em 1917, faz o seguinte discurso:

Vamos lutar pelas coisas que trazemos sempre em nosso coração, pela democracia, pelo direito de todos aqueles que se submetem à autoridade para ter voz nos seus próprios governos, pelos direitos e pelas liberdades das pequenas nações, por um reino universal do Direito a partir da união dos povos livres, que trará paz e segurança para todas as nações. Para tal tarefa, podemos dedicar a nossa vida e fortuna, tudo que somos e tudo o que temos, com o orgulho de quem sabe que chegou o dia em que a América tem o privilégio de dar seu sangue e seu poder pelos princípios que geraram seu nascimento, sua felicidade e a paz que há entesourado. Com ajuda de Deus, ela não fará nada diferente.<sup>114</sup>

Franklin Roosevelt<sup>115</sup>, em 1942, faz um discurso que remete ao princípio de igualdade entre os homens, de acordo com a Declaração de Independência dos Estados Unidos<sup>116</sup>:

<sup>113</sup> Fonte: *Murray School District*. Disponível em: <<http://schools.murrayschools.org/schools/MHS/apus/documents/>>. Acesso em 24/03/2011.

<sup>114</sup> AYERBE, Luis Fernando. IN: SILVA, Carlos Eduardo Lins (org). *Uma nação com alma de Igreja*. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 253.

<sup>115</sup> Membro da Igreja Episcopal e do Partido Democrata.

<sup>116</sup> Trecho da Declaração de Independência de 1776: Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens foram criados iguais, foram dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a

Estamos lutando, como os nossos pais lutaram para defender a doutrina de que todos os homens são iguais aos olhos de Deus. Aqueles que estão no outro lado<sup>117</sup> estão tentando destruir essa profunda convicção e criar um mundo a sua própria imagem – um mundo de tirania, crueldade e servidão. Esse é o conflito que agora impregna nossa vida dia e noite. Nenhum compromisso pode terminar com este conflito. Nunca houve – e nunca haverá – compromisso entre o bem e o mal.<sup>118</sup>

Ser cristão protestante era uma identidade comum na sociedade norte-americana, fornecendo uma coesão entre eles e uma distinção entre os outros. Huntington enfatiza o valor da religião para proporcionar coesão social:

Sangue, língua, religião, estilo de vida era o que os gregos tinham em comum e o que os distinguiu dos persas e dos outros não-gregos. Entretanto, o mais importante geralmente é a religião, como enfatizaram os atenienses.<sup>119</sup>

Entretanto, este fundamento religioso foi perdendo força na década de 60 e o movimento de contracultura, questionador do *status quo*, que defendia os valores de liberdade, tomou força. Foi um momento em que novamente<sup>120</sup> os jovens eram os grandes idealizadores do movimento. Através da música e da formação de grupos, promoviam seus novos valores, que contrapunham os valores do conservadorismo clássico<sup>121</sup>. A cultura hippie, consolidada em 1967, negava o nacionalismo, pregava paz e amor, e tinha afinidades com as religiões orientais: o budismo e hinduísmo.

Aos poucos, a religião começou a perder seu espaço novamente. Como reação, não foi criado um segundo movimento fundamentalista, mas o próprio fundamentalismo religioso se articulou politicamente para defender seus ideais:

As mudanças nos costumes, principalmente o declínio da prática então muito comum de rezar nas escolas americanas, somadas à inédita proteção constitucional sobre a prática do aborto e de respeito à liberdade de expressão, que incluía o que muitos consideram pornografia, levaram a uma organização militante de pessoas.<sup>122</sup>

---

liberdade e a busca da felicidade.

Disponível em: <http://www.embaixadaamericana.org.br/index.php?action=materia&id=645&submenu=106&itemmenu=110>> acesso em 04/03/2011.

<sup>117</sup> Do outro lado, estão os membros do Eixo na Segunda Guerra Mundial. Destacam-se Alemanha, Itália e Japão.

<sup>118</sup> AYERBE, 2009, p.253-254.

<sup>119</sup> HUNTINGTON, 1997, p.46-47.

<sup>120</sup> O primeiro momento foi abordado no subcapítulo sobre o fundamentalismo, quando os jovens buscavam sua emancipação e deixavam seus lares. Também se envolviam com as ciências e rejeitavam alguns preceitos bíblicos.

<sup>121</sup> O conservadorismo clássico estava ligado à defesa da moral, da religião e da preservação da entidade familiar.

<sup>122</sup> FINGUERUT, Ariel. *A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush*. São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em Ciências e Letras da UM. ESP, 2008, p.116.

Em 1974, iniciou-se, então, a tentativa de institucionalizar este movimento. A *priori* um movimento chamado de *Maioria Moral*, liderado por Jerry Falwell,<sup>123</sup> se preocupava com “a onda” liberal presente nos Estados Unidos. Principalmente, preocupava-se com a questão do aborto, que culminou em 1973 com o caso “*Roe versus Wade*”<sup>124</sup>.

Em 1979, o movimento da *Maioria Moral* contava com 300 mil membros, o que representava 60 milhões de evangélicos, cerca de 25% do eleitorado<sup>125</sup>. O movimento deu origem a Nova Direita Cristã e influenciou o Partido Republicano e a sociedade.

Grandes tele-evangelistas, como Billy Graham<sup>126</sup> e Marion Gordon Robertson<sup>127</sup> (Pat Robertson) influenciaram politicamente seus seguidores, principalmente os Batistas do Sul. Pregavam contra o aborto, contra as drogas e alertavam sobre o perigo da ideologia comunista. Robertson apoiava a política de Reagan contra o comunismo soviético, que tinha como objetivo impedir o alinhamento de pequenos países a União Soviética.

Os estudiosos ainda não apreciavam completamente a relação entre evangélicos e a política conservadora antes de meados da década de 70. Em grande parte porque os evangélicos não foram bem organizados politicamente nesses anos. As cruzadas contribuíram para o anticomunismo de base entre 1950 e 1960 e apoiaram a participação brilhante evangélica em outro nível de esforços para se opor ao comunismo e proteger a livre iniciativa. Antes de 1970, no entanto, os políticos deram pouca atenção aos evangélicos, em parte porque havia poucos conhecidos e líderes de organizações evangélicas além de Billy Graham.<sup>128</sup> (Tradução nossa)

Paralelamente a todo este “fervor” religioso e seu forte engajamento político, um grupo de intelectuais também não concordava com algumas práticas dentro da sociedade norte-americana. Perceberam que o liberalismo não era uma política que garantia uma estabilidade interna e viam no comunismo um perigo para o mundo.

Assim, a Direita Cristã e os intelectuais – posteriormente chamados de

<sup>123</sup> Pastor Batista considerado um fundamentalista cristão.

<sup>124</sup> “*Roe versus Wade*” foi um processo julgado nos Estados Unidos sobre a legalização do aborto para Jane Roe (pseudônimo para Norma McCorvey). A decisão foi favorável para Roe e repercutiu fortemente nos Estados Unidos.

<sup>125</sup> FINGUERUT, Ariel, 2008, p.122.

<sup>126</sup> Pastor da Igreja Batista, responsável por elaborar grandes cruzadas evangelísticas e utilizar a televisão como meio de divulgação da fé protestante.

<sup>127</sup> Pastor fundador da CBN (Christian Broadcasting Network)

<sup>128</sup> TURNER, John G. *Bill Bright & Campus Crusade for Christ: the renewal of evangelicalism in Postwar America*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2008, p.8-9.

neoconservadores – compactuaram alguns valores em comum e se simpatizaram com o governo de Reagan:

Tanto para os neoconservadores, como para a Direita Cristã, os anos 1980 foram de consolidação de suas posições. A chegada de Ronald Reagan à Casa Branca sinalizou a possibilidade de pôr em prática algumas de suas principais propostas.<sup>129</sup>

O neoconservadorismo é um movimento de direita<sup>130</sup> norte-americano. Seu princípio consiste no uso do poder econômico e militar americano em função de sua defesa e expansão da democracia liberal pelo mundo. Pode-se identificar entre os neoconservadores a ideia de que os valores norte-americanos possuem uma validade universal e que sua exportação é tanto uma necessidade estratégica de defesa nacional quanto um dever moral dos Estados Unidos para com o mundo.

No âmbito doméstico, ao contrário dos paleoconservadores<sup>131</sup> norte-americanos, os neoconservadores não se opõem a uma maior intervenção do Estado na economia a fim de assegurar o bem-estar social. Embora compartilhem com este grupo um grande senso de patriotismo e da importância da religião como fonte de moralidade social, justamente os sentimentos que se tornaram mais fortes após os ataques terroristas ao World Trade Center.

O termo “neoconservador”, cunhado pelo cientista político Michael Harrington, em 1973<sup>132</sup>, era originalmente uma forma pejorativa de se referir a um grupo de antigos liberais de esquerda que haviam mudado de posicionamento. Eles viram que os valores liberais poderiam causar drásticas consequências na organização social. Irving Kristol e Norman Podhoretz<sup>133</sup>, hoje considerados os fundadores do neoconservadorismo, tornaram-se pensadores mais tradicionalistas nesse período. Desiludidos com o exagerado antiamericanismo (e, por vezes, antissemitismo, um assunto sensível a ambos, de origem judaica) da contracultura norte-americana dos anos 60 e com a falta de críticas mais contundentes da esquerda ao regime soviético, estes autores passaram a se considerar “*liberais que caíram na real*”<sup>134</sup>,

---

<sup>129</sup> FINGUERUT, Ariel, 2008, p.127.

<sup>130</sup> Movimento caracterizado por um conservadorismo no aspecto doméstico (costumes e estruturas de governo) e liberal economicamente.

<sup>131</sup> O grupo dos paleoconservadores defende o conservadorismo de modo mais rígido no âmbito doméstico e na política externa tende a um isolacionismo.

<sup>132</sup> FINGUERUT, 2008, p.70.

<sup>133</sup> Norman Podhoretz teve grande influência no governo de Reagan, principalmente após a publicação do livro *The Present Danger* (O Presente Perigo).

<sup>134</sup> Frase cunhada por Irving Kristol.

aceitando o rótulo de neoconservadores. Para Kristol, o que há de errado no liberalismo é o liberalismo.<sup>135</sup>

Embora alguns neoconservadores tivessem aderido ao Partido Republicano na década de 70, como Irving Kristol, eles ainda possuíam certa insatisfação com a política de *détente* de Richard Nixon e Gerald Ford, considerando-a fraca perante a ameaça socialista promovida pela URSS. Com a eleição de Ronald Reagan, no entanto, o pensamento neoconservador entrou em um período de “apogeu”: a postura ferozmente antissoviética, a luta contra o comunismo, “O império do mal” no Terceiro Mundo e o forte conteúdo moralista do governo Reagan adequaram-se perfeitamente ao conteúdo do projeto conservador.

Certamente, os valores do conservadorismo religioso se alinharam com os discursos de Reagan em vários momentos. Seus famosos discursos contra o aborto, o comunismo e um reavivamento espiritual<sup>136</sup> ganharam a simpatia da massa religiosa norte-americana. Um discurso realizado em 1983, durante o encontro da Associação Nacional Evangélica, demonstra este alinhamento de valores:

Pela primeira vez, o Congresso está debatendo abertamente e com seriedade as questões da oração e do aborto e isso é um progresso enorme. Repito: a América está no meio de um despertar espiritual e de uma renovação moral. E com a sua palestra bíblica, eu digo hoje: Sim, deixe que a justiça corra como um rio que sua correnteza nunca falha.<sup>137</sup>

Vale destacar que a última frase deste pronunciamento de Reagan é uma passagem bíblica encontrada no livro de Amós.<sup>138</sup> Pode-se encontrar o elemento religioso e neoconservador mais explicitamente no discurso de Reagan em 1974, com título: *Nós seremos a cidade sobre a colina*:

Não podemos fugir do nosso destino, nem devemos tentar fazê-lo. A liderança do mundo livre foi empurrada para cima de nós dois séculos atrás, em que o pequeno salão de Filadélfia<sup>139</sup>. Nos dias seguintes à Segunda Guerra Mundial, quando o poder econômico e o poder da América eram tudo que estava entre o mundo e o retorno à idade das trevas, o Papa Pio XII disse: "O povo americano tem um grande gênio para ações, esplêndido e altruísta. Nas mãos da América, Deus colocou os destinos de uma humanidade aflita". Somos hoje, de fato, a última esperança do homem na Terra.<sup>140</sup> (Tradução nossa)

<sup>135</sup> FINGUERUT, 2008, p.70.

<sup>136</sup> Termo utilizado para definir a volta a uma vida com base nos princípios espirituais, um retorno para a fé cristã.

<sup>137</sup> Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/ronaldreaganevilempire.htm>>. Acesso em 01/02/2011.

<sup>138</sup> Livro de Amós 5:24.

<sup>139</sup> Referência a reunião onde se propôs a independência dos Estados Unidos.

<sup>140</sup> Fonte: Reagan 2020. Disponível em <[http://reagan2020.us/speeches/City\\_Upon\\_A\\_Hill.asp](http://reagan2020.us/speeches/City_Upon_A_Hill.asp)>. Acesso em: 03/02/2011

Neste discurso, há dois elementos que podem vincular-se ao “espírito salvacionista” que se encontra presente no pensamento neoconservador. Primeiramente, temos um título que remete a uma passagem bíblica descrita no livro de Mateus, no qual Jesus transmite uma missão que seus seguidores devem cumprir:

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim, brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.<sup>141</sup>

Sendo os seguidores a “Luz do Mundo”, eles possuem a obrigação de iluminar o mundo. Logo, os Estados Unidos têm essa missão, explicitada no título do discurso de Reagan quando diz: “*Nós seremos uma cidade sobre a colina*”. O segundo elemento é a transformação da teoria cristã de “Luz do mundo” para a prática norte-americana quando Reagan cita fatos históricos dos Estados Unidos e sua atuação. Por exemplo, ao relatar a Sala da Filadélfia e a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Por isso, temos em um discurso uma alusão teórica da missão cristã. No final do discurso, é relatada a prática desta missão.

O neoconservador Charles Krauthammer tornou-se conhecido do grande público em meados dos anos 80, quando cunhou o termo “Doutrina Reagan” para descrever a estratégia de financiar movimentos anticomunistas ao redor do globo (Nicarágua, Angola e Afeganistão):

A Doutrina Reagan proclama abertamente e sem vergonha o apoio americano para a revolução anti-comunista. Os motivos são a justiça, a necessidade e a tradição democrática. Justiça, disse o presidente em seu programa de rádio de 16 de fevereiro, porque estes revolucionários vão “lutar por um fim contra a tirania”.<sup>142</sup> (Tradução nossa)

Era um novo paradigma da política externa norte-americana: se antes ela adotava a “contenção”, seguia agora, novamente, o modelo antissoviético. Krauthammer, em seu artigo “*The Poverty of Realism*”, de 1986, afirma que os Estados Unidos não deviam apenas buscar sua própria segurança, mas “o sucesso

<sup>141</sup> Livro de Mateus 5: 14-16

<sup>142</sup> KRAUTHAMER, Charles, *The Reagan Doctrine*: Time Magazine, 2001.

Fonte: TIME. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,964873,00.html>>. Acesso em 21/03/2011

*da liberdade*”, apoiando a manutenção e a expansão da democracia pelo mundo.

Assim, afirmava que a política americana deveria ser “*universal na aspiração, mas prudente na aplicação*”, em consonância com o pensamento neoconservador “clássico”.

Com a dissolução da URSS, a direita norte-americana perdeu boa parte de seu apelo. Vários autores, mesmo neoconservadores, como Podhoretz, chegaram a afirmar que, com a falta de inimigos, “*o neoconservadorismo está morto*”. Assim, embora na década de 90 estivesse surgindo uma nova geração de neoconservadores, tais como William Kristol (filho de Irving), Francis Fukuyama, Charles Krauthammer e Robert Kagan, o período é de relativa fraqueza para esse movimento ideológico.

Francis Fukuyama foi um dos intelectuais americanos conhecido por sua ideia de “Fim da História”, defendida em um texto publicado em 1989, cujas teses foram ampliadas e discutidas em um livro de 1992, “*The End of History and the Last Man*”. Adotando ideias hegelianas, Fukuyama argumenta que a história é um processo racional que caminha para um fim específico e a vitória da democracia na batalha contra o comunismo soviético, poderia sinalizar o fim da evolução sociocultural da humanidade.

### **2.3 O Neoconservadorismo após o governo de Reagan**

O governo de George Herbert Bush (1989-1993) foi marcado pela guerra no Iraque (Guerra do Golfo)<sup>143</sup>. Mas uma das principais aspirações neoconservadoras não foi realizada durante a guerra, que era derrubar Saddam Hussein. Durante o governo de Bill Clinton, algumas tentativas de promover esta ideologia foram realizadas. Robert Kagan e Francis Fukuyama foram membros fundadores do *Project for a New American Century* e signatários da “Carta Aberta ao Presidente Clinton”, em 1997, pedindo a remoção de Saddam Hussein do governo do Iraque – sem sucesso. Clinton também foi criticado por Krauthammer, devido aos tratados multilaterais assinados pelo presidente:

---

<sup>143</sup> A guerra teve início em 1990 e tinha como principal objetivo a libertação do Kuwait, que estava ocupado por tropas iraquianas.

A outra característica que definiu a política externa de Clinton foi o multilateralismo, que se manifestou em uma mania de tratados. A administração Clinton negociou uma sucessão estonteante de promessas sobre armas biológicas, armas químicas, testes nucleares, emissões de carbono, mísseis anti-balísticos, etc.<sup>144</sup> (Tradução nossa)

Somente os ataques de 11 de setembro trariam de volta um inimigo capaz de galvanizar a opinião pública nos EUA: o terrorismo. Era a oportunidade para a implantação do projeto neoconservador nos Estados Unidos. Muitos analistas assinalam as similaridades entre a “Doutrina Bush”, vista na *National Security Strategy of the United States*, de 2002, a favor de guerras preventivas e da exportação da democracia no exterior. Os atentados de 11 de setembro conseguiram reunir novamente os neoconservadores e a direita cristã:

Dessa forma, a direita cristã, formada pela coalizão, pelos republicanos e liderados por George W. Bush, afastou do poder decisório grupos até então poderosos, como o *Council on Foreign Relations* (CFR), a *Trilateral Commission*(75) e até mesmo a Igreja Católica. Em linhas gerais, podemos concluir que o objetivo desse grupo e da “nova direita” é o de colocar os valores morais no centro da política dos EUA, redesenhando, assim, sua política doméstica e internacional e mostrando, em última instância, que uma nação pode ter como base a lei bíblica.<sup>145</sup>

Apesar de terem agora um novo foco em política externa<sup>146</sup>, a expansão da “hegemonia” americana pelo mundo, conforme descrita no *Project for a New American Century* (um *think-tank*<sup>147</sup> que funcionou de 1997 a 2006), e a influência dos neoconservadores se mostraram presentes nessa época, conforme comenta o diplomata brasileiro Carlos Fonseca:

Nos últimos três anos, os *think-tanks* conservadores estiveram por trás da “revolução” promovida por George W. Bush na política externa americana. Elementos fundamentais dessa nova postura, como os conceitos de ataques preventivos e de supremacia absoluta (definidos na Estratégia e Segurança Nacional), o recurso ao multilateralismo *a la carte* e até mesmo a obsessão com ameaças específicas à segurança nacional americana (especialmente o Iraque) foram inicialmente concebidas no âmbito das instituições, como o *Project for a New American Century*, o AEI, o *Center for Security Policy* e o *Washington Institute for Near East Policy*.<sup>148</sup>

<sup>144</sup> KRAUTHAMMER, Charles. *Democratic Realism An American Foreign Policy for a Unipolar World*, 2004.

<sup>145</sup> FINGUERUT, 2008, p.104.

<sup>146</sup> O antigo foco era combater totalmente os valores do comunismo soviético

<sup>147</sup> Usina de Ideias: grupos de estudos, análises e pesquisas que aconselham estratégias políticas, que podem ser utilizados por partidos políticos ou pela iniciativa privada.

<sup>148</sup> FONSECA, Carlos. *Think Tanks e a política Americana* (Revista Política Externa). São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.152.

Em 1990, Krauthammer publicou na revista *Foreign Affairs* um artigo intitulado “*The Unipolar Moment*”, no qual afirma que, ao contrário das previsões de multipolaridade oriundas do fim da Guerra Fria, o mundo tendia a “unipolaridade americana”, limitada no tempo, mas vasta e poderosa em seu escopo. Se durante os anos 90 Krauthammer opôs-se à participação dos EUA em intervenções humanitárias nas quais não havia claro interesse americano em jogo, após os ataques de 11 de Setembro essa posição foi revista. Em “*What Good is Delay?*”, de 2002, Krauthammer defendeu abertamente a *guerra preventiva* contra Saddam e, no ano seguinte, afirmou que, embora fosse “*arriscada e arrogante*”, a estratégia de criar uma democracia em um país estrangeiro deveria ser seguida em prol da segurança americana e do povo iraquiano.

Fukuyama e outros membros do PNAC (*The Project for the New American Century*) louvaram o “admirável compromisso de George Bush contra o terrorismo”, elogiando os esforços contra Bin Laden e pedindo também o ataque a Saddam Hussein no Iraque.

20 de setembro de 2001

O Excelentíssimo Senhor George W. Bush  
O presidente dos Estados Unidos  
Washington, DC

Caro Sr. Presidente,

Nós escrevemos para endossar seu compromisso admirável “levar o mundo a vitória” na guerra contra o terrorismo. Apoiamos plenamente o seu pedido de “uma campanha ampla e sustentada” contra as “organizações terroristas e aqueles que os abrigam e apoiá-los.” Nós concordamos com o secretário de Estado, Colin Powell, que os Estados Unidos devem encontrar e punir os autores do ataque horrível de setembro 11, e devemos, como ele disse, “ir atrás de terrorismo onde quer que vamos encontrá-lo no mundo” e “fazê-lo por seu ramo e raiz.” Nós concordamos com o secretário de Estado de que a política dos EUA deve visar não apenas em encontrar a pessoas responsáveis por este incidente, mas também deve ter como alvo os “outros grupos por aí que nós significam nada de bom” e “que têm conduzido ataques anteriormente contra o pessoal dos Estados Unidos, os interesses dos Estados Unidos e nossos aliados.”

A fim de realizar esta “primeira guerra do século 21” com sucesso, e em ordem, como você disse, para fazer as futuras gerações “um favor ao vir juntos e chicoteando o terrorismo”, acreditamos que os passos seguintes são partes necessárias de um estratégia abrangente.

#### Osama bin Laden

Nós concordamos que um objetivo-chave, mas não significa que o único objetivo, a atual guerra contra o terrorismo deve ser para capturar ou matar Osama bin Laden, e destruir sua rede de associados. Para este fim, apoiamos a ação militar necessário no Afeganistão e na prestação de assistência financeira e militar substancial para as forças anti-Taliban no país.

#### Iraque

Estamos de acordo com o secretário de recente declaração do Estado Powell que Saddam Hussein “é um dos principais terroristas na face da Terra ....” Pode ser que o governo iraquiano prestou assistência de alguma forma para o recente ataque contra os Estados Unidos. Mas, mesmo se as provas não vincula diretamente o Iraque ao ataque, qualquer estratégia que vise a erradicação do terrorismo e de seus patrocinadores deve incluir um esforço determinado para remover Saddam Hussein do poder no Iraque. Deixar de realizar tal esforço constituirá um resgate antecipado, e talvez decisivo na guerra contra o terrorismo internacional. Os Estados Unidos devem, portanto, fornecer apoio militar e financeiro completo para a oposição iraquiana. Força militar norte-americana deve ser usado para fornecer uma “zona de segurança” no Iraque a partir do qual a oposição pode operar. E as forças americanas devem estar preparados para fazer backup de nosso compromisso com a oposição iraquiana por todos os meios necessários.

Figura 3. Carta do PNAC para o presidente George W. Bush.

Os neoconservadores encontraram no governo de George W. Bush a oportunidade de promoverem seus ideais:

Os neoconservadores se opõem a todos os totalitarismos: "Ontem, a Alemanha nazista e a URSS. Hoje, o islamismo". Eles são os campeões da exportação agressiva de valores que eles chamam de "americanos", mas que são quase indistinguíveis do pacote da modernização: liberdades individuais, democracia, segurança coletiva, etc. Acreditam que o expansionismo democrático poderia derrotar os terroristas. Embora sua influência tenha sido exagerada, os "neocons" pressionaram a favor da guerra no Iraque, que logo se tornou o símbolo da "cruzada democrática" proclamada por Bush.<sup>149</sup>

Outros personagens também se destacaram devido ao apoio às ações militares norte-americanas, como por exemplo: John David Ashcroft, um conservador cristão, Procurador Geral dos Estados Unidos, que por várias vezes discursou a favor da guerra preventiva; David Frum, contratado para elaborar os discursos de George W. Bush e conhecido pela criação do termo "Eixo do Mal," designado para todos os que apoiavam e abrigavam terroristas; Karl Rove, vice-chefe de gabinete do governo de Bush, que também defendia as ações militares no Iraque: "A guerra deve continuar, nem que seja para controlar a população interna".<sup>150</sup>

O discurso neoconservador, certamente foi capaz de ganhar simpatia da direita cristã.

Na reeleição de George W. Bush a Direita, em 2004, Cristã representava 40% do eleitorado republicano. Esta coalizão, além de proporcionar um apoio crucial à invasão do Iraque (considerada uma segunda babilônia) semeia controvérsias no domínio das ciências, como a descrença na teoria de Darwin sobre a evolução das espécies, rejeição as políticas de planejamento familiar, oposição às pesquisas com células tronco.<sup>151</sup>

Evidentemente, o governo de George W. Bush e os neoconservadores também foram alvos de várias críticas, principalmente com o desgaste das tropas americanas e o fracasso na tentativa de encontrar armas de destruição em massa no Iraque. Noam Chomsky foi um dos intelectuais que criticou duramente as ações neoconservadoras:

<sup>149</sup> DEMANT, Peter. *Desafios Islamistas, Respostas Ocidentais*. Revista Rever. São Paulo: PUC-SP, n.3, 2004.

<sup>150</sup> Fonte: Wall Street Journal, 2 May 2003. Francis Clines, The New York Times, 10 de Maio, 2003.

<sup>151</sup> SOUTO, Fhoutine Marie Reis Souto. *Depois da Queda das Torres: a cobertura jornalística do 11 de setembro nos jornais Folha de S. Paulo e O estado de S. Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC-SP, 2009, p.53.

Antes das eleições de 2002, Rove instruiu os ativistas do partido a se concentrarem nas questões de segurança, distraindo as atenções da população sobre a impopular política interna republicana. Tudo isso é uma reciclagem da política de Reagan. Foi assim que eles mantiveram o poder político durante seu primeiro mandato. Eles pressionavam regularmente o botão do pânico para evitar a oposição pública à política que deixou Reagan como o presidente vivo com maior rejeição em 1992, época na qual ele pode ter-se aproximado até mesmo do índice de Richard Nixon. [...] Quando o exército de coligação fracassou na descoberta das armas de destruição em massa, a postura da administração dos Estados Unidos mudou da absoluta certeza de que o Iraque possuía tais armas para a posição em que “as acusações se justificavam pelos equipamentos que potencialmente poderiam ser usados para fabricar armas”.<sup>152</sup>

Com a intensificação das ações militares e com o aparente fracasso neoconservador em solucionar o problema do terrorismo, o próprio neoconservador Fukuyama afirma em seu artigo *The Neoconservative Moment* que os neoconservadores são “desconectados da realidade”. E, dado os problemas no processo de *nation-building*<sup>153</sup>, declara que os isolacionistas, como Pat Buchanan, os liberais internacionalistas, como John Kerry, e os realistas, como Brent Scowcroft, têm mais autoridade em política externa americana do que neoconservadores, como Krauthammer.

Em seu livro de 2006, *America at the Crossroads: Democracy, Power, and the Neoconservative Legacy*, ele afirma que não é mais um neoconservador e que, embora ainda acredite que a posição dos neoconservadores em defesa da universalidade dos direitos humanos seja válida, é preciso formular novas estratégias. Mas sem ilusões a respeito da eficácia da “hegemonia” e do unilateralismo norte-americano:

O problema com a agenda neoconservadora não está em suas extremidades, que são tão americanas quanto a torta de maçã, mas sim os meios *overmilitarized* pelos quais ela tentou realizá-las. O que a política externa norte-americana precisa não é de um retorno a um realismo estreito e cínico, mas sim da formulação de um “wilsonianismo realista”, que melhor corresponda meios e fins.<sup>154</sup>

---

<sup>152</sup> CHOMSKY, Noam. Disponível em: <<http://www.informationclearinghouse.info/article4416.htm>>. Acesso em 05/05/2011. Publicado em 2003.

<sup>153</sup> Termo utilizado nas relações internacionais para se referir ao processo de reestruturação econômica, política e social do Estado Nacional. Alguns neoconservadores como Krauthammer defendem que os Estados Unidos podem auxiliar o tal processo em países não democráticos.

<sup>154</sup> Fonte: New York Times. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2006/02/19/magazine/neo.html>> Acesso em 09/02/2011

## 2.4 Pilares do Pensamento Neoconservador

O professor Walter Mead, em sua obra “*Special Providence: American Foreign Policy and How it Changed the World*”, publicada em 2002, agrupa os debates da política externa norte-americana em quatro escolas principais, baseadas em figuras de destaque na história dos Estados Unidos. São eles três presidentes, Thomas Jefferson (1801-1809), Andrew Jackson (1829-1837) e Woodrow Wilson (1913-1921), e o primeiro e influente secretário do tesouro de 1789 a 1795, Alexander Hamilton.

Segundo Mead, os jeffersonianos visam defender a democracia americana internamente, mesmo que pelo isolacionismo; os hamiltonianos geralmente associam-se às questões econômicas, dentro e fora do país; os wilsonianos, por sua vez, acreditam que os Estados Unidos devem espalhar os valores americanos pelo mundo, tanto por uma questão de obrigação moral, como de interesse nacional; por fim, os jacksonianos estão associados a um impulso populista e belicoso, de defesa da segurança física, do bem estar econômico e mesmo da honra nacional a qualquer custo. Para Mead, os jacksonianos seriam a chave para a compreensão da disposição que os Estados Unidos demonstram para a guerra.<sup>155</sup>

Os neoconservadores, assim, seriam uma linha de pensamento mista de wilsonianismo com jacksonianismo, a qual o autor nomeia “*revival wilsonianism*”. Seguem um caminho oposto ao paleoconservadorismo (que defende o isolacionismo), ao defenderem um notório engajamento dos Estados Unidos nas relações internacionais.

Assim, na política externa, o neoconservadorismo busca unir uma postura internacionalista a um sentimento nacionalista, transcendendo a antiga polaridade isolacionista-internacionalista em que o isolacionismo sempre foi nacionalista em seu temperamento, enquanto que os internacionalistas sempre operam a partir de um ponto de vista global.<sup>156</sup>

O neoconservadorismo, na definição de Irving Kristol, é uma “criatura estranha”<sup>157</sup> perante as outras ideologias tradicionalistas: ao mesmo tempo que

<sup>155</sup> Principalmente devido à carreira militar do presidente e à Batalha de Nova Orleans

<sup>156</sup> TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. *Quatro temas fundamentais do pensamento Neoconservador em política externa*. São Paulo: Scielo, 2007.

<sup>157</sup> Fonte: The Wall Street Journal. Disponível em:

preserva a importância da religião como força aglutinadora da sociedade, tem ênfase na política e, curiosamente, está imbuído de um ambicioso projeto de engenharia social democrática. Dessa forma, modernidade, política e religião são temas presentes no pensamento neoconservador. No documentário *The Power of Nightmares*<sup>158</sup>, Irving Kristol declara alguns valores dos neoconservadores e sua rejeição à antiga linha de pensamento - o liberalismo:

Penso que a ideia de que uma sociedade puramente secular pudesse enfrentar todas as terríveis patologias que afetam nossa sociedade se mostrou errada e foi isso que me tornou culturalmente um neoconservador. Quero dizer que realmente a religião tem um papel a cumprir atualmente na redenção do país, e o liberalismo não está preparado para dar um papel à religião. O conservadorismo sim, mas ele não sabe como fazer isso.

O neoconservadorismo também destaca as ideias de virtude e voluntarismo na política, argumentando que decisões corretas podem vir a modificar substancialmente a vida humana. Por fim, há uma exaltação às qualidades dos Estados Unidos, sobretudo de seus “valores essenciais”: liberdade individual, economia de mercado, democracia, etc. Estes valores também são observados na declaração de independência dos Estados Unidos, quando utiliza-se o termo verdade:

Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade [...] E em apoio a esta declaração, plenos de firme confiança na proteção da Divina Providência, empenhamos mutuamente as nossas vidas, nossas fortunas e nossa sagrada honra.<sup>159</sup>

Assim, os neoconservadores defendem que a expansão do poder americano pelo mundo viria a ser o *summum bonum*<sup>160</sup> da política mundial. Ao lutar por seus valores, os Estados Unidos estariam ajudando a si e a toda a comunidade internacional: “A nação indispensável tem a missão de tornar o mundo semelhante a América para a segurança da América”<sup>161</sup>.

Diante dos valores essenciais e das “qualidades” que a nação americana

---

<<http://online.wsj.com/article/SB10001424052970204518504574421191607438668.html>>. Acesso em 09/02/2011

<sup>158</sup> The Power of Nightmares (O Poder dos Pesadelos), BBC, por Adam Curtis, 2004.

<sup>159</sup> Fonte: <<http://patriotpost.us/document/the-declaration-of-independence/>>. Acesso em 06/02/2011

<sup>160</sup> Expressão utilizada por Kant. “O bem maior”.

<sup>161</sup> LEO, 2006, apud FINGUERUT, 2008, p.33.

julga possuir, também nasce um dever moral dos Estados Unidos em ser exemplo para o mundo, conseqüentemente tentando levar essa “missão americana” para o mundo.

No entanto, os neoconservadores colocam-se a favor de um internacionalismo não-institucional, uma vez que não aceitam o papel de órgãos como a ONU, vista como ilegítima pela participação de países não democráticos. Segue-se um apoio ao unilateralismo americano, justificado tanto pela ilegitimidade das instituições internacionais quanto pela necessidade dos Estados Unidos de atuarem com mais liberdade a favor de seus propósitos no cenário internacional. Krauthammer defende fortemente esta postura, utilizando os termos “instituições de papel” e “benção internacional” para as organizações internacionais:

[...] Hoje, o multilateralismo continua a ser o tema principal do internacionalismo liberal, assim como o poder na década de 1990, o multilateralismo se manifestou com uma mania de tratados [...] o multilateralismo se manifesta na busca servil de “legitimidade internacional” e a oposição a qualquer ação americana realizada sem a benção externa universal.<sup>162</sup>

Outro aspecto característico é a promoção da democracia no exterior, vista não apenas como uma estratégia para aumentar a segurança e a “hegemonia” americanas (segundo a ideias de “paz democrática”), mas também como um “dever moral” dos Estados Unidos perante os outros povos. Por fim, os neoconservadores destacam a importância do poderio militar como meio de manutenção da paz e como instrumento de estímulo aos países menores a se aliarem aos mais fortes nas relações internacionais (*bandwagoning*), produzindo um “círculo virtuoso” de democratização. O pedido de alinhamento dos países com a nova política externa norte-americana é constantemente observado nos discursos de George W. Bush:

Pedimos a todas as nações que se juntem a nós. Vamos pedir, e nós precisamos de ajuda das forças policiais, serviços de inteligência e sistemas bancários em todo o mundo. Os Estados Unidos são gratos por muitas nações e organizações internacionais que já se manifestaram com simpatia e apoio. Nações da América Latina, Ásia, África, Europa e mundo islâmico. Talvez a Constituição da OTAN reflita melhor a atitude do mundo: um ataque contra um é um ataque contra todos. O mundo civilizado está subindo para o lado dos Estados Unidos. Eles entendem que, se esse terror fica impune, suas próprias cidades, seus cidadãos podem ser os próximos. Terror, sem resposta, pode não só derrubar edifícios. Pode ameaçar a estabilidade dos governos legítimos.<sup>163</sup>

<sup>162</sup> KRAUTHAMER, Charles. *Democratic Realism*. Washington DC: AEI Press, 2004, p.7

<sup>163</sup> Fonte: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/gwbush911jointsessionspeech.htm>> Acesso em 21/03/2001.

Mearsheimer assinala que o neoconservadorismo é essencialmente um wilsonianismo com dentes. A teoria tem um elemento idealista e um elemento de poder: o wilsonianismo provê o idealismo e uma ênfase no poder militar provê os dentes.

Dentre as muitas críticas recentes ao pensamento neoconservador, pode-se ressaltar a ideia de que a ação unilateral americana faz sua política padecer de falta de legitimidade perante a comunidade internacional. Existe, ainda, um problema no que tange aos países escolhidos para as intervenções: em geral, há uma evidente seletividade de nações, uma vez que os Estados Unidos intervêm quase que exclusivamente as mais fracas, deixando de fora países que cometem graves abusos de direitos humanos, como a China e a Rússia, devido ao poder que estes possuem.

Outro problema de caráter prático das operações é a necessidade de ações de longa duração, nem sempre cumpridas devido aos enormes custos econômicos e políticos que o *nation-building* impõe aos Estados Unidos. Finalmente, pode-se vislumbrar a possibilidade de que hajam resultados não desejados no processo de democratização, tais como a eleição legítima nos países intervencionados de grupos cujos fins não são democráticos, implodindo o regime recém-implantado.

Depois dos ataques de 11 de setembro, a administração Bush tem retratado a guerra contra o terrorismo como guerra do passo, que deveria ter um final definitivo. O secretário de Estado Colin Powel disse que acabaria com o terrorismo “pela sua raiz” e as claras promessas do presidente George W. Bush de vitória não se limitaram a sua promessa memorável de “livrar o mundo dos malfeitores”. Mesmo em momentos menos exuberantes, ele disse que seu objetivo era acabar com o terrorismo global.<sup>164</sup>

Podemos, enfim, destacar alguns pontos que definem a filosofia neoconservadora. Carlos Gustavo Poggio Teixeira destaca quatro pontos fundamentais do neoconservadorismo.<sup>165</sup> São eles:

- 1) Internacionalismo não-institucional: defesa da ação norte-americana sem a necessidade de ser legitimada por uma Organização Internacional, como a

<sup>164</sup> WRIGHT, Robert. *A Real War on Terrorism*, 2002.

<sup>165</sup> Fonte: Revista Brasileira de Política Internacional. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292007000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292007000200006&script=sci_arttext)> Acesso em 15/12/2011.

ONU ou OMC<sup>166</sup>. Segundo Krauthammer, estas organizações limitam a defesa dos interesses norte-americanos:

Por que, então, esta obsessão por convenções, protocolos e legalismos? O efeito líquido é óbvio para moderar o poder americano [...] Mas isso que você vê é o ponto principal da empreitada multilateral: para reduzir a liberdade de ação norte-americana, tornando-a subserviente, dependente, limitada por vontade e interesses de outras nações.<sup>167</sup> (Tradução nossa)

- 2) Unilateralismo: uma vez que os Estados Unidos são uma potência capaz de atuar militarmente independente, deverá agir só ou através de arranjos *ad hoc*, buscando defender os interesses dos signatários do arranjo e promovendo algo que beneficie o Sistema Internacional.

Se alguém invade sua casa, chame a polícia. Quem você chama quando invadem o seu país? Você disca Washington. No mundo unipolar, a coisa mais próxima de uma autoridade centralizada, um aplicador de normas, é a América – o poder norte-americano. E, ironicamente, é o poder americano que o internacionalismo liberal quer restringir e amarrar [...]<sup>168</sup> (Tradução nossa)

- 3) Democracia: é fundamental para a ordem internacional a promoção da democracia, pois ela garante estabilidade interna e externa:

Para Layne<sup>169</sup>, a teoria da paz democrática é mais uma proposição do que uma teoria propriamente dita e baseia-se em duas crenças principais. A primeira é a de que as democracias não lutam entre si. A segunda é que quando as democracias entram em conflito, apenas raramente ameaçam o uso da força, pois isso seria considerado ilegítimo.<sup>170</sup>

- 4) Poder militar: é essencial para defender os interesses norte-americanos, promover seus valores e equilibrar o sistema internacional com seu poderio. Robert Kagan enfatiza que o poder é importante para manter a ordem em um mundo hobbesiano:

---

<sup>166</sup> Organização Mundial do Comércio

<sup>167</sup> KRAUTHAMMER, Charles. *The Unipolar Moment*. Foreign Affairs, 2010.

<sup>168</sup> Idem.

<sup>169</sup> LAYNE, Christopher. *The unipolar illusion: why new great powers will rise*. *International Security*, Cambridge, MA: The MIT Press, vol. 17, n. 4, pp. 5-51, primavera de 1993.

<sup>170</sup> TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio, 2007.

Os Estados Unidos, entretanto, continuam encravados na história, o exercício do poder no mundo anárquico hobbesiano, onde as leis e as regras internacionais não são confiáveis e onde a verdadeira segurança, a defesa e a promoção de uma ordem liberal ainda dependem da posse e do uso de poder militar.<sup>171</sup>

Esses quatro pontos permitem ter uma visão do “desafio neoconservador” com seu projeto de exportar a democracia, estabilizar o sistema internacional e garantir os interesses norte-americanos. De fato, as propostas neoconservadoras ganharam espaço na atuação política, uma resposta aos atos terroristas que conseguiu justificar a necessidade de intervenção norte-americana em países não democráticos e que representavam um perigo para os Estados Unidos. Conseguiram divulgar o conceito de “guerra preventiva”, conforme observamos no discurso de John Ashcroft:

Temos que mudar a forma que pensamos sobre as coisas. Estar pronto para reagir esperando que um crime seja cometido ou esperando que haja evidência da execução de um crime não nos parece ser uma maneira apropriada para defender o povo norte-americano.<sup>172</sup>

No entanto, as críticas ao modelo de pensamento neoconservador cresceram justamente devido ao *overmilitarized*<sup>173</sup> defendido pela linha, como foi exposto por Fukuyama. Esta ênfase no militarismo, na busca desenfreada por líderes terroristas e ditadores, conseqüentemente, desperta nos árabes, novamente, uma visão de “imperialismo” norte-americano, reavivando um ciclo hostil entre norte-americanos e muçulmanos.

---

<sup>171</sup> Disponível em: < <http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/bush/kagan.htm>>. Acesso em 01/05/2011.

<sup>172</sup> Fonte: documentário *The Power of Nightmares*, 2004.

<sup>173</sup> Ênfase no poderio militar.

## CAPÍTULO 3 O TERRORISMO E A MÍDIA

Neste capítulo, pretendemos não apenas descrever ou conceituar o que é terrorismo, mas também explicar as possíveis motivações dos terroristas e a conjuntura internacional na questão militar. O objetivo é analisarmos se há relação entre a política externa das potências ocidentais com o aumento do número de ataques suicidas contra o Ocidente.

O mundo ficou chocado com as imagens veiculadas em televisões, jornais e internet na manhã de 11 de setembro de 2001. Até então, os Estados Unidos não haviam sofrido nenhum ataque de tamanha proporção provocado por grupos extremistas estrangeiros. Antes dos atentados em 11/9, o episódio de terror mais marcante no país fora realizado pelo veterano das forças armadas americanas Timothy James McVeigh. O atentado, ocorrido em 1995, em Oklahoma, matou 168 pessoas e feriu mais de 600, inclusive várias crianças que estavam na creche pertencente ao prédio atingido, onde funcionava uma repartição pública.

Tanto nos ataques do 11/9 quanto no de Oklahoma identificamos com clareza o ato terrorista. No entanto, criar uma definição sobre terrorismo é complexo. O terrorismo é fenômeno fácil de reconhecer, mas difícil de classificar<sup>174</sup>. Por isso, demonstraremos algumas definições do termo e suas implicações. Reginaldo Nasser nos traz a seguinte definição:

Terrorismo é método psicológico inspirador de repetidas ações violentas. Empregadas por indivíduos, grupos clandestinos ou Estados, por razões políticas segundo as quais, ao contrário do assassinato, os alvos diretos da violência não são as principais metas.<sup>175</sup>

Peter Demant comenta que o termo “terrorismo” também pode ser muito polêmico ao dizer que: “*O terrorista de um é o herói da liberdade do outro*”<sup>176</sup>. Embora polêmico, devemos admitir que todo ato terrorista, principalmente causado por uma ação suicida, suscitará a sensação de vitória em algum grupo específico.

---

<sup>174</sup> NASSER, Reginaldo. Entrevista concedida à Rede Globo de Televisão em 02/05/2011. Disponível em <http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/terrorismo-aula-1-do-professor-reginaldo-nasser/1498563/>

<sup>175</sup> NASSER, Reginaldo. Entrevista concedida à Rede Globo de Televisão em 02/05/2011. Disponível em <http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/terrorismo-aula-1-do-professor-reginaldo-nasser/1498563/>

<sup>176</sup> DEMANT, Peter. *Choque dos Universalismos: Estudos sobre a interação ocidente-islã*. Tese para o título de Livre Docente apresentado ao programa de pós-graduação em História na Universidade de São Paulo FFLCH-USP, 2007, p.273.

Uma vez que o terrorista é aclamado como herói por alguns, não podemos negligenciar o objetivo que o mobiliza a cometer estes atos. Na definição dada por Jessica Stern a constatação é mais evidente:

[...] Definiremos terrorismo como um ato ou ameaça de violência contra não-combatentes, com o objetivo de produzir vingança, intimidação ou qualquer outra forma de influenciar um grupo. Essa definição permite ir além do praticante e de seus motivos e examinar uma ampla gama de possíveis agentes [...] e de todas metas alegadas.<sup>177</sup>

Destacamos na definição citada acima o uso do termo “não-combatentes”, que pode gerar problemas em sua aplicação prática e interpretação. Mas partimos do pressuposto de que os não-combatentes se resumem à população civil, independentemente de onde ela esteja. Diante destes conceitos, tomamos como base para nossa análise a percepção de que o terrorismo é praticado por grupos minoritários, movidos por ideologias ou reivindicações. Eles atuam de forma violenta, atacando alvos diversos. Por muitas vezes, as vítimas não são definidas. Mas há sempre a busca por atingir psicologicamente um alvo principal.

Embora o termo terrorismo seja vinculado aos séculos XX e XXI, não podemos deixar de mencionar a história de práticas terroristas. Primeiramente, podemos destacar a Revolução Francesa. A guilhotina foi o símbolo de terror do grupo político que condenava todos aqueles contrários ao então modelo de governo da França. As execuções em massa visavam além de tirar a vida de um subversivo ao regime, também amedrontar a população, gerando, conseqüentemente, obediência ao Estado.

Em próprio território norte-americano houve a formação de um grupo terrorista após a Guerra da Independência (1775-1783). O ex-general do exército confederado, Nathan Bedford Forrest, criou o movimento chamado *Ku Klux Klan*, que defendia a supremacia da raça branca e os valores conhecidos como *WASP*<sup>178</sup> (Branco, Anglo-Saxão e Protestante). O grupo utilizou métodos violentos para subjugar negros ex-escravos, provocando pânico na sociedade negra e nos que simpatizavam com o fim da escravidão. Esse é um ponto importante para nossa

<sup>177</sup> STERN, Jessica. *Terror em nome de Deus*. São Paulo: Barcarolla, 2004, p.31

<sup>178</sup> White, Anglo-Saxon and Protestant.

análise, pois percebemos que o movimento terrorista, aliado ao fator religioso, foi algo presente na cultura norte-americana. Isso muito tempo antes de surgir o movimento fundamentalista.

No período da Guerra Fria, a disputa entre Estados Unidos e União Soviética (URSS) por zonas de influência criou um clima de tensão, reflexo da “bipolarização mundial”<sup>179</sup>. Este clima levou à radicalização de grupos que se aliaram às novas potências e receberam delas financiamentos ou armamentos para atuarem belicamente contra os adeptos da ideologia defendida pela potência rival. Um exemplo deste movimento na Guerra Fria foi a parceria norte-americana com guerrilheiros afegãos para combater a URSS. Deste grupo armado surgiram outros movimentos radicais políticos-religiosos, como a *Al Qaeda*<sup>180</sup> e o *Taliban*.

Após a Guerra Fria, surge um novo tipo de terrorismo<sup>181</sup>. Aquele marcado por atos violentos que, além de propósitos políticos, carregava também desejos de luta de pequenos grupos. Estas minorias usam a violência para se contraporem a um Estado ou a um tipo de cultura. A preocupação com o novo tipo de terrorismo levou a alguns posicionamentos políticos equivocados e superficiais, principalmente quando se vinculou o ato terrorista à religião muçulmana. Reflexo deste vínculo entre terror e Islã são os comportamentos islamofóbicos que presenciamos na mídia.

O novo terrorismo foi generalizado. Características simplórias foram atribuídas a ele como, por exemplo, a visão de que todos terroristas são: fanáticos, muçulmanos, destrutivos e não possuem objetivos concretos. Embora qualquer tipo de terrorismo tenha como prática a destruição efetiva de algo, não se pode generalizar a religião e a motivação destes grupos.

O debate sobre as causas do terrorismo com o fim da Guerra Fria se divide em várias opiniões. Contudo, duas teorias se destacam: o terrorismo como consequência da extremização da religião e o terrorismo como um efeito colateral da globalização<sup>182</sup>. Na verdade, podemos supor que um fato não anula o outro. A religião, a globalização e outros objetivos específicos podem contribuir para a formação de grupos terroristas.

---

<sup>179</sup> Não assumimos aqui que o mundo se dividiu completamente entre os dois sistemas, mas utilizaremos esse conceito de bipolarização devido ao mesmo estar presente em boa parte da literatura acadêmica que aborda o assunto. Ressaltamos que as grandes potências buscaram consolidar seu modelo econômico em outros países. Entretanto, isso não ocorre uniformemente em todo o mundo.

<sup>180</sup> REIS, Bruno Cardoso. *Os Estados Unidos e Osama bin Laden uma década depois a derrota da Al-Qaida e o fim da unipolaridade?* Lisboa: Revista de Relações Internacionais do Instituto Português de Relações Internacionais, 2011.

<sup>181</sup> RICARDO, Sílvia; SUTTI, Paulo. *As diversas faces do Terrorismo*. São Paulo: Harbra, 2003, p.4.

<sup>182</sup> DEMANT, 2007, p.276.

Sobre estes grupos não possuem objetivos específicos, como mencionamos anteriormente, é o que geralmente se pensa no cotidiano devido à falta de profundidade dos discursos jornalístico e político em relação ao tema. Se olharmos os movimentos terroristas mais conhecidos entre as décadas de 80 e 90, perceberemos que os objetivos são claros. Porém, não chegam ao conhecimento de boa parte da população ocidental.

Ainda sobre os objetivos podemos citar o *Hamas*, que milita em favor de um Estado palestino. Organização fundada em 1987<sup>183</sup>, atualmente possui um partido político, entidades de auxílio à comunidade palestina e um contingente militar. Outra organização que podemos mencionar brevemente é o *Hezbollah*, que também milita contra o Estado de Israel e, segundo a ideologia do grupo, defende o povo árabe. Por fim, devemos destacar que a *Al Qaeda* também tem seus objetivos estipulados, sendo um deles o de expulsar a ocupação norte-americana de terras muçulmanas.

Assim, também podemos partir do conceito de que o terrorismo é um movimento violento não uniforme, que pode ter como reivindicação objetivos políticos, religiosos e sociais:

Definimos aqui terrorismo como violência usada com fins políticos ou ideológicos contra civis, geralmente por oponentes de um regime, de um grupo social ou de uma situação de poder social ou religiosa julgada inaceitável.<sup>184</sup>

Em geral, independentemente do grupo terrorista, umas das características semelhantes entre eles é o alvo a ser atingido na prática e o alvo maior. A escolha das vítimas dos atentados é aleatória. Elas servem apenas como instrumento de manipulação do alvo principal, ou a vítima escolhida pode ter uma representação importante, algo simbólico, que se ela for atingida o alvo principal também será afetado como consequência. Os ataques servem como meio de intimidação, provocando o medo na sociedade com este tipo de ação.

Certamente, os atentados ao *World Trade Center* e ao *Pentágono* não tinham como objetivo principal a morte de um grande número de pessoas e a queda destes prédios. Mas as torres, como símbolo de poder financeiro, e o Pentágono, como símbolo militar, foram atingidos para contestar toda a política externa norte-

---

<sup>183</sup> RICARDO, Sílvia; SUTTI, Paulo, 2003, p.101.

<sup>184</sup> DEMANT, 2007, p.273.

americana no mundo. A destruição dos prédios e o número de vítimas fatais chocam a sociedade. Mas o simbolismo deste ataque afrontou diretamente as questões do Estado e sua atuação internacional.

Devemos também expor a nova forma de atuação destes grupos terroristas<sup>185</sup>. Ao contrário do antigo tipo de terrorismo, o novo terrorismo não atua de forma hierarquizada. Atua em redes descentralizadas. As novas formas de comunicação são amplamente utilizadas, promovendo a interação da rede terrorista em modo *online*. Esses fatores tornam muito mais complexo estudar tal fenômeno e identificá-lo antes dos ataques.

Neste pequeno discurso sobre o terrorismo já nos deparamos com grandes problemas para defini-lo e classificá-lo. No entanto, como resposta aos atentados, os Estados Unidos propuseram uma guerra contra o terror, fazendo com que a palavra “terrorismo” ganhasse espaço na mídia e na política, mesmo contendo vários equívocos sobre o termo. Importante destacar que o terrorismo é um instrumento e não uma instituição. Logo, há um grande problema ao declarar a guerra contra o terror ou o combate contra o terrorismo.

Terror é sempre instrumental, ou seja, não há (nem pode haver) uma entidade que corresponda “ao terror” como movimento ou inimigo concreto e, portanto, não pode haver guerra contra o terror. Movimentos terroristas são sempre pessoas ou grupos com uma certa meta ulterior que usam de terrorismo.<sup>186</sup>

Embora algumas linhas de pensamento defendam a proposta de guerra contra o terror, grande parte dos opositores desta ação se basearam no tratado de Paz de Vestefália (1648), como destaca o professor Oliverios Ferreira:

---

<sup>185</sup> NASSER, Reginaldo. Entrevista concedida à Rede Globo de Televisão em 02/05/2011. Disponível em <http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/terrorismo-aula-2-do-professor-reginaldo-nasser/1513166/>

<sup>186</sup> DEMANT, 2007, p.273.

A ação do presidente George W. Bush, declarando guerra ao terror, foi criticada por muitos que partiram do pressuposto, fixado desde a Paz de Vestefália, de que guerra é assunto de Estados. A Al Qaeda, não sendo um Estado, declarar-lhe guerra, da mesma maneira que ao terrorismo, soou sem sentido, e foi a partir desse juízo político que foram examinadas todas as ações militares do governo norte-americano.<sup>187</sup>

Independentemente do apoio e da oposição, a grande questão que sempre se levantou é como combater o terror, um mal invisível e sem personalidade, que é tão pobremente compreendido em nossa civilização. Somente a frase “combate contra o terror” pode gerar várias consequências devido a abrangência do termo.

Se o combate ao terror é algo extremamente vago, combater os atos terroristas também não é fácil. A falta de dados coesos e de entendimento sobre o assunto torna-o mais complexo, dificultando sua prévia identificação. Torna-se também um enigma qual será o instrumento utilizado para tal fim.

### **3.1 A lógica suicida: reivindicações e reflexos.**

Ao contrário do antigo terrorismo que envolvia prática de guerrilhas e instalação de equipamentos explosivos acionados à distância, o novo modelo de ataque conta com um voluntariado que em si já é uma arma. Nos referimos à lógica suicida empregada nos atentados. O indivíduo passa a ser parte do instrumento de ataque, possuindo grande vantagem estratégica perante outros meios de ataque. Mesmo que a lógica suicida seja demonstrada na mídia como algo sem sentido e fruto de um fanatismo, percebemos que há motivos para que essa prática entre em vigor.

Os ataques suicidas merecem nossa atenção, pois o número de mortes que causam corresponde a 70% do total de vítimas dos atentados terroristas no geral. Isso embora esta prática corresponda a apenas 3% de todos os atentados<sup>188</sup>. Este será nosso recorte ao falarmos de terrorismo, uma vez que foi a tática usada nos

<sup>187</sup> FERREIRA, Oliveiros. *O Terrorismo e a nova ordem mundial. Palestra proferida na abertura do seminário “11 de setembro de 2001 - o mundo depois de uma década de guerra contra o terror”*. Disponível em <http://www.oliveiros.com.br/?cont=200&ox=171&vis=>. Acesso em 25/03/2013

<sup>188</sup> FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A., *Cutting the Fuse: The Explosion of Global Suicide Terrorism and How to Stop It* 2010, p.5.

ataques aos Estados Unidos em 2001. Esta nova tática terrorista demonstra que há nestes grupos pessoas dispostas a sacrificar suas vidas para provocar medo nos inimigos.

Certamente, o ataque suicida possui um custo muito baixo se compararmos ao armamento necessário para uma guerrilha. A chance de sucesso é extremamente alta, uma vez que um só indivíduo escolhe um local, podendo entrar em ambientes fechados sem que a população civil o perceba. Além disso, os voluntários ao suicídio não precisam de grandes treinamentos ou de experiência militar para realizarem o objetivo, isso facilita o recrutamento de novos candidatos.

No caso dos atentados em 11/9, a rede terrorista contou com a participação de 19 terroristas suicidas<sup>189</sup>. Sem a necessidade de transportar artefatos ou armas de fogo, os terroristas embarcaram normalmente nas aeronaves para executar o plano. Um ataque muito bem planejado, com objetivos específicos, que além do alto número de mortes gerou pânico na população. Neste caso em específico, houve um preparo mais técnico e custoso para a operação, pois foram necessárias aulas de vôo para quatro terroristas.

Ataques suicidas como os de 11/9 atuam de acordo com uma estrutura lógica, conforme defende um dos estudiosos sobre o tema<sup>190</sup>. Robert Pape, em seu livro *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*, apresenta algumas estatísticas sobre os atentados suicidas, dos quais iremos destacar alguns dados importantes para compreender este fenômeno.

As conclusões que se propagam pela sociedade sobre a religião e a situação econômica dos suicidas são contraditórias se comparadas a algumas análises<sup>191</sup> entre os anos de 1980 e 2003. Foi constatado que 57% dos suicidas não eram religiosos. E que o nível educacional e social destes terroristas eram elevados se comparados aos de outros indivíduos da sociedade em que eles estavam inseridos. Evidentemente, há uma parcela de suicidas que são radicais religiosos. Mas devemos nos atentar para o fato de que os que recrutam estes voluntários podem não ser fundamentalistas ou fanáticos religiosos.<sup>192</sup>

No geral, o fundamentalismo islâmico não pode ser responsável por mais da

---

<sup>189</sup> Fonte Cia. Disponível: [https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2002/DCI\\_18\\_June\\_testimony\\_new.pdf](https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2002/DCI_18_June_testimony_new.pdf). Acesso em 02/04/2013.

<sup>190</sup> Robert A. Pape é cientista político e pesquisador da Universidade de Chicago.

<sup>191</sup> NASSER, Reginaldo. Entrevista Jornal Hoje. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/terrorismo-aula-3-do-professor-reginaldo-nasser/1574857/>. Acesso em 02/04/2013.

<sup>192</sup> PAPE, Robert A. *The Strategic Logic of Suicide Terrorism*, 2003.

metade das filiações conhecidas dos 524 terroristas suicidas entre 1980 e 2003. Robert Pape demonstra que, deste total, 184 eram de grupos fundamentalistas islâmicos (sendo que 73 são da *Al Qaeda*, cinco de grupos libaneses, cinco rebeldes da Caxemira, 69 do Hamas, 34 palestinos do *Jihad* islâmico), o que representa 35% do total. 236 suicidas pertencem a grupos seculares, o que representa 45% (sendo que 157 pertencem ao movimento Tigres da Libertação do Tamil, 42 ao Al-Aqsa, 22 a grupos libaneses, 15 ao partido clandestino PKK<sup>193</sup> de ideologia comunista). Por fim, 21% dos atentados não foram identificados com uma ideologia ou religião específica.

**Tabela 1 - Número de ataques terroristas com filiação conhecida.**

<b>Tigres da Libertação do Tamil</b>	Secular	157
<b>Al-Qaeda</b>	Muçulmano	73
<b>Hamas</b>	Muçulmano	69
<b>Al-Aqsa</b>	Secular	42
<b>Jihad Islâmico</b>	Muçulmano	34
<b>PKK</b>	Secular	15
<b>Rebeldes da Caxemira e Grupos libaneses</b>	Muçulmano	10

<sup>193</sup> Partido dos Trabalhadores do Curdistão e seu braço armado Força de Defesa Popular (HPG)

Destes números pesquisados por Robert Pape e James Feldman, percebemos que, mesmo assumindo que cada suicida com motivação desconhecida fosse um fundamentalista islâmico, chegaríamos ao número máximo de 56% de todos os terroristas suicidas em todo o mundo ligados ao Islã.

Chamamos a atenção para um fator não mencionado no estudo destes autores, mas que julgamos importante. Uma vez que os muçulmanos representam 23% da população mundial (aproximadamente 1,6 bilhões)<sup>194</sup> e que sua maior concentração está na Ásia/Pacífico (62% do total de muçulmanos) e Oriente Médio/Norte da África (20% do total de muçulmanos), podemos dizer que o número de terroristas muçulmanos é baixo se compararmos com o total da população muçulmana e se aplicarmos a mesma relação (total de terroristas suicidas/total populacional) a outros contextos em que há esta prática de terrorismo. Se a região mais conturbada por atentados deste tipo tem a predominância da religião muçulmana, obviamente a probabilidade do terrorista ser da religião predominante é maior. Entretanto, esta probabilidade e as estatísticas não nos provam o papel da religião no estímulo aos atentados suicidas. De qualquer forma, estes números revelam o índice de muçulmanos envolvidos em atentados, algo contraditório se comparado ao que é exposto na mídia.

Evidentemente, não podemos anular o papel que a religião tem no incentivo aos atos terroristas. A justificativa pelo transcendental<sup>195</sup> seria a mais explícita na maioria dos casos. Porém, devemos lembrar que tal justificativa não é exclusiva da religião muçulmana. Podemos também encontrá-la vastamente no cristianismo, como, por exemplo, nas cruzadas e na Santa Inquisição.<sup>196</sup>

Portanto, um movimento político-religioso pode se apropriar da crença de alguns fiéis e redirecioná-los para o extremismo violento. E, uma vez que a religião está ligada ao mais profundo da psique humana, ela possui capacidade de alterar boa parte do *ethos* de uma sociedade. Nesta linha de pensamento, destacamos as duas religiões monoteístas universais<sup>197</sup>: o cristianismo e o islamismo. A característica expansionista e a defesa de cada uma delas torna todos os que seguem outra divindade em infiéis. É neste ponto que a religião pode colaborar com atos terroristas

---

<sup>194</sup> The Pew Forum. *The Future of the Global Muslim Population*, 2011.

<sup>195</sup> DEMANT, 2007, p.281.

<sup>196</sup> As cruzadas e a Inquisição foram movimentos políticos econômicos e religiosos com atos violentos justificados pelo transcendente.

<sup>197</sup> Religiões que defendem o expansionismo de sua crença em todo o mundo.

violentos. Ela pode romper freios sociais amplamente compartilhados entre as culturas, como a de matar inocentes se os tornarem em infiéis e em um grande mal para o mundo. Peter Demant comenta sobre esta justificativa no transcendente como ferramenta de manipulação:

Tal justificativa imperativa “traduz” mulheres, crianças, velhos, doentes e outras pessoas indefesas e não combatentes em inimigos que coletivamente merecem a morte ou a mutilação. Transforma aqueles que seriam inocentes, do ponto de vista não só da sociedade moderna, mas também no olhar das principais tradições éticas religiosas tradicionais, em inimigos cujo sacrifício é legítimo e necessário.<sup>198</sup>

Embora a religião em si tenha essa capacidade, classificá-la como único ou principal motivador de atos terroristas seria um grande equívoco. Por este motivo, somente uma análise superficial sobre o radicalismo religioso não é capaz de explicar o perfil e a origem do terrorismo. Ao falarmos de grupos terroristas/suicidas e suas origens étnicas, sociais e religiosas destacamos que os ataques daqueles que professam a fé islâmica ganham mais atenção no Ocidente devido ao recorte da mídia. Os líderes em números de atentados suicidas não são muçulmanos, mas são os Tigres da Libertação do Tamil, como mencionamos anteriormente. Um grupo predominantemente hindu, responsável por 75 dos 186 ataques suicidas/terroristas no mundo entre 1980 e 2001.<sup>199</sup>

Retomando o dado que indica 57% dos terroristas suicidas possuem um grau de instrução maior que os demais de sua sociedade de origem, podemos destacar a figura de Mohamed Atta, um dos pilotos envolvidos nos ataques de 11/9 (vôo 11 da American Airlines). Atta, nascido no Egito em 1968, viveu boa parte de sua vida na Europa. Em 1992, se matriculou na faculdade técnica de Hamburgo-Harburg, Alemanha, na área de planejamento urbano. Provavelmente, foi onde conheceu Marwan al-Shehhi, terrorista que pilotou o vôo 175 da *United Airlines*. Sua tese tinha como objeto o conflito entre a modernidade e o Islã e seu impacto na urbanização das cidades.<sup>200</sup>

De acordo com seu orientador, o professor Dittmar Machule, Atta era

---

<sup>198</sup> DEMANT, 2007, p.281.

<sup>199</sup> PAPE, 2003.

<sup>200</sup> Fonte: Time. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1101011008-176917,00.html>>. Acesso em 15/01/2013.

interessado, muito educado e intelectual.<sup>201</sup> Embora sua tese relate os problemas sociais das cidades muçulmanas causados pelo avanço da modernidade, o professor Machule destaca que sua defesa foi realizada de forma moderada, sem extremismo em suas conclusões. Atta fez seu estudo de campo em Aleppo, na Síria. Se afastou dos estudos entre 1995 ou 1996, mas os retomou em 1998, com objetivo de concluir sua tese. Neste caso, percebemos que Atta possui um perfil que dificilmente seria reconhecido como um terrorista. Certamente, no entanto, conhecia os problemas políticos e sociais do povo muçulmano.

Outro dado importante nos estudos de Robert A. Pape revela que os grupos terroristas são extremamente mais sensíveis às ocupações estrangeiras do que qualquer influência religiosa fundamentalista. Demonstraremos este ponto com base nas estatísticas fornecidas pelo departamento de Defesa dos Estados Unidos e analisadas nas obras de Pape e Feldman.

O que primeiro nos chama a atenção é o número de tropas norte-americanas presentes no Golfo Pérsico entre 1980 e 2001. Desde o final da Segunda Guerra, tropas norte-americanas se instalaram em bases estratégicas fora dos Estados Unidos. A concentração destas bases se acentuou na região do Oriente Médio devido a constantes conturbações na área. Não podemos negar que a construção do Estado de Israel agravou as revoltas na região. Contudo, o número de tropas no local teve um pico em 1990 com a Guerra do Golfo, passando de 693 tropas para 31.636. Este número apresentou leve queda nos anos seguintes, mas nunca voltou ao patamar anterior à guerra, pelo contrário, em 1998, o número de tropas alcançou um crescimento considerável devido a uma nova intervenção na área, que recebeu o nome de *Raposa do Deserto*.

A tabela a seguir apresenta os números de tropas presentes no Golfo Pérsico entre 1980 e 2001:

---

<sup>201</sup> Disponível em: <<http://www.abc.net.au/4corners/atta/interviews/machule.htm>> Acesso em 15/01/2013.

Legend for Chart 3			
Year*	U.S. Troops in Persian Gulf	Year*	U.S. Troops in Persian Gulf
1980	615	1991	14,943
1981	766	1992	4,159
1982	735	1993	1,617
1983	795	1994	1,472
1984	690	1995	2,526
1985	615	1996	7,780
1986	655	1997	4,194
1987	651	1998	10,156
1988	686	1999	11,897
1989	693	2000	13,313
1990	31,636	2001	12,075

\*September 30 of each year

Source: Directorate for Information Operations and Reports, "Active Duty Military Personnel by Country" (Washington, D.C.: Department of Defense, 1980–2001).

Tabela 2 – Evolução da presença de tropas norte-americanas no Golfo Pérsico.<sup>202</sup>

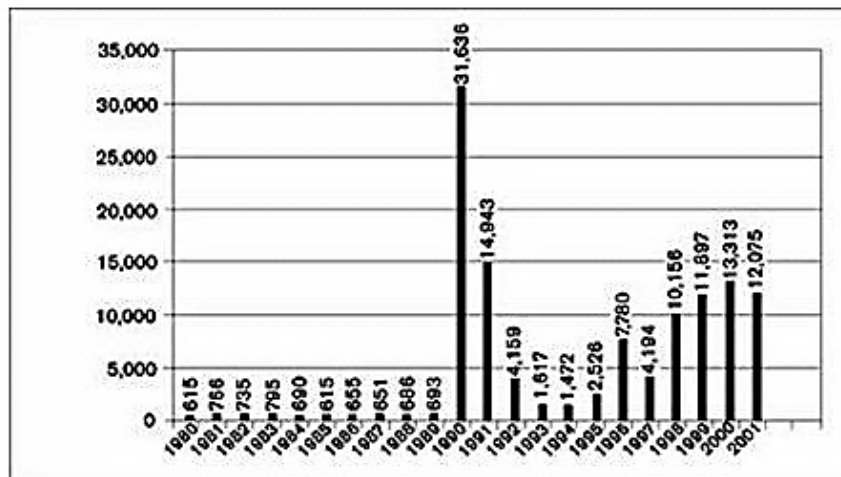


Gráfico 1 – Evolução da presença de tropas norte-americanas no Golfo Pérsico.<sup>203</sup>

O número de atentados suicidas também cresce neste período. Destacamos, primeiramente, os ataques ao Estado de Israel, por ser um tema extremamente sensível ao mundo árabe e estar sujeito a ataques.<sup>204</sup> Na década de 80 foram aproximadamente 31 atentados direcionados a Israel. Na década de 90 este número

<sup>202</sup> PAPE, Robert A., *The Strategic Logic of Suicide Terrorism*, 2003.

<sup>203</sup> PAPE, Robert A., *Dying To Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*. [ebook versão], 2005.

<sup>204</sup> Ressaltamos que o tema sobre o Estado de Israel é sensível ao mundo árabe não somente pela sua construção no pós-guerra, mas também pelas ações (militares e opressoras) do Estado.

se reduz a 18. Drasticamente, no ano 2000, cresce novamente e chega a 92 atentados. Mais uma vez, ressaltamos que não se trata somente de uma guerra religiosa entre judeus e muçulmanos. Isso se comprova ao notarmos que os atentados realizados no ano 2000 partiram de vários grupos, tanto religiosos como seculares, como podemos observar na tabela a seguir:

<b>TABLE 1. Suicide Terrorist Campaigns, 1980–2003</b>				
Completed Campaigns				
<i>Date</i>	<i>Terrorists</i>	<i>Religion</i>	<i>Target Country</i>	<i># Attacks</i>
1. 1983	Hezbollah	Islam	United States, France	5
2. 1982–1985	Hezbollah	Islam	Israel	11
3. 1985–1986	Hezbollah	Islam	Israel	20
4. 1990–1994	LTTE	Hindu/secular	Sri Lanka	15
5. 1995–2000	LTTE	Hindu/secular	Sri Lanka	54
6. 1994	Hamas	Islam	Israel	2
7. 1994–1995	Hamas	Islam	Israel	9
8. 1995	BKI	Sikh	India	1
9. 1996	Hamas	Islam	Israel	4
10. 1997	Hamas	Islam	Israel	3
11. 1996	PKK	Islam/secular	Turkey	3
12. 1999	PKK	Islam/secular	Turkey	11
13. 2001	LTTE	Hindu/secular	Sri Lanka	6
Ongoing Campaigns, as of December 2003				
14. 1996–	al-Qaeda	Islam	United States, Allies	21
15. 2000–	Chechens	Islam/secular	Russia	19
16. 2000–	Kashmiris	Islam	India	5
17. 2000–	several	Islam/secular	Israel	92
18. 2003–	Iraqi rebels	unknown	United States, Allies	20
Attacks Not Part of Organized Campaigns				14
Total incidents				315

**Tabela 3 Suicídio terrorista entre 1980-2003. Ano, grupo, religião, alvo e ataques.**

Nesta mesma tabela também destacamos os Estados Unidos como alvo dos ataques. Na década de 80, não há registro de nenhum atentado terrorista suicida direcionado aos Estados Unidos. No entanto, entre 1996 e 2003 (período que contempla a Guerra do Golfo e a guerra no Iraque, após os atentados de 11/9), foram ao todo 41 atentados. A hipótese sobre os atentados serem um meio de protesto contra as ocupações, se consolida ao analisarmos o objetivo principal do

ataque, conforme indica a tabela abaixo:

Completed Campaigns				
Date	Terrorist Group	Terrorists' Goal	# Attacks/ Killed	Target Behavior
1. Apr–Dec 1983	Hezbollah	U.S./France out of Lebanon	5/393	Complete withdrawal
2. Nov 1983–Apr 1985	Hezbollah	Israel out of Lebanon	11/197	Partial withdrawal
3. June 1985–June 1986	Hezbollah	Israel out of Leb. security zone	20/156	No change
4. July 1990–Nov 1994	LTTE	Sri Lanka accept Tamil state	15/206	Negotiations
5. Apr 1995–Oct 2000	LTTE	Sri Lanka accept Tamil state	54/662	No change
6. Apr 1994	Hamas	Israel out of Palestine	2/15	Partial withdrawal from Gaza
7. Oct 1994–Aug 1995	Hamas	Israel out of Palestine	9/73	Partial withdrawal from W.B.
8. Aug 1995	BKI (Sikh)	Punjab independence	1/16	No change
9. Feb–Mar 1996	Hamas	Retaliation for Israeli assassination	4/58	No change
10. Mar–Sept 1997	Hamas	Israel out of Palestine	3/24	Hamas leader released
11. June–Oct 1996	PKK	Turkey accept Kurd autonomy	3/16	No change
12. Mar–Aug 1999	PKK	Turkey release jailed leader	11/6	No change
13. 2001	LTTE	Sri Lanka accept Tamil state	6/33	Granted autonomy
Ongoing Campaigns, as of December 2003				
14. 1996–	al-Qaeda	U.S. out of Saudi Arabia	21/3661	TBD
15. 2000–	Chechen rebels	Russia out of Chechnya	19/332	TBD
16. 2000–	Kashmir rebels	India out of Kashmir	5/61	TBD
17. 2000–	several	Israel out of Palestine	92/459	TBD
18. 2003	Iraqi rebels	U.S. out of Iraq	20/262	TBD
Total incidents: 315				
# in campaigns: 301				
# isolated: 14				

Tabela 4: Relação entre grupo terrorista, missão e total de mortos.<sup>205</sup>

Os 41 ataques direcionados aos Estados Unidos estão, de alguma forma, relacionados às ocupações. Destacamos aqui o período entre 1996 e 2000, que inclui os atentados de 11/9, totalizando 21 ataques, com aproximadamente 3661 mortos e o objetivo de intimidar e questionar a presença de tropas norte-americanas na Arábia Saudita. A *Fatwa*, apresentada anteriormente neste trabalho (que tem como um de seus assinantes Osama bin Laden), deixa claro que a retirada das tropas norte-americanas das terras islâmicas é um dos objetivos da *Al Qaeda*. Também destacamos que nos atentados de 11/9, de acordo com a *CIA*, dos 19 terroristas envolvidos 15 eram sauditas<sup>206</sup>. Na prática, percebemos que, de fato, houve êxito por parte dos terroristas em provocar atentados que afetassem os Estados Unidos. E que há uma relação entre a presença norte-americana em outros

<sup>205</sup> PAPE, Robert A., *Dying To Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*. [ebook versão], 2005.

<sup>206</sup> Fonte Cia. Disponível: [https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2002/DCI\\_18\\_June\\_testimony\\_new.pdf](https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2002/DCI_18_June_testimony_new.pdf). Acesso em 03/04/2013.

países e o número de atentados contra as bases e soldados norte-americanos.

O número total de atentados suicidas foi de 315 entre os anos de 1983 e 2003<sup>207</sup>. Mas o mais surpreendente é o aumento para 1800 atentados entre 2004 e 2009<sup>208</sup>. Grande parte dos atentados se concentraram no Iraque, conforme podemos observar nos dois gráficos abaixo:

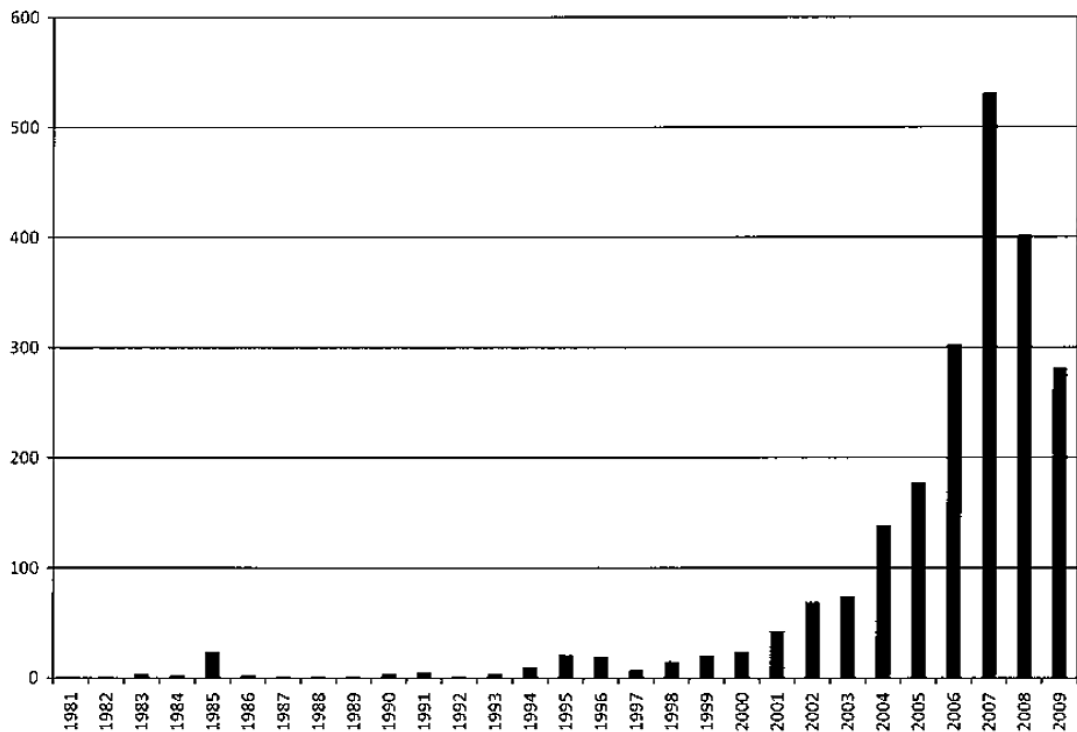


Gráfico 2 Volume de atentados suicidas

<sup>207</sup> PAPE, Robert A., op. cit., 2003.

<sup>208</sup> FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A., op. cit., 2010, p.2

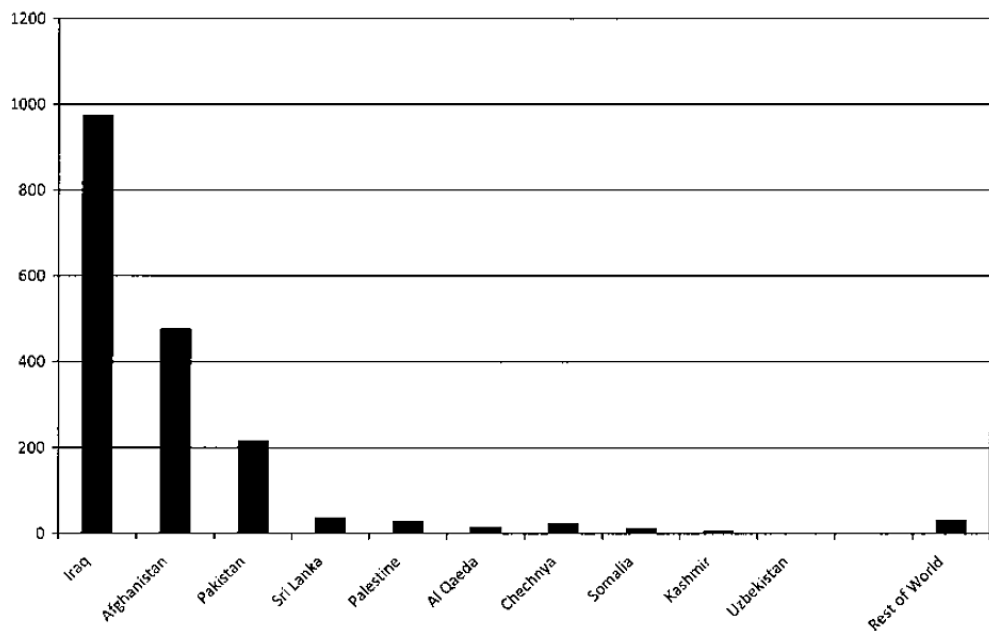


Gráfico 3 Nacionalidade dos suicidas (identificados) que cometeram atentados.<sup>209</sup>

Um fator para o aumento no número de ataques direcionados aos Estados Unidos e sua concentração no Iraque foi a intervenção norte-americana em 2003. Conforme pronunciamento de Donald Rumsfeld<sup>210</sup>, a operação *Iraqi freedom* tinha como objetivo derrubar o regime de Saddam Hussein<sup>211</sup>, desarticular grupos terroristas e eliminar as armas de destruição em massa.

Concluindo nossa observação sobre o terrorismo com ênfase na prática suicida, identificamos que no período de 24 anos, contados a partir de 1980, ocorreram pouco mais de 300 atentados ao redor do mundo. Ataques em que, segundo Robert A. Pape<sup>212</sup>, menos de 15% eram direcionados ou poderiam ter como alvo os Estados Unidos. Por outro lado, nos seis anos após a operação *Iraqi freedom*, os atentados passaram para 1833, sendo que 92% podem ser considerados como anti-americanos. Com isso, percebemos que o movimento suicida está longe de ser um choque de civilizações, mas é um problema com grande caráter político e social:

<sup>209</sup> FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A., 2010, p.27.

<sup>210</sup> Fonte: <http://www.defense.gov/News/NewsArticle.aspx?ID=29253>. Acesso em: 28/03/2013.

<sup>211</sup> Derrubar o regime de Saddam Hussein era um grande anseio dos neoconservadores desde a Guerra do Golfo.

<sup>212</sup> FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A., 2010, p.2.

Terrorismo suicida é um problema predominantemente político e tende a ocorrer sempre em situação em que há ocupação militar em comunidades com baixos índices de liberdade civil e direitos políticos.<sup>213</sup>

A proposta da expansão da democracia através de intervenções militares demonstrou, até o momento (curto prazo), não ser uma arma eficaz contra o terrorismo. Pelo contrário. Podemos dizer que o estimulou e pode agravar a situação, como comentam Feldman e Pape:

Embora ainda possa haver boas razões para tal estratégia, devemos reconhecer que a presença prolongada de pesadas forças de combate americanas em países muçulmanos deixa suscetível a aumentar as chances de um próximo dia 11/9.<sup>214</sup>

Desde os atentados em 11/9, os Estados Unidos tentaram, de alguma forma, responder à ameaça do terrorismo<sup>215</sup> dando início a uma política de intervenção em países que seriam paraísos para os terroristas. Mais que isso: tentando alterar as sociedades predominantemente muçulmanas no Golfo Pérsico. Que o terrorismo deve ser condenado é um fato. Entretanto, usar a mesma violência, como constatado nas intervenções, é o grande questionamento de alguns autores. Entre eles, Noam Chomsky:

As condenações de terrorismo são sólidas, mas deixam algumas perguntas sem resposta. A primeira é: o que se entende por "terrorismo"? Segundo: qual é a resposta adequada para o crime? Qualquer que seja a resposta deve, pelo menos, satisfazer um altruísmo moral: se propomos um princípio que deve ser aplicado aos antagonistas, então nós temos que concordar - na verdade, tenazmente insistir - que a princípio se aplica a nós também. Aqueles que não aumentam ainda este nível mínimo de integridade claramente não podem ser levados a sério quando falam de certo e errado, bem e mal.<sup>216</sup>

---

<sup>213</sup> NASSER, Reginaldo. Entrevista Jornal Hoje. Disponível em: <http://globovivo.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/terrorismo-aula-3-do-professor-reginaldo-nasser/1574857/>. Acesso em 02/04/2013.

<sup>214</sup> FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A. Cutting the Fuse: The Explosion of Global Suicide Terrorism and How to Stop It. 2010, p.33.

<sup>215</sup> FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A., *op cit.*, 2010, p.33.

<sup>216</sup> CHOMSKY, Noam. *Who are the Global Terrorists?*. Disponível em <http://www.chomsky.info/articles/200205--02.htm>. Acesso em 01/03/2013.

No entanto, a estreita relação entre ocupações militares norte-americanas e o crescimento do número de terroristas suicidas nas regiões ocupadas é algo que deve ser compreendido. Algo complexo, que pode implicar na mudança da lógica de política externa dos países, principalmente dos Estados Unidos:

Para vencer a guerra contra o terrorismo, devemos ter uma nova concepção de vitória. A chave para uma segurança duradoura não reside apenas em extirpar a geração de hoje de terroristas que estão ativamente planejando matar norte-americanos, mas também na prevenção da geração, ao lado potencialmente maior de se levantar. O propósito abrangente da América deve ser o de alcançar o primeiro objetivo, sem deixar o segundo. Para atingir esse objetivo é essencial que compreendamos a lógica estratégica, social e individual de terrorismo suicida.<sup>217</sup>

O posicionamento do *Wilsonianismo*, com dentes da linha neoconservadora, que abordamos anteriormente, em nenhum momento levou em conta a reação que suas intervenções poderiam provocar. No discurso neoconservador não encontramos debates sobre as motivações terroristas. Mas vimos posicionamentos “maniqueístas” extremados, como podemos constatar ao resgatar o pronunciamento de Charles Krauthammer, defendendo as ocupações norte-americanas:

Se alguém invade sua casa, você chama a polícia. Quem você chama se alguém invade o seu país? Você liga para Washington. No mundo unipolar, a América é o mais próximo de uma autoridade centralizada para aplicar normas.<sup>218</sup>

Além do fracasso da busca por armas de destruição em massa, a legitimidade da operação foi questionada após a divulgação sobre o número de soldados mortos. Um total de 179 soldados britânicos<sup>219</sup>, até 2009, e de 6648 soldados norte-americanos, até março de 2013.<sup>220</sup>

Os dados sobre os soldados norte-americanos demonstram que 38% morreram durante um confronto armado com iraquianos contrários à ocupação. E

<sup>217</sup> FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A., 2010, p.14.

<sup>218</sup> KRAUTHAMMER, Charles. *A unipolar World*. 2004.

<sup>219</sup> Fonte: <http://www.bbc.co.uk/news/uk-10637526>. Acesso em 05/04/2013.

<sup>220</sup> Fonte: <http://apps.washingtonpost.com/national/fallen/>. Acesso em 05/04/2013.

37% tiveram sua morte classificada como IED (*improvised explosive device*), morte por algum artefato caseiro. A idade dos soldados mortos em todas as categorias estavam entre 20 e 50 anos, sendo que 44% dos soldados mortos tinham entre 20 e 24 anos.

Os números e as hipóteses baseadas neles que apresentamos geralmente não estão presentes na comunicação de massa ocidental. O que torna a percepção da população sobre o fato extremamente superficial.

Após 9/11, parecia fácil pensar que o Islã, a pobreza, a alienação social, ou o mais sinistro da sonoridade "fascismo islâmico" foram a causa principal de nossos problemas. No entanto, estes não emergem de repente apenas nas últimas décadas, e por isso são pobres as explicações para o aumento do terrorismo suicida durante nossas vidas. A chave para melhorar a nossa segurança é descobrir o que mudou e como isso está impulsionando o terrorismo suicida contra nós.<sup>221</sup>

Por outro lado, ganha destaque na mídia a imagem do terror. E esse é outro diferencial do terrorismo dos séculos XX e XXI. A mídia tem um papel essencial ao comunicar os ataques e ampliar a mensagem terrorista. Antes, somente as comunidades próximas aos atos recebiam a informação do ocorrido. Atualmente, com a mídia e a fácil comunicação, o mundo recebe em modo *online* o recado terrorista e seus feitos. Isso provoca um efeito transnacional da mensagem terrorista. A sensação de estarem por todas as partes do mundo passa a ser compartilhada em vários países devido à ampla divulgação. Mesmo que os ataques aconteçam em locais específicos, a preocupação com a segurança nacional se generalizou em boa parte do mundo: "*O novo terrorismo é cada vez mais transnacional, ainda que seus alvos sejam locais*".<sup>222</sup>

As imagens veiculadas são capazes de alterar o imaginário coletivo sobre algo, tornando o pequeno em grande e vice-versa. Uma vez que as imagens podem maximizar um atentado, a união entre os atos terroristas e as projeções das imagens passou a ser a arma do mais fraco.<sup>223</sup> Um mais fraco que aceita a violência como meio de resposta e de reivindicação, geralmente atinge uma população ainda mais fraca que os próprios grupos terroristas ou atinge uma população civil específica. Nega-se, então, a inocência das vítimas, pelo fato delas fazerem parte da sociedade

---

<sup>221</sup> FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A. *Cutting the Fuse: The Explosion of Global Suicide Terrorism and How to Stop It*. 2010, p.14.

<sup>222</sup> DEMANT, Peter., 2007, p.276.

<sup>223</sup> idem.

a qual o grupo terrorista se opõe. Esta violência sem vítimas específicas torna os atentados mais horríveis e propulsores do pânico na sociedade.

No entanto, as imagens sobre o terrorismo não revelam muitas vezes o que os atos significam para os que fomentam estas ações. A ênfase no debate sobre o assassinato de inocentes (o que é algo terrível) não pode ocultar o debate sobre o que reivindicam os que comentem tal ação:

O assassinato de inocentes é certamente ruim. Dificilmente se justifica. No entanto, a dimensão do ato homicida não deve levar-nos a esquecer da importante causa que conduz a ele, que muitos terroristas suicidas estão se matando para fazerem avançar o que eles vêem como o bem comum.<sup>224</sup>

Por muitas vezes, os grupos terroristas são vistos como milhares de militantes armados e dispostos a morrer por um motivo religioso. Após o 11/9, as imagens mostraram que este movimento pode estar em toda parte e que a grande potência mundial não é tão poderosa (na questão de defesa) como se pensava. Estas duas imagens são simplórias em seu foco e distorcem a realidade. Certamente, o poderio militar e tecnológico norte-americano é superior ao poderio dos terroristas. Mas no momento dos atentados de 11/9 a grande imagem construída foi a de um lado “terroristas muçulmanos” e de outro “as vítimas norte-americanas”. Esse cenário resultou em uma sensação de insegurança em boa parte da população dos Estados Unidos.

O debate sobre as motivações destes atentados ficaram restritos a alguns círculos de intelectuais. Grande parte da população civil, porém, apoiou a política da guerra contra o terror como uma solução para o mal. Esta situação só se alterou após a guerra no Iraque, devido ao grande questionamento internacional sobre a legitimidade da ação, sobre o custo financeiro da guerra e sobre o número de soldados norte-americanos mortos em emboscadas, como demonstramos anteriormente.

Esse será nosso próximo passo neste trabalho: demonstrar o papel da mídia e do discurso político na construção da imagem do terrorismo, mais especificamente o terrorismo vindo do Oriente e, com isso, justificar ações unilaterais dos Estados Unidos e grandes intervenções na liberdade civil norte-americana.

---

<sup>224</sup> PAPE, Robert A., 2005.

### 3.2 Os Atentados ao World Trade Center e suas Repercussões

O ataque às torres do World Trade Center foram observados em diversas partes do mundo. A divulgação em massa dos atentados gerou vários sentimentos na população: vitória para muitos fundamentalistas, que vibraram com a notícia; revolta nos que perderam seus entes na tragédia; medo na maior parte da população norte-americana. A cobertura midiática estimulou reações múltiplas, magnificando, ainda mais, os ataques terroristas. Evidentemente, um fato tão dramático como o ataque às torres gêmeas não poderia passar despercebido. A ação modificou toda a lógica da política externa americana. No entanto, a continuidade e a ênfase a ataques terroristas expostos na mídia, através das emissoras, acabaram enviando ao mundo o recado dos fundamentalistas.

Ao todo, quatro aviões foram sequestrados. Três deles foram lançados contra símbolos do poderio norte-americano: dois contra as torres do World Trade Center, símbolo financeiro; um contra o Pentágono, símbolo militar. Os ataques resultaram em milhares de mortos de uma forma jamais imaginada:

Até aquele momento, um ataque terrorista em território americano, capaz de matar milhares de pessoas, era imaginado apenas com o uso de armas de destruição em massa [...] e não com aviões comerciais utilizados como mísseis [...] A percepção de imunidade, que historicamente e geograficamente sempre favoreceu os Estados Unidos, com dois oceanos [...] foi abalada com os ataques.<sup>225</sup>

De fato, os fundamentalistas utilizaram métodos ocidentais para se contraporem ao Ocidente. Usaram formas modernas para reagirem contra a modernidade.

Informações midiáticas são amplamente consumidas no Ocidente. A mídia também se faz muito presente nos países muçulmanos. E são pelos meios de comunicação que algumas vezes discursos religiosos inflamados de ódio são veiculados. No entanto, nos ataques de 11 de Setembro, não somente a mídia foi instrumento de oposição aos norte-americanos como a própria aviação dos Estados Unidos, com terroristas treinados numa escola de aviação do país, uma ousadia jamais imaginada. Desde então, a segurança da “fortaleza” norte-americana foi

---

<sup>225</sup> SHIMABUKURO, Alessandro. *O impacto do 11 de setembro sobre política, religião e sociedade nos Estados Unidos*. In: SILVA, Carlos Eduardo. *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p.161 – 162.

posta em dúvida. O governo reagiu de várias formas: alguns jornalistas norte-americanos reclamaram sobre a restrição da liberdade de expressão após os atentados em 11 de Setembro, como meio de tornar legítima a guerra contra o terror. Muitos argumentaram que o governo norte-americano aproveitou o momento de medo e pânico das pessoas para ferir valores fundamentais da sociedade sem maiores questionamentos - particularmente os direitos humanos e a liberdade de expressão:

Esta autocensura tornou difícil a crítica abertamente a questões como as causas do terrorismo e a melhor forma para resolver este problema, incluindo uma avaliação da eficácia e legitimidade da guerra no Afeganistão, os terríveis acontecimentos que estão ocorrendo em Israel e na Palestina, e à ameaça de mais militares para combater o terrorismo. Ela também torna mais difícil para as pessoas defensoras dos direitos humanos promoverem o que são agora as causas impopulares, tais como os direitos humanos e das pessoas acusadas de terrorismo.<sup>226</sup>

Também se questionou a burocracia para embarcar e desembarcar em aeroportos nos Estados Unidos. A segurança e a rigidez nas inspeções de objetos e passaportes causaram transtornos para muitos passageiros. Mas a maior reação da população norte-americana foi, sem dúvida, a de “se unir em volta da bandeira americana” (*rally around the flag*)<sup>227</sup> uma coesão social e um apoio em massa ao governo norte-americano, sem dúvida um comportamento marcante no mês de setembro de 2001. Pessoas de várias religiões saíram juntas para rezarem. Voluntários foram até hospitais doar sangue e ajudaram no resgate das vítimas. Este conjunto de cerimônias e voluntarismo reforçou o sentimento patriótico norte-americano, que segundo Huntington é um ponto chave para definir a nova posição dos Estados Unidos no âmbito doméstico e na política externa:

O patriotismo é uma – talvez a principal – virtude conservadora primordial. Os conservadores conferem sua mais elevada lealdade ao país seus valores, cultura e instituições.<sup>228</sup>

---

<sup>226</sup> MENDEL, Toby. *Terrorist Attacks of 11 September: Consequences for Freedom of Expression*. In: *Media, Violence and Terrorism*. UNESCO, 2003, p.49

<sup>227</sup> SHIMABUKURO, 2009, p. 163.

<sup>228</sup> HUNTINGTON, 1997, p.37.

Juntamente com este patriotismo, valores conservadores foram resgatados pela população, assim como algumas verdades tidas como básicas<sup>229</sup>, também expostas por Huntington:

Os Estados Unidos são uma nação religiosa; o patriotismo é uma virtude, universalismo não é americanismo; nacionalismo não é isolacionismo<sup>230</sup>.

Por isso, considera-se o “*Nine Eleven (09/11)*” um ponto chave, um marco histórico que mudaria a forma da política externa norte-americana. Além disso, o fator religioso também ganhou força. Constantemente, pregadores protestantes presentes na mídia americana declaravam que os atentados foram, de certa forma, um aviso divino quanto aos erros dos políticos que secularizavam o país. O professor Pedro de Lima Vasconcellos, em sua obra sobre fundamentalismos, cita o discurso de Pat Robertson<sup>231</sup>:

Pecamos contra o Deus todo-poderoso nos estratos mais altos do nosso governo, cuspimos-te na tua cara. A Suprema Corte te insultou uma e outra vez. Senhor, expulsaram tua Palavra das escolas. Proibiram que as crianças pudessem elevar uma prece antes de fazer um exame [...] Perdoe-nos!<sup>232</sup>

Também se deve destacar que o próprio presidente George W. Bush fez uma distinção sobre a religião muçulmana entre os fundamentalistas muçulmanos não adeptos da utilização de armas, de força, e os fundamentalistas radicais. Em seu discurso realizado em 20 de setembro de 2001, de certa forma, não faz uma crítica ao fundamentalismo muçulmano, muito menos ao islamismo.

Os terroristas praticam uma forma do extremismo islâmico que foi rejeitada pelos estudiosos muçulmanos e pela grande maioria dos clérigos muçulmanos, um movimento marginal que perverte os ensinamentos pacíficos do Islã. As diretivas terroristas, ordens para matar cristãos e judeus, matar todos os americanos, não faz nenhuma distinção entre militares e civis, incluindo mulheres e crianças.<sup>233</sup>

---

<sup>229</sup> TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio, 2007, p.82

<sup>230</sup> HUNTINGTON, 1997, p.39.

<sup>231</sup> Pastor Batista.

<sup>232</sup> VASCONCELLOS, 2008, p. 93.

<sup>233</sup> Fonte: American Rhetoric. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/gwbush911jointsessionspeech.htm>> Acesso em 21/03/2010.

O mesmo foi observado em seu discurso perante a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), realizado em 10 de novembro de 2001. Bush afirmou que os atos terroristas não respeitaram as religiões, inclusive a própria religião que eles defendem:

O sofrimento de 11 de setembro foi infligido às pessoas de muitas crenças e muitas nações. Todas as vítimas, incluindo os muçulmanos, foram mortas com igual indiferença e igual satisfação pelos líderes terroristas. Os terroristas estão a violar os princípios de todas as religiões, incluindo a que invocam.<sup>234</sup>

Paralelamente a este posicionamento “neutro” em relação ao islamismo nos discursos de George W. Bush, o sentimento patriota e da missão norte-americana também esteve presente em seus discursos:

O presidente fez uso da retórica religiosa desde o seu primeiro discurso oficial e desde então não deixou de incluí-la em suas falas públicas, especialmente após o 11 de Setembro, com os apelos a "chamado", "missão" e "promessa".<sup>235</sup>

Com o fortalecimento da religiosidade e do patriotismo norte-americano, uma linha de pensamento político ganharia espaço, pois poderia responder e solucionar o problema do terrorismo internacional e levar a paz ao mundo. Assim, os Neoconservadores emergiram, encontrando o espaço que haviam perdido desde o fim da Guerra Fria.

Eles lançaram as propostas de combate contra o terror, iniciando a perseguição contra a *Al Qaeda* e a Osama bin Laden. Também a antiga aspiração neoconservadora de derrubar o governo de Saddam Hussein ganhou campo:

Apesar de Saddam Hussein e seu regime não terem tido nenhuma ligação com os responsáveis pelos atentados em 11 de setembro (Osama bin Laden e a *Al Qaeda*), muito menos serem um governo de islâmica radical, a mudança de regime no Iraque era vista pelo governo de Bush como o primeiro passo para confrontar e derrotar o radicalismo islâmico na região.<sup>236</sup>

---

<sup>234</sup> Fonte: American Rhetoric. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/gwbush911unitednations.htm>>. Acesso em 20/03/2011.

<sup>235</sup> SOUTO, 2009, p.54.

<sup>236</sup> SIMABUKURO, 2007, p.187.

Tanto os atentados quanto as intervenções militares dos Estados Unidos tiveram ampla cobertura jornalística. Tornou-se extremamente presente nos noticiários temas como fundamentalismo, terrorismo e guerra. Estes três termos promoveram, de certa forma, a cultura do medo pós 11/9, sendo ela uma base fundamental para a disseminação do pensamento neoconservador e o apoio por parte da população à nova campanha militar decretada por George W. Bush.

Outro motivo causou pânico generalizado na população norte-americana: o uso de armas biológicas extremamente letais por parte dos terroristas - um tipo de terrorismo muito imprevisível como abordamos anteriormente. A capacidade de alcance e a dificuldade de identificação de armas biológicas as tornam um risco praticamente impossível de combater. Até mesmo através de simples correspondências esse perigo pode se fazer presente.

A professora Brigitte L. Nacos destacou, em um seminário realizado na Universidade de Columbia<sup>237</sup>, o número de reportagens de possíveis ataques com armas biológicas. Segundo Brigitte, houve uma obsessão por parte da mídia em buscar indícios de novos ataques. Mesmo antes do primeiro caso de ataque com antraz, a mídia já tinha se adiantado em descrever detalhadamente sobre o perigo de armas biológicas. A tabela abaixo, organizada por Brigitte, demonstra a quantidade de matérias que mencionam o perigo das armas biológicas<sup>238</sup>:

Coverage of Biological and Chemical Terrorism Before Anthrax Attacks

	Biological and Chemical Terror	Anthrax
ABC News	20	2
CBS News	12	0
NBC News	8	3
CNN	17	1
FOX News	23	0
NPR	11	8
<i>New York Times</i>	76	27
<i>Washington Post</i>	55	25

*Compiled by author from Lexis-Nexis archives.  
Television and radio reference from 09/11-10/03/01.  
Newspaper references from 09/12-10/04/01.*

Tabela 5 Reportagens sobre armas biológicas antes do primeiro caso de Antrax

Baseada nestas novas ameaças terroristas, a guerra contra o terror ganha aceitação nos Estados Unidos. Consequentemente, os ataques norte-americanos

<sup>237</sup> Disponível em: <[http://ci.columbia.edu/ci/eseminars/1341/1341\\_sg3.html](http://ci.columbia.edu/ci/eseminars/1341/1341_sg3.html)>. Acesso em 17/04/2013.

<sup>238</sup> Compilação feita por Brigitte L. Nacos. Para as matérias de TV e rádio a compilação foi feita entre 11/09/2001 e 03/10/2001. Para os jornais impressos a compilação foi entre 12/09/2001 e 04/10/2001.

foram concentrados no Afeganistão, à procura dos líderes da *Al Qaeda*, e no Iraque, devido a uma suspeita da produção de armas de destruição em massa. Conforme comenta Vera Chaia, o medo foi o incremento para justificar as intervenções militares como resposta aos atentados:

O 11 de Setembro de 2001 foi uma data histórica para discutir a problemática do terrorismo e do medo. A adoção de políticas antiterror acentuou-se após essa data. O uso do medo como estratégia e arma política para controlar e dirigir povos e nações foi incrementado e utilizado para justificar os atos de terrorismo do Estado<sup>239</sup>.

Por este motivo é necessário compreender como a mídia colaborou (mesmo sem intenção) com a fabricação e a disseminação do medo, dando ao discurso neoconservador um caráter de possível solução para o “caos” presente no pós 11/9.

### 3.3 A Mídia e os Atentados

Uma característica do 11/9 foi sua grande cobertura jornalística. Se a mídia se esforçou em alertar, divulgar e esclarecer os atentados terroristas e suas consequências, devemos neste trabalho trazer algumas reflexões sobre seu papel, sua importância e suas limitações.

Os meios de comunicação revolucionaram a forma da sociedade agir, se organizar e até mesmo de pensar. Quando informações são veiculadas temos conhecimento sobre dados e fatos cotidianos de várias áreas da vida: política, saúde, economia, entre outras.

Se a mídia é livre (sem censuras por parte do governo), através dela também é garantida a pluralidade de pensamento ao permitir a ampliação de debates e promover críticas importantes que auxiliam no bom desenvolvimento da organização social. Se o Estado permite independência à mídia, conseqüentemente ela também poderá questionar as próprias atitudes do Estado, auxiliando a sociedade civil a perceber erros e acertos daqueles que são responsáveis pela administração do Estado.

---

<sup>239</sup> CHAIA, Vera. *Política e Cultura do Medo*. in Ciências Sociais na Atualidade. São Paulo: Educ, 2011, p.77.

Os benefícios que a mídia traz para a sociedade são muitos. Não podemos negar seu papel na formação de opinião. Sem dúvida ela é capaz de influenciar o pensamento e o comportamento coletivo. Uma vez que os meios de comunicação de massa possuem tal característica, obviamente o terrorismo se aproveitará deste instrumento para transmitir seu recado:

"Onde a imprensa é livre (...) tudo está seguro". (Berg e Lipscomb, 1904)

Quase 200 anos atrás, Thomas Jefferson escreveu estas palavras e, ainda hoje, a imprensa livre é um dos pilares das sociedades democráticas. O que acontece, no entanto, se o conteúdo da mídia oferecido ao público é entregue ou influenciado por uma organização que tem o objetivo de perturbar a segurança? Este é o do terrorismo. A fim de espalhar o medo e, assim, promover seus objetivos políticos, uma organização terrorista precisa dos meios de comunicação (tradução nossa)<sup>240</sup>.

Eventos tão desastrosos como os ataques em 11/9 não poderiam ser tratados com distância pela mídia. Na verdade, a população dependia dela para obter informações sobre o que estava acontecendo naquele momento. O papel da mídia foi o de ajudar o mundo a compreender aqueles eventos e de reproduzir os pronunciamentos oficiais do governo. Contudo, ao mesmo tempo em que a mídia desempenha seu papel informativo, ela leva consigo as imagens do terror e o recado dos terroristas. Descrevemos anteriormente sobre o papel da imagem na ampliação dos fenômenos e pretendemos aqui expor como o terrorismo é e foi visto pela ótica da mídia.

Os canais de televisão tiveram predominância na divulgação do 9/11 graças à capacidade de mostrar *ao vivo* os acontecimentos. Podemos dizer que boa parte do mundo estava observando através das emissoras de televisão o maior atentado terrorista em solo norte-americano. Evidentemente, devemos destacar que a rede de comunicação dependem de audiência para se destacarem perante seus concorrentes e obterem maior retorno financeiro com publicidade. Para chamar a atenção do telespectador ou do leitor, nada melhor do que aquilo que é inédito. A busca pelo "inédito" é a grande corrida dos meios de comunicação. Consequentemente, quando se trata de um acontecimento como o 11 de Setembro,

---

<sup>240</sup> *Terrorism and media. Transnational Terrorism. Security & Rules of Law. Deliverable 6, Workpackage 4. 2008, p.2*

pode existir uma promoção espetacular do terror. Este espetáculo afeta emocionalmente aqueles que assistem as várias imagens da tragédia.

Nos atentados de 11/9, certamente, não foi o número de mortos o principal fator a impactar psicologicamente os norte-americanos. Mas a ênfase dada às imagens, que construíram uma percepção generalizada de uma tragédia coletiva sem precedentes:

Não é o número de mortos que define uma grande tragédia coletiva. São grandes tragédias coletivas que nos remetem a um mito. Aquelas que nos provocam uma nova angústia, mas nos revelam uma antiga incerteza.<sup>241</sup>

O *Journal of Media Psychology*, revista científica que circula nos Estados Unidos, no Canadá e na Alemanha, entrevistou 392 estudantes da Universidade do Texas. O objetivo foi mensurar o tempo que estes participantes ficaram diante das imagens dos atentados transmitidos pelos canais de televisão. Os pesquisadores procuraram também investigar a sensação dos telespectadores após as imagens<sup>242</sup>. A classificação das sensações foi feita da seguinte forma: Categoria MAD (para o sentimento de ódio, raiva); BAD (para o sentimento de ansiedade atrelado ao medo); SAD (para o sentimento de tristeza e impotência). A pesquisa envolveu várias questões sobre o tempo de exposição à mídia, reações sobre os fatos, entre outros questionamentos<sup>243</sup>. A compilação destes questionários foi interpretada e categorizada entre MAD, SAD e BAD. O resultado da pesquisa foi o seguinte:

*Percentages of Participants by Emotion on Tuesday 9/11 and 6 days later (Sunday)*

Emotion	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday	Saturday	Sunday
MAD	71%	44.5%	43.3%	40.7%	40.5%	31%
SAD	9%	19.2%	26.1%	30.1%	29.4%	19%
BAD	11.6%	17.2%	20.5%	21.6%	22.3%	24%

Note. The remainder of the participants fell into the "other" category and were not included in this analysis.

**Tabela 6 Estudo realizado sobre as emoções dos telespectadores após os atentados em 11/9**

<sup>241</sup> ZOJA L., 2003 *apud* PAEIRO, Denise Cristina. *Mídia e Terror: A construção da imagem do terrorismo no jornalismo*. Tese de Doutora apresentado ao departamento de Semiótica na PUC-SP, 2012, p.15.

<sup>242</sup> *Emotional Stress and Coping in Response to Television News Coverage of the 9/11 Terrorist Attacks. Journal of Media Psychology*, V 14, No. 1, Winter, 2009.

<sup>243</sup> As questões não se referiam ao sentimento em si. Eram questões que revelavam através de uma análise psicológica o sentimento aproximado vivido nos seis dias após os atentados.

Este estudo nos fornece uma amostra de grande importância. Embora 392 estudantes do Texas possam ter um perfil de pensamento diferenciado dos demais norte-americanos, no momento dos atentados podemos supor que o patriotismo se acentuou e os mesmos sentimentos foram compartilhados. Conforme Mazzoti e Gewandszajder, podemos generalizar essa pesquisa qualitativa para compreender o sentimento geral da sociedade norte-americana naquele momento<sup>244</sup> com base nesta amostra.

Como resultado, a categoria MAD, que engloba o sentimento de raiva e ódio, é predominante em todos os dias da semana. Aqui temos um dado essencial para compreender o poder da mídia e o que ela irá favorecer na aceitação dos americanos pelo discurso neoconservador.

A categoria SAD (tristeza e/ou impotência) elevou-se gradualmente de 11,6% na terça-feira (11/9) para 24% no domingo. Evidentemente, o volume de imagens e cenas dos atentados desencadeia essa sensação que se acentua conforme o número de repetições ao longo da semana.

O poder que a mídia tem de causar tais impactos emocionais nos cidadãos é algo incontestável. Por mais que tenhamos condições de “filtrar” certas informações violentas e catastróficas, as informações carregadas de imagens e frases impactantes afetam o estado psicológico e, por muitas vezes, nem esclarecem os motivos de tal violência.

Em um instante houve também uma grande necessidade de saber, ou talvez melhor dizer, "entender" os acontecimentos daquele dia terrível. Nos anos anteriores ao 9/11, alguns americanos deram muita atenção para o que impulsiona o terrorismo, um assunto longo relegado às margens da mídia e da periferia do mesmo governo, dos militares e das universidades. Para esse entendimento não espere por novos estudos, coleta de dados e avaliação desapaixonada de causas alternativas. Terrorismo produz medo e raiva, e tais emoções não estão mortas<sup>245</sup>.

Ao falarmos sobre a mídia internacional impressa na cobertura de eventos terroristas, temos que analisar um fator importante sobre como são coletadas, construídas e publicadas as informações. Primeiramente, compreender a complexibilidade internacional demanda um pré-requisito de interesse intelectual do

---

<sup>244</sup> MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1999, p. 174.

<sup>245</sup> FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A., 2010, p.5

leitor<sup>246</sup>. Em segundo lugar, para os jornais exige a necessidade de um intenso processamento de dados. Para o ramo jornalístico, quanto mais informações e dados forem necessários, mais caro sairá o custo da informação, inviabilizando boa parte da cobertura jornalística. Por outro lado, mesmo que os jornais oferecessem um maior aparato técnico e informativo sobre a complexibilidade do cenário internacional, o leitor comum não gastaria seu tempo para compreendê-lo. Há por parte da população em geral um desinteresse em relação a matérias de maior profundidade.

A construção “defeituosa” sobre os eventos internacionais é um reflexo do alto custo para gerar a informação e do desinteresse do leitor em assuntos que demandam maior reflexão<sup>247</sup>. Segundo Jacques A. Wainberg<sup>248</sup>, as pessoas se aproveitam de atalhos mentais na tentativa de sistematizarem os fatos, atalhos que não exigem a compreensão dos fatos primários que desencadearam um evento. O que tornará este fato importante e verdadeiro para o leitor não será a justificativa pautada em dados e contextos, mas sim a quantidade de repetições de matérias com a mesma temática.

Ao falarmos de terrorismo promovido por pessoas de outros países, a falta de conhecimento geográfico atrapalha o entendimento sobre o tema. Wainberg comenta que quanto mais distante se vive do terrorismo, menor compreensão há sobre o fato. Sem compreensão dos acontecimentos, o terrorismo passa a ser visto como um ato sem lógica e motivações, tornando-se algo totalmente desconhecido e imprevisto para boa parte da população, o que incentiva a cultura do medo:

O medo do desconhecido ajuda a alimentar a ideia de caos. O discurso do terrorismo reforça essa intenção, justificada segundo um olhar que é diferente do que foi atacado. O terrorismo provoca a sensação de impotência e instabilidade em todos os atingidos<sup>249</sup>.

A ênfase dada aos atos violentos sem a explicação dos motivos que levaram a tais atos cria, por consequência, uma incompreensão que resultará no medo do

---

<sup>246</sup> WAINBERG, Jaques A. *Noticiário internacional e a incompreensão do mundo*. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa de Jornalismo do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2006, p.03.

<sup>247</sup> *ibidem*, p.02.

<sup>248</sup> WAINBERG, Jacques A. *Mídia e Terror: Comunicação e Violência Política*. São Paulo: Paulus, 2005, p.14.

<sup>249</sup> PAEIRO, Denise Cristina. *Mídia e Terror: A construção da imagem do terrorismo no jornalismo*. Tese de Doutorado apresentado ao departamento de Semiótica na PUC-SP, 2012, p.33.

desconhecido. No caso da imprensa brasileira, percebemos esse mesmo enfoque em assuntos relacionados aos países árabes.

Um estudo realizado por Isabelle Somma<sup>250</sup> revela o aumento de reportagens sobre o Oriente Médio em dois grandes jornais de São Paulo entre os anos de 2001 e 2002. Somma analisa 60 edições que contemplam os seis meses após os atentados de 11/9 (período entre 11/03/2002 e 09/04/2002) e 60 edições anterior ao 11/9 (período entre 11/03/2001 e 09/04/2001). O recorte pretende comparar os termos e o destaque do tema entre seis meses antes dos atentados e seis meses depois dos atentados.

Segundo Isabelle Somma, a *Folha de S. Paulo* (FSP) e *O Estado de S. Paulo* (OESP) dedicaram um grande número de matérias sobre o Oriente Médio. De um total de 293 matérias em 2001, os jornais analisados dedicaram espaço a 874 matérias em 2002. Esse aumento não revela um melhor debate para a compreensão do Oriente Médio. Se analisarmos a quantidade de matérias que demonstram como é a cultura local, temos apenas 32 reportagens publicadas nos dois anos pelos dois jornais.

Por outro lado, o enfoque na violência da região é um tema que ganha um grande espaço na mídia impressa. No caso da FSP, o número de matérias com tal conteúdo aumentou 48,17% entre 2001 e 2002. No OESP o aumento foi de 30,09%. As tabelas abaixo, extraídas do trabalho de Isabelle Somma, revela uma predileção por alguns temas específicos em ambos os jornais:

---

<sup>250</sup> CASTRO, Isabelle Somma. *Orientalismo na imprensa brasileira: A apresentação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11/09/2001*. Dissertação apresentada ao departamento de Letras da Universidade de São Paulo FFLCH-USP. 2007.

### Comparação dos resultados de 2001 e 2002 na FSP

<b>Assunto</b>	<b>2001</b>		<b>2002</b>		<b>Diferença</b>	
	Número de textos	% do total	Número de textos	% do total	No número de textos	Na participação no total (pp.)*
Palestina/Israel	43	34,4	292	71,04	+249	+36,64
Macedônia	25	20	0	0	-25	-20
Afeganistão	15	12	41	9,97	+26	-2,03
Iraque	7	5,6	23	5,59	+16	-0,1
<b>Subtotal</b>	<b>90</b>	<b>72</b>	<b>356</b>	<b>86,61</b>	<b>+266</b>	<b>+14,61</b>
Outros	35	28	55	13,38	+20	-14,62
<b>TOTAL</b>	<b>125</b>	<b>100</b>	<b>411</b>	<b>100</b>	<b>+286</b>	<b>+69,58</b>
<b>Enfoque</b>						
Violência	76	60,8	198	48,17	+122	-12,63
Cultura	8	6,4	8	1,94	=	-4,46
<b>Origem</b>						
Fontes Internacionais	98	78,4	236	57,42	+138	-20,98

\* Em pontos percentuais

### Comparação dos resultados de 2001 e 2002 em OESP

<b>Assunto</b>	<b>2001</b>		<b>2002</b>		<b>Diferença</b>	
	Número de textos	% do total	Número de textos	% do total	No número de textos	Na participação no total (pp.)*
Palestina/Israel	48	28,57	323	69,76	+275	+41,19
Macedônia	25	14,88	0	0	-25	-14,88
Afeganistão	12	7,14	54	11,66	+42	+4,52
Iraque	6	3,57	44	9,50	+38	+5,93
<b>Subtotal</b>	<b>91</b>	<b>54,16</b>	<b>421</b>	<b>90,92</b>	<b>330</b>	<b>+36,76</b>
Outros	77	45,83	42	9,07	-35	-36,76
<b>TOTAL</b>	<b>168</b>	<b>100</b>	<b>463</b>	<b>100</b>	<b>+295</b>	<b>+63,71</b>
<b>Enfoque</b>						
Violência	79	47,02	181	39,09	+102	-7,93
Cultura	7	4,16	9	1,94	+2	-2,22
<b>Origem</b>						
Fontes Internacionais	139	82,73	305	65,87	+166	-16,86

\* Em pontos percentuais

Além de focar a violência no Oriente Médio, há também uma predominância de assuntos relativos ao conflito entre Israel e Palestina. Mesmo com as operações militares em destaque no Afeganistão em 2002, a ênfase jornalística permanecia nos assuntos Israel/Palestina, representando 71,04% das notícias de internacional na FSP e 69,76% no OESP.

O enfoque na violência também é uma forma de atrair a atenção do leitor, como comenta Jacques Wainberg:

Como consequência desta inaptidão dos brasileiros (suposição que emerge dos dados coletados na amostra) ao noticiário internacional está uma imagem do mundo precariamente construída e disponível à argumentação panfletária. Ainda nestas condições precárias da habilidade de processamento, justificar-se-ia (lamentavelmente) o *rationale* da violência política: a agressão dramática é instrumento útil para despertar a curiosidade não só das redações como das audiências em geral. A morte de civis inocentes, como é o caso do receituário terrorista, por exemplo, se justificaria na ponderação de que esta é a uma forma eficaz de vencer o desinteresse generalizado que as pessoas revelam por dramas alheios (predomina a curiosidade)<sup>251</sup>.

Evidentemente, este recorte voltado à violência também é reflexo da centralização de material produzido pelas agências internacionais de notícias. Levando em conta que são poucas as agências<sup>252</sup> e que, de acordo com o estudo realizado por Somma, mais de 75% das matérias internacionais presentes na FSP e OESP são produzidas por estas agências, haverá uma uniformidade na temática abordada conforme comenta Fhoutine Souto:

Um problema que atinge a imprensa latino-americana em geral é que os jornalistas da área internacional na maioria das vezes não têm acesso direto aos fatos que relatam. O número de correspondentes é bastante reduzido e as "fontes" acabam sendo as agências internacionais de notícias. O trabalho nas editorias que cobrem assuntos internacionais consiste basicamente na reciclagem da informação para convertê-la aos padrões de cada veículo.<sup>253</sup>

Uma vez que estas fontes também são responsáveis por fornecer informações para grande parte da mídia ocidental, podemos deduzir que essa massificação sobre fatos do Oriente Médio também atinge muitos outros países.

Neste capítulo, pretendemos retratar as várias coberturas relacionadas ao 11/9 na mídia brasileira sem desconectá-las com os meios de comunicação norte-americanos. Escolhemos analisar a revista *Veja* na categoria "imagens" por ser um veículo que explora fortemente o poder das fotografias e expressões. A revista *Veja* já foi amplamente analisada na academia por seus posicionamentos, mas nosso objetivo será identificar as generalizações e ênfase no "discurso do medo".

No caso dos jornais, nos deteremos no *O Estado de S. Paulo* e alguns exemplos da *Folha de S. Paulo*, isso devido a sua grande circulação no Estado. Ao contrário da revista *Veja*, na qual exploraremos mais as imagens e os textos

<sup>251</sup> WAINBERG, Jaques A. *Noticiário internacional e a incompreensão do mundo. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa de Jornalismo do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*. 2006, p.14.

<sup>252</sup> Grande parcela das informações internacionais são transmitidas pelas agências internacionais *Reuters, AFP, EFE*.

<sup>253</sup> SOUTO, 2009, p.34.

vinculados a elas, no caso dos jornais focaremos nossa análise na quantidade de palavras e/ou páginas dedicadas a um assunto.

Com essas comparações, perceberemos as “ondas de informação” vinculadas a um período específico, quando um acontecimento influencia o volume de matérias ou de termos utilizados nos jornais. A princípio, destacaremos as capas dos principais jornais e revistas ocidentais que retratam o 11/9<sup>254</sup>. A compilação destas imagens foi realizada pela Doutora Denise Cristine Paeiro<sup>255</sup>:



Figura 4 Cada dos principais jornais do mundo após os atentados ao World Trade Center

<sup>254</sup> Paeiro também inclui um jornal japonês ao lado inferior direito.

<sup>255</sup> PAEIRO, Denise Cristina. *Mídia e Terror: A construção da imagem do terrorismo no jornalismo*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Semiótica na PUC-SP. 2012, p.106.

Chamamos a atenção para as palavras “terror” e “ataque” presentes nas capas. Palavras que certamente verbalizam a imagem e impactam o pensamento coletivo (sensação de medo). Os 14 jornais escolhidos optaram por fotos das torres em chamas. Com isso, foi reforçado na consciência ocidental a ideia de um momento de insegurança. A ampla divulgação destas fotos moldou a imagem coletiva (representativa) do 11/9 no mundo ocidental. Paeiro comenta que ao analisar 114 capas dos principais jornais e revistas do mundo que retrataram o 11/9, constatou que apenas oito capas não continham a imagem das torres. Substituindo a imagem do *World Trade Center* em chamas por bombeiros resgatando pessoas<sup>256</sup>.

Para analisar a imagem dos atentados na mídia oriental foi escolhida a capa de um jornal libanês *Na-nahar*. Nele, o enfoque está nas torres já destruídas e não há a presença de fogo nas imagens.



Figura 5 Capa do jornal *Na-nahar*

<sup>256</sup> PAEIRO, 2012, p. 107.

Escolhemos explorar a relação entre imagens e textos na revista Veja, devido a sua característica particular de abordar temas como o terrorismo e o mundo muçulmano. Antes de nos deter nos detalhes de suas matérias, destacamos outra comparação realizada por Paeiro:



Figura 6 - Capas da Revista Veja durante a Guerra Fria, Guerra do Iraque e ataques de 11/9

As três capas destacam o fogo, a explosão, e uma frase remete a um grande perigo. As três imagens foram registradas em três épocas de grande importância para o pensamento neoconservador norte-americano. A primeira capa foi publicada em 2 de julho de 1969, no período da Guerra Fria. Uma situação apocalíptica para a direita cristã e um momento de disputa ideológica para o neoconservadorismo. Embora no Brasil boa parte da população não tivesse conhecimento sobre estes dois movimentos nos Estados Unidos, a sensação de perigo estava presente na capa.

A segunda capa, publicada em março de 2003, mostra Bagdá em chamas. Neste período, inicia-se a guerra no Iraque. Uma guerra "ao vivo" defendida por neoconservadores como "guerra ao terror". A terceira capa foi publicada em setembro de 2001, logo após os atentados. A capa da revista *Veja*, em relação às imagens, não se diferencia muitos dos grandes jornais norte-americanos. Por exemplo, os jornais *The New York Times* e *The Washington Post* também destacaram a imagem das torres com palavras impactantes como "terrorismo" e "ataque". A revista *Veja* retrata a mesma cena do jornal *The New York Times*. O jornal *The Washington Post* destaca a cena presente de forma secundária, como no jornal libanês *Na-nahar*.



Figura 7 Comparação capa The The Washington Post e The New York Times

Retomando o estudo sobre a revista *Veja*, temos na primeira publicação após os atentados de 11/9 uma matéria com o título “Assassinato em nome de Alá”. Embora a matéria contenha um pequeno texto informando que o movimento radical é uma minoria dentro do islamismo, a imagem da mesquita de *Al Aqsa* remete a outras percepções.



A imagem registra o momento de uma das cinco orações diárias que fazem parte dos pilares do Islã<sup>257</sup>. Certamente, para o mundo ocidental a mesquita de *Al Aqsa* é a mais conhecida popularmente como símbolo da fé muçulmana. Analisando três edições da revista *Veja* após os atentados de 11/9 não encontramos nenhuma fotografia da mesquita em Meca. Ao destacar a mesquita de *Al Aqsa* em Jerusalém, podemos supor que este fato ressalta uma imagem já recorrente na mídia: os conflitos entre israelenses e árabes em Israel. A região que abriga os lugares sagrados de três religiões – judaísmo, islamismo e cristianismo – é conhecida popularmente por atentados terroristas e conflitos armados. Popularmente também são conhecidos os lugares sagrados como a mesquita de *Al Aqsa*, o muro das lamentações e vários locais que marcam simbolicamente a presença de Jesus (via sacra, local da crucificação e sepulcro).

<sup>257</sup> Assunto abordado no primeiro capítulo.

Ainda sobre a matéria da revista *Veja* com a mesquita ao fundo, percebemos na reportagem uma legenda que destaca o culto a *Allah*. Este pequeno texto tenta explicar brevemente a imagem. No entanto, o sentido da frase favorece outras interpretações:



Ao dizer que dentre estes (multidão representada na foto) há moderados, pode-se interpretar que a minoria é de moderados. Se a frase fosse construída em outro sentido (entre eles há terroristas que são condenados pela multidão) daria uma sensação de uma minoria terrorista e uma multidão moderada. Esse texto se sobressai devido ao seu destaque em cores e fonte.

Partindo do contexto religioso passaremos agora a analisar sobre um personagem específico: Osama bin Laden. De um anonimato midiático (mas já conhecido no âmbito político norte-americano), ele passou a ser a personificação do terror.

Em uma matéria específica na revista *Veja* em 19 de setembro de 2001, encontramos em destaque o título *O inimigo número 1 da América* e um trecho da *fatwa*, que abordamos no capítulo II. O subtítulo da matéria nos chama atenção, pois há uma tentativa de remontar uma história do movimento muçulmano e/ou de vincular as ditaduras e fundamentalismos ao mundo muçulmano.



Khomeini, Kadafi, Saddam Hussein e Osama bin Laden são considerados frutos do mundo muçulmano. Consequentemente, frutos que colocam em jogo a segurança norte-americana. Embora as figuras citadas na matéria pertençam a uma sociedade formada predominantemente por muçulmanos, foi ignorado um fator que descrevemos nos capítulos anteriores. Boa parte dos terroristas e dos líderes políticos destes países são seculares e moderados nos posicionamentos religiosos. Khomeini foi um líder político e religioso no Irã, mas que fazia parte do movimento xiita. Se, por exemplo, compararmos Khomeini com Saddam Hussein perceberemos grandes diferenças entre eles.

Saddam foi um muçulmano sunita. No entanto, observamos que seu governo ditatorial era mais ligado a questões seculares. O partido *Baath*, do qual Saddam fazia parte, não tinha em sua ideologia fundamentos religiosos. Na história também temos claros conflitos entre xiitas e sunitas em território iraquiano e iraniano e a guerra entre Irã e Iraque. Isso evidencia que os dois personagens muçulmanos pouco tinham em comum em sua forma de governo e de pensamento religioso. Compará-los apenas com base na fé muçulmana omite fatores fundamentais para a compreensão destes movimentos.

Em relação a Kadafi também temos um personagem de origem sunita que tornou-se um líder político militar. Sem grandes interações com a ala religiosa, mas com forte sentimento nacionalista, Kadafi estabeleceu um regime ditatorial na Líbia.

Entre Kadafi, Saddam e Khomeini pouca relação há no sentido religioso. Podemos considerar semelhante entre eles a liderança política que conquistou muitos seguidores que sustentaram estes governos. Entretanto, ao compararmos estes personagens a Osama bin Laden as diferenças se acentuam ainda mais.

Osama certamente não possuía um projeto de governo para o Afeganistão, tão pouco um sentimento nacionalista. Seu grande ideal era se contrapor aos Estados Unidos e seus aliados que, de certa forma, segundo Osama, prejudicaram demasiadamente o mundo muçulmano. Os pronunciamentos de Osama não visavam uma revolução política em um determinado local. Mas eram um chamado a todos os muçulmanos. Evidentemente, este chamado foi aceito por alguns militantes, mas que provavelmente nunca viram Osama e também não possuíam objetivos políticos específicos. Com isso, percebemos que não há uma “produção” a partir de um elo comum determinante na criação da ideologia destes personagens. Até mesmo suas ideologias são algumas vezes conflitantes, como percebemos na questão do Irã e Iraque.

Na mesma edição da revista *Veja* a “carta ao leitor” também nos chama atenção.

**Carta ao leitor**

### O que incomoda o terror

O verdadeiro alvo visado pelos terroristas que atacaram Nova York e Washington na semana passada não foram as torres gêmeas do sul de Manhattan nem o edifício do Pentágono. O atentado foi cometido contra um sistema social e econômico que, mesmo longe da perfeição, é o mais justo e livre que a humanidade conseguiu fazer funcionar ininterruptamente até hoje. Não foi um ataque de Davi contra Golias. Nem um grito dos excluídos do Terceiro Mundo que, de modo trágico mas efetivo, se fez ouvir no império. Foi uma agressão perpetrada contra os mais caros e mais frágeis valores ocidentais: a democracia e a economia de mercado.

O que realmente incomoda a ponto da exasperação os fundamentalistas, apontados como os principais suspeitos de autoria dos atentados, não é só a arrogância americana ou seu apoio ao Estado de Israel. O que os radi-

cais não toleram, mais que tudo, é a modernidade. É a existência de uma sociedade em que os justos podem viver sem ser incomodados e os pobres têm possibilidades reais de atingir a prosperidade com o fruto de seu trabalho. Esse é o verdadeiro anátema dos terroristas que atacaram os Estados Unidos. Eles são enviados da morte, da elite teocrática, medieval, tirânica que exerce o poder absoluto em seus feudos. Para eles, a democracia é satânica. Por isso tem de ser combatida e destruída.

**Os fuzileiros cravam a bandeira americana depois de tomar Iwo Jima, em 1945, e os bombeiros (no detalhe) repetem o gesto simbólico em Nova York**

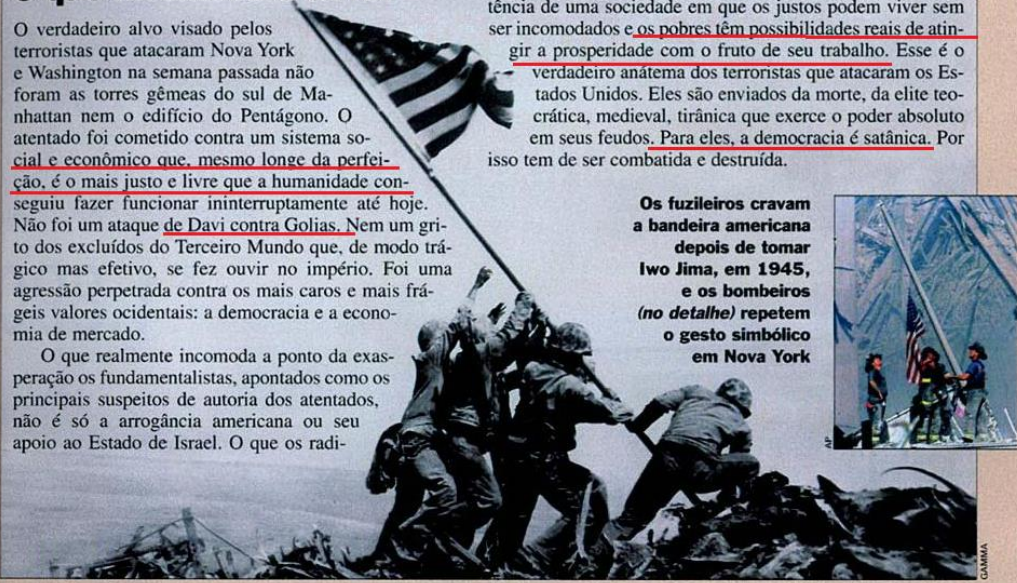


Figura 8 Carta ao leitor publicada na revista *Veja* em 19 de Setembro, grifo nosso.

Neste texto temos vários pontos que defendem uma política neoliberal e que combina perfeitamente com o pensamento neoconservador norte-americano. Democracia e economia de mercado (o que entendemos como economia aberta de mercado) são valores defendidos pelas principais potências ocidentais. A afirmação de que este sistema (democracia e economia de mercado) é o mais justo e funcional não é algo inédito. O posicionamento é recorrente na maioria dos discursos neoliberais. Não pretendemos aqui julgar tal sistema, mas destacamos a noção de justo e injusto, bem e mal, representada nas palavras democracia *versus* teocracia, Davi *versus* Golias e modernidade *versus* medieval.

Sobre a questão da democracia, já abordamos anteriormente quais motivos levam-na a não ser aceita pelos fundamentalistas radicais. Embora a democracia seja para esse grupo uma usurpação do reinado provindo da divindade, a guerra não é declarada ao sistema e, sim, àqueles que querem impor tal sistema ao povo muçulmano. A lógica capitalista descrita neste texto também entra em conflito com o pensamento fundamentalista. A liberdade do indivíduo em conquistar mais riqueza de acordo com o seu trabalho fere o princípio de igualdade da *umma*<sup>258</sup>. Se esta ideia de concorrência e prosperidade econômica dentro do capitalismo é amplamente questionada por movimentos esquerdistas ocidentais, devido a sua fragilidade, obviamente isso também estará presente nas comunidades muçulmanas que defendem uma espécie de socialismo utópico.

O que incomoda o terror – título da matéria – também remete ao problema que abordamos no capítulo sobre o terrorismo. Terror não é um personagem ou uma instituição. Logo, o terror não pode ser incomodado e combatido. Se alterássemos a frase para o que incomoda os radicais que promovem o terrorismo, teríamos uma frase mais específica a um grupo, e não seria tão abrangente quanto a do título da matéria. Mas independentemente da elaboração deste título, percebemos algo que em nenhum momento é mencionado e que demonstramos estatisticamente. Que “os enviados para a morte”, conforme diz a matéria, são principalmente incomodados pela ocupação estrangeira em território muçulmano.

Encontramos uma matéria de março de 2004 que relata o aumento do número de atentados terroristas. Realmente, entre os anos de 2001 e 2004 os números cresceram consideravelmente. Principalmente os atentados suicidas, como

---

<sup>258</sup> Abordado no Capítulos I e II

foram abordados anteriormente. Porém, este aumento não é estritamente relacionado a uma ideologia de Osama bin Laden. Devemos destacar os movimentos seculares que são contra a ocupação estrangeira e que não possuem vínculos com Osama bin Laden ou a *Al Qaeda*, mas que se utilizam da lógica suicida.

Ainda sobre a construção da imagem de Osama bin Laden temos a capa de 17 de outubro de 2001. Além de vincular um termo religioso – profeta – ao terrorismo, a capa destaca alguns pontos que promovem a cultura do medo.



Figura 9 Capa revista Veja. 17/10/2001

Primeiramente, devemos destacar que em nenhum momento há afirmações por parte de muçulmanos de que Osama bin Laden seja um profeta. Na verdade, tal afirmação seria um grande erro na visão muçulmana, uma vez que *Muhammad* é considerado como “o selo dos profetas” pelo islamismo. Este posicionamento é defendido no seguinte texto:

Em verdade, Muhammad não é o pai de nenhum de vossos homens, mas sim o Mensageiro de Deus e o prostremos dos profetas; sabeis que Deus é Onisciente. (Alcorão 33:40)

Além do vínculo dos termos profeta e terror, temos as seguintes afirmações na capa:

- Osama bin Laden promete novos ataques
- Norte-americanos temem atentados com armas biológicas
- Talibã é liderado por um louco
- Os países islâmicos não conseguem escapar da pobreza

Na primeira afirmação, encontramos a recorrente generalização de que a maioria dos muçulmanos compartilham dos mesmos ideais. Osama bin Laden ser herói entre os muçulmanos é algo muito distante da realidade, principalmente ao levarmos em conta que há no mundo aproximadamente 1,6 bilhões de muçulmanos.

Na mesma edição da revista encontramos uma tentativa de demonstrar em quais locais a rede terrorista estaria presente. Dias após os atentados, vários países iniciaram investigações na tentativa de identificar alguma célula terrorista. Desta busca nasceram as expressões “células adormecidas” e “tentáculos do terror”. Ambas as expressões formam uma imagem de que a *Al-Qaeda* seria uma instituição formada em pequenos grupos, mas presente em todo o mundo. A mídia, por sua vez, também tentou retratar graficamente a presença dos terroristas pelo mundo. Encontramos o seguinte mapa publicado pela revista *Veja*:

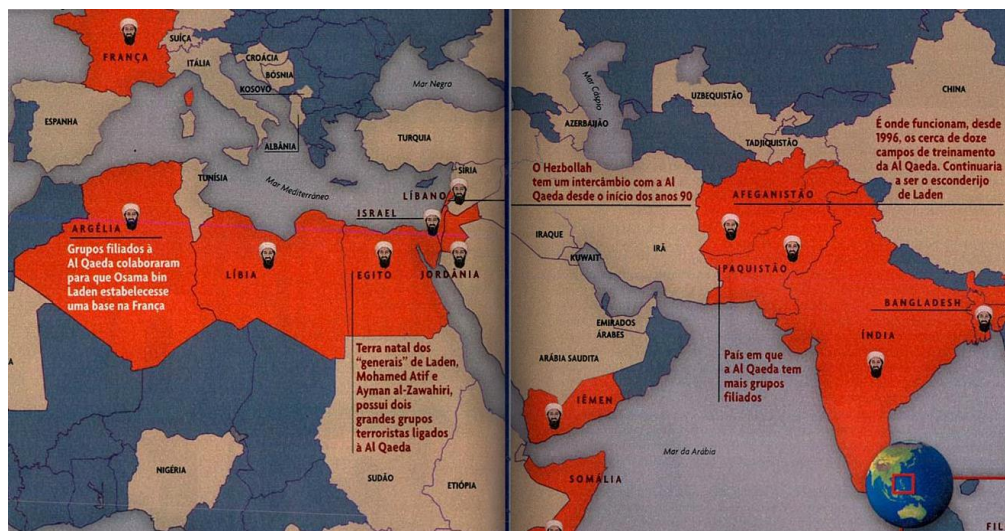


Figura 10 revista *Veja* 10/10/2001

O mapa que aponta através da figura de Osama bin Laden a presença da *Al-Qaeda* em boa parte do mundo, principalmente no Oriente, não é algo inédito. Temos a mesma ideia de um terrorismo se espalhando pelo mundo no documentário *Obsession*, como vemos no congelamento de algumas cenas:

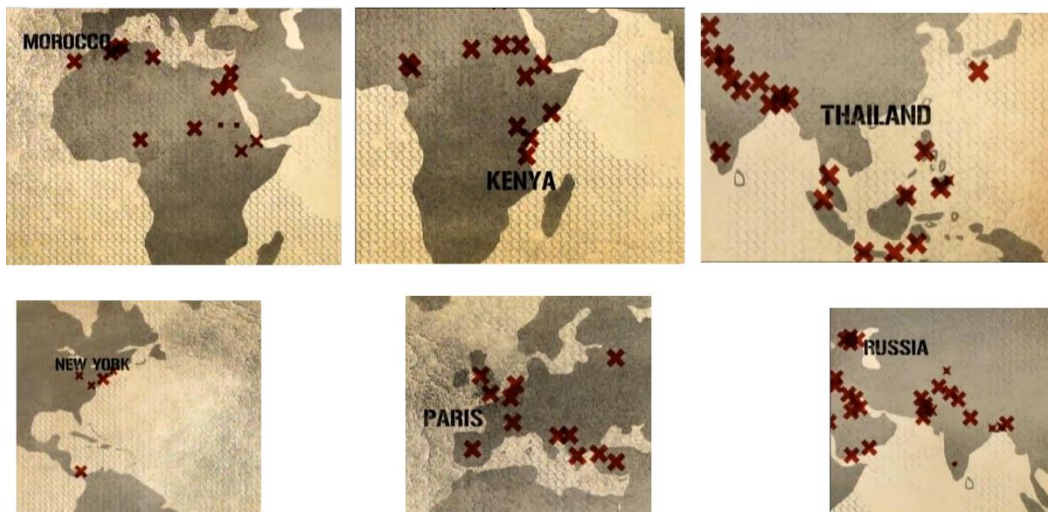


Figura 11: frames do documentário *Obsession* em 4:05 min

Atualmente, não há o real conhecimento sobre a quantidade de membros e a localização da rede *Al-Qaeda*. Os pontos demarcados na revista *Veja* e no documentário foram pontos onde há atentados e movimentos extremistas aliados à religião muçulmana. Porém, não há qualquer indício de que estes grupos pertençam a mesma rede.

Em 11 de março de 2004 os atentados na cidade de Madri também abalaram fortemente sua população local. Mesmo com a prisão de alguns suspeitos não há uma definição correta sobre se há relação entre os atentados de Madri com os ataques nos Estados Unidos. A hipótese de pertença deste grupo à *Al-Qaeda* é algo indefinido tanto para o governo quanto para a mídia no geral. Contudo, mesmo com a não identificação do grupo terrorista, a revista *Veja* dedicou uma matéria específica relacionando Madri a Osama bin Laden.

A reportagem, publicada no dia 17 de março do mesmo ano, com o título *Todos querem ser Al-Qaeda* pode despertar no leitor uma percepção de que vários simpatizantes de Osama bin Laden estariam provocando novos atentados contra o Ocidente. A revista relata brevemente sobre a possível não relação entre os

atentados de Madri e a Al-Qaeda. Porém, o foco da matéria recai sobre a imagem de Osama bin Laden. Inclusive, a ênfase dada a bin Laden como personificação do terror fica evidente na frase “bin Laden opera como líder ideológico”.



Figura 12 Revista Veja 17 de março de 2004

Procuramos também analisar os principais jornais de São Paulo no dia seguinte ao 11/9. A Folha de S. Paulo e o jornal O Estado de S. Paulo dedicaram um grande número de imagens, gráficos e opiniões. As capas dos jornais OESP e FSP estamparam as torres do *World Trade Center* após os ataques. No entanto, há uma particularidade entre estes jornais. Enquanto a FSP explora uma imagem no momento do choque das aeronaves com a presença de fogo, o jornal OESP destaca as torres cobertas de fumaça e poeira, deixando em segundo plano uma imagem das torres no momento da explosão. Com isso, podemos traçar um paralelo entre os dois jornais de São Paulo com os jornais norte-americanos que analisamos anteriormente.

**O ESTADO DE S. PAULO**

### Terrorismo declara guerra aos EUA



**D**uas aeronaves se chocaram contra as torres gêmeas do World Trade Center em Nova York, destruindo as estruturas e provocando o colapso das torres. O ataque ocorreu às 8h45, horário local, e causou a morte de milhares de pessoas. O mundo inteiro ficou em choque com a notícia da tragédia.

**Paises pedem uniao contra atentados**  
**Mercado financeiro cai em todo o mundo**  
**Itamaraty localiza brasileiros em NY**  
**Terrorista Bin Laden e o primeiro suspeito**  
**Fofoqueiro abre nova página na História**

**SPECIAL LATE EDITION**

### The Washington Post

## Terror Hits Pentagon, World Trade Center



**N.Y. Skyscrapers Collapse After Hijacked Planes Hit**

**'This Is on the Scale of Pearl Harbor' Nightmare Shatters Manhattan Morning**

Natural's Capital, Area Hit Hard From Crash

**FOLHA DE S. PAULO**

### GUERRA NA AMÉRICA

## EUA SOFREM MAIOR ATAQUE DA HISTÓRIA



**T**error do World Trade Center e parte do Pentágono são destruídas

**M**ilhares de pessoas morrem em atentados de natureza desconhecida

**R**obots param, petróleo dispara e economia trava de recessão global

**Um cheiro embrulha o estômago**

**"Defesa parece um queijo suíço"**

**The New York Times**

## U.S. ATTACKED

### HIJACKED JETS DESTROY TWIN TOWERS AND HIT PENTAGON IN DAY OF TERROR



**A CREEPING HORROR**  
Building, Run and Fall in Choking Search for Evacuee Safety

**President Vows to Exact Punishment for 'Evil'**

**A Somber Bush Says Terrorism Cannot Prevail**

**Awaiting the Aftershocks**  
Washington and Other Places See Fights With Heavy Blast in Attacks and Panic

A escolha das imagens certamente promovem impactos diferenciados já no primeiro contato com o jornal. Neste caso, a FSP e o *The New York Times* optaram por uma cena mais impactante visualmente. Os focos das matérias também se alteram entre a FSP e o OESP. Analisamos todas as reportagens da edição do dia

12/09/2001<sup>259</sup>. As matérias que chamam atenção do OESP foram: "Árabes se preocupam que os atentados possam prejudicar o processo de paz"<sup>260</sup>; "Saudita milionário é o principal suspeito na articulação dos atentados"<sup>261</sup>; "Previsão de represálias por parte dos Estados Unidos"<sup>262</sup>. Por fim, o OESP dedica parte de uma página para lembrar o ataque a *Pearl Harbor*, um assunto também abordado pelo *The Washington Post* com uma chamada na capa para a matéria.

Na reportagem sobre o saudita suspeito na elaboração dos atentados, o nome Osama bin Laden não fica em evidência e o jornal relata que esta suspeita é uma informação recebida pelas agências *Reuters* e a AFP e pelo jornal *The Washington Post*. O jornal se preocupou em descrever a história das torres gêmeas e seu funcionamento. Para retratar o atentado contra as torres, a ênfase do texto foi sobre as vítimas dentro das torres que se comunicaram antes da queda.

Por outro lado, a FSP já coloca em evidência o possível envolvimento de Osama bin Laden nos atentados<sup>263</sup>. Embora esse texto seja da redação local da FSP, a fonte da informação foi atribuída a *Reuters*.

Nas matérias locais a FSP explorou o impacto de uma possível crise econômica após os atentados. Duas páginas são dedicadas com pronunciamento de Rubens Ricúpero<sup>264</sup> e de Fernando Henrique Cardoso<sup>265</sup> (presidente do Brasil no período) sobre a questão da economia internacional. Em outras duas matérias são abordados o fechamento da bolsas de valores dos EUA<sup>266</sup> e a derrubada do mercado europeu. Também é relatado que ataques levaram investidores a procurarem novos investimentos em petróleo e ouro.

Com isso, percebemos grandes diferenças entre a cobertura sobre os atentados nestes dois jornais de São Paulo, embora as fontes utilizadas sejam as mesmas em algumas matérias (*Reuters* e *AFP*). Cada jornal explora os reflexos dos atentados de uma forma particular. Enquanto o OESP aborda o pronunciamento de

---

<sup>259</sup> Isso é um dia após os atentados. Vale destacar que os jornais *The Washington Post* e *The New York Times* que analisamos foram publicados no próprio 11/09/2001, no período vespertino.

<sup>260</sup> OESP, 12/09/2001, p.14.

<sup>261</sup> OESP, 12/09/2001, p.08.

<sup>262</sup> OESP, 12/09/2001, p.13.

<sup>263</sup> OESP, 12/09/2001, p.A22.

<sup>264</sup> OESP, 12/09/2001, p.A25.

<sup>265</sup> OESP, 12/09/2001, p.A18.

<sup>266</sup> OESP, 12/09/2001, p.A30.

Fernando Henrique Cardoso sobre a questão de defesa nacional no Brasil<sup>267</sup>, a FSP focou em seu discurso relacionado à economia internacional. O OESP também relata a questão de segurança dentro do país após uma solicitação de precaução da Embaixada dos Estados Unidos. O reflexo foi o reforço no policiamento das embaixadas americanas e de Israel e o fechamento de entidades judaicas<sup>268</sup>. A FSP, no entanto, não abordou questões de segurança no Brasil e destacou a cobertura televisa dos atentados que promoveram o espetáculo do terror ao vivo. A FSP, inclusive, dedica uma reportagem à comemoração dos atentados por parte de alguns palestinos e a condenação deste ato por Arafat.

A FSP e o OESP se dedicaram em relatar (até mesmo graficamente) como ocorreram os atentados, os possíveis responsáveis e a insegurança norte-americana. Entretanto, a grande diferença na cobertura está na ênfase dada ao medo do terror (no mundo) por parte do OESP e na incerteza econômica por parte da FSP. Para nosso trabalho a comparação entre estes meios de comunicação impressos nos permitiu reconhecer as diferenças no enfoque jornalístico e constatar a ausência de um debate mais aprofundado sobre as origens do terrorismo. Evidentemente, somente um dia após os atentados ainda faltavam muitos dados para compreendê-los. Mas em nenhum momento os meios de comunicação que estudamos classificaram os atentados como uma reação às intervenções norte-americanas deste à Guerra do Golfo em 1992.

Assim, o orientalismo descrito por Edward Said<sup>269</sup> se acentua no Ocidente e perpetua a imagem de um Oriente em caos semelhante ao demonstrado nos filmes de *Hollywood*:

Vista de longe, desde o território brasileiro, a sucessão destas crises no Oriente e no Ocidente é interpretada pelos nacionais como um espetáculo relativamente incompreensível cuja decifração é feita, por isso mesmo, com um trato jornalístico relativamente superficial e que se confunde em grande medida com o entretenimento<sup>270</sup>.

---

<sup>267</sup> OESP, 12/09/2001, p.A16.

<sup>268</sup> FSP, 12/09/2001 p.23.

<sup>269</sup> Descrito no capítulo I

<sup>270</sup> WAINBERG, 2006, p.6.

## CAPÍTULO 4

### O neoconservadorismo e a mídia

Poucas informações sobre o neoconservadorismo são divulgadas na mídia brasileira. Embora seja fácil identificar a semelhança com o *hard power*<sup>271</sup> do governo de George Bush e George W. Bush, a abordagem sobre a linha de pensamento que atuou durante estes governos é limitada. Presentes desde a era Reagan, os neoconservadores, como analisamos no capítulo 2, tiveram forte influência em algumas intervenções militares. Ao falarmos sobre o neoconservadorismo e sua representação na mídia buscamos analisar noticiários, jornais e filmes que, cada um a sua maneira, descreveram o movimento neoconservador.

Primeiramente, devemos destacar que o neoconservadorismo se utiliza da mídia norte-americana para defender seus ideais. Além de vários livros publicados a presença dos autores em *talkshows* e telejornais é algo constante, principalmente após o 11/9. Fhoutine Souto comenta que: “os *neoconservadores, buscam manter forte a presença na mídia impressa e na televisão para aumentar a visibilidade e penetração da opinião pública*”<sup>272</sup>.

Charles Krauthammer é um dos neoconservadores que se faz muito presente em debates, principalmente os telejornais apresentados na *Fox*. São mais de 3.000 vídeos com pronunciamentos de Krauthammer disponíveis no site da *Fox*<sup>273</sup>. Por outro lado, a *Fox* possui apenas 140 vídeos que de certa forma abordaram o pensamento de Noam Chomsky<sup>274</sup>. Comparando estes dois personagens, sendo um neoconservador e outro considerado como a nova-esquerda, já nos identificamos grande diferença em relação ao espaço que estas duas linhas possuem na mídia norte-americana.

---

<sup>271</sup> Hard Power é um termo utilizado nas relações internacionais para designar o poderio bélico dos países.

<sup>272</sup> SOUTO, Fhoutine Marie Reis, *op. cit.*, 2009, p.63.

<sup>273</sup> Fonte *FoxNews*. Disponível em: < <http://www.foxnews.com/search-results/search?q=Krauthammer&submit=Search>>. Acesso em 15/07/2013.

<sup>274</sup> Fonte *FoxNews*. Disponível em: < <http://www.foxnews.com/search-results/search?q=Chomsky>>. Acesso em 15/07/2013.

Nos Estados Unidos, a instituição sem fins lucrativos *Media Matters*<sup>275</sup> for *America*, que divulga na internet dados e pesquisas sobre a mídia norte-americana, é alvo de constantes críticas. Considerada esquerdista e manipuladora por algumas organizações, o principal objetivo da *Media Matters* é “esclarecer” informações expostas pelos meios de comunicação de massa nos Estados Unidos. A *Fox* é o principal alvo das críticas da instituição. Mesmo diante dos questionamentos sobre sua credibilidade nos comentários promovidos pelo site *Media Matters*, o canal nos permite refletir sobre a ênfase que a mídia norte-americana dá à relação entre atentados terroristas e muçulmanos. Relação que buscamos esclarecer no capítulo III.

Um exemplo deste esforço do *Media Matters* pode ser observado com a contratação do ex-deputado republicano Allen West como comentarista da *Fox*. O site elenca uma série de comentários realizados por West que demonstram, claramente, um posicionamento islamofóbico e conservador. Os comentários tiveram grande repercussão na comunidade muçulmana norte-americana:

O Islã é uma ideologia política teocrática totalitária, não é uma religião. Não é uma religião desde 622 d.C., e precisamos ter pessoas que se levantem e digam isso. (Tradução nossa)<sup>276</sup>

Lançar críticas através da *web* é uma característica das redes sociais. A internet assumiu a função de divulgar e questionar aquilo que é aceito como única verdade por meio dos veículos tradicionais e do discurso político. O site *Media Matters* e inúmeros blogs pessoais condenam o movimento neoconservador. Em uma rápida busca por sites de pesquisas encontramos uma associação entre a águia do Partido Nazista e o elefante símbolo do Partido Republicano.



<sup>275</sup> Fonte: *Media Matters*. Disponível em: <<http://mediamatters.org/>>. Acesso em: 12/03/2013.

<sup>276</sup> Fonte MSNBC. Disponível em <http://tv.msnbc.com/2012/11/20/bye-bye-allen-west/>. Acesso em 12/02/2013

A maior parte das várias imagens críticas ao movimento está vinculada a blogs pessoais, demonstrando que membros da sociedade norte-americana estão em desacordo com o neoconservadorismo.

No Brasil, o termo neoconservador é pouco explorado. Não há reflexões profundas na mídia quando o assunto é abordado. Muitas vezes o termo fica restrito à literatura acadêmica e às pesquisas nas universidades.

Na revista *Veja* encontramos treze notícias com o termo neoconservador(ismo). Apenas uma retrata brevemente a ideologia dos neoconservadores. A reportagem enfatiza o militarismo no pensamento neoconservador e o fracasso ideológico durante a intervenção no Iraque, em 2004. Também destaca o surgimento do pensamento neoconservador na década de 60, mas sem grandes informações sobre as motivações que levaram à criação do movimento na época da Guerra Fria.



Figura 13 *Veja* - 21/01/2012

Para nosso estudo também coletamos uma contagem sobre a utilização do termo neoconservador<sup>277</sup> nos jornais FSP e OESP.

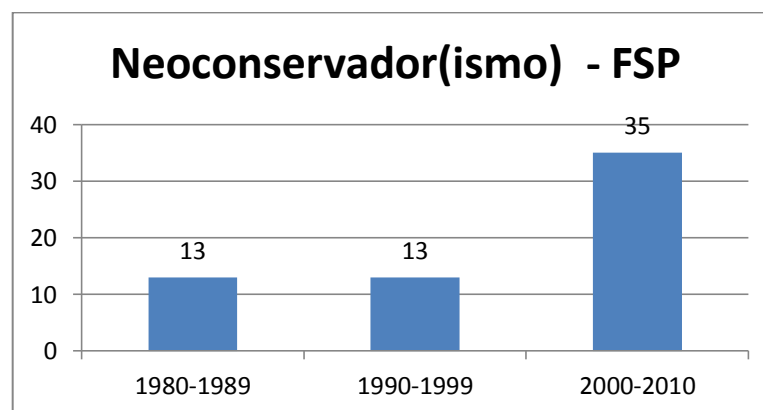


Gráfico 4 Matérias que citam o neoconservadorismo -FSP

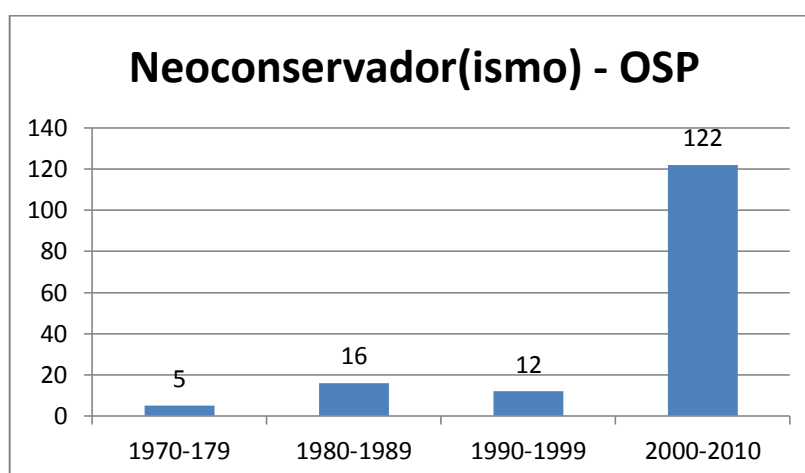


Gráfico 5 Gráfico 4 Matérias que citam o neoconservadorismo -OESP

Percebemos que o tema neoconservador é pouco abordado ao compará-los com as matérias sobre a violência no oriente médio e sobre a guerra ao terror. Assim como foram constatadas diferenças nas abordagens dos jornais FSP e OESP em

<sup>277</sup> Da contagem foram excluídas as palavras neoconservador e neoconservadorismo que não se referiam ao pensamento político norte-americano.

relação aos atentados, o termo neoconservador<sup>278</sup> também recebe um enfoque diferenciado.

Na FSP conseguimos montar um retrato da “linha do tempo” do pensamento neoconservador.

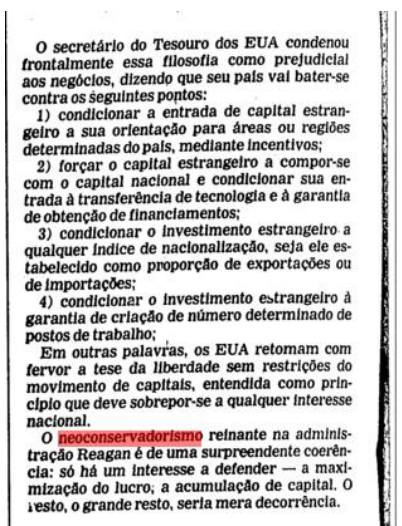


Figura 14 FSP 14/05/1982

Sem grandes críticas, o neoconservadorismo na administração Reagan<sup>279</sup> é retratado pela FSP como um movimento favorável ao multilateralismo econômico. Realmente, a série de reformas econômicas conhecidas como *reaganomics* marcaram a política da década de 80. No período da publicação deste jornal, os custos da Guerra Fria afetavam a economia norte-americana. O então “inimigo” do movimento neoconservador, a União Soviética (URSS), já apresentava sinais de colapsos. O cenário econômico do período levou as duas grandes potências a passarem por reformas: as *reaganomics*, nos Estados Unidos, e a *glasnost* e *perestroika*, na URSS.

Conforme abordamos no capítulo 2, com o fim da URSS, o movimento neoconservador entra em um período de silêncio. Francis Fukuyama, que foi adepto do grupo, escreveu em 1989 um artigo com o título *The End of History?*<sup>280</sup>. Neste

<sup>278</sup> Da contagem foram excluídas as palavras neoconservador e neoconservadorismo que não se referiam ao pensamento político norte-americano.

<sup>279</sup> Também abordado no capítulo 2

<sup>280</sup> FUKUYAMA, Francis. *The End of History?* The National Interest, verão de 1989.

artigo, publicado cinco meses antes da queda do muro de Berlim, Fukuyama destaca o triunfo do modelo ocidental de governo e de política econômica perante o comunismo. Para ele, o fim da Guerra Fria iria além do término das disputas ideológicas. Seria o fim da história como tal, pois estaria definido o novo modelo de organização política e econômica de caráter universal:

O que podemos estar testemunhando é não apenas o fim da Guerra Fria ou a passagem de um período particular da história do pós-guerra. Mas o fim da história como tal: o ponto final da evolução ideológica da humanidade e a universalização da democracia liberal ocidental como forma final de governo humano<sup>281</sup>.

Com a renúncia de Mikhail Gorbachev, em dezembro de 1991, foi decretado o fim da URSS. A ideologia comunista perderia sua força drasticamente. Conseqüentemente, o movimento neoconservador encerraria sua grande disputa ideológica. Fukuyama, então, lançou o livro “*The End of History and the Last Man*”, publicado em 1992. O livro, que é uma abordagem mais ampla do artigo publicado em 1989, contava novos fatos como a queda do muro de Berlim e a dissolução total de URSS.

O livro criou polêmica ao declarar o “fim da história” como reflexo de um movimento dialético<sup>282</sup>. Com o lançamento da obra, um articulista da FSP tenta descrever de forma crítica o pensamento de Fukuyama.

4-8 Terça-feira, 18 de agosto de 1992

ilustrada

FOLHA DE S. PAULO

## Intelectuais temem ‘hot-dog’ do desejo

Com a queda do comunismo e o vexame neoliberal, pensadores tentam novas receitas políticas para o pós-lama

**ARNALDO JABOR**  
Da Equipe de Articulistas

Chego a Porto Alegre para a “Experiência do Século”, o seminário da Secretaria de Cultura, e vejo diante de mim 2.000 pessoas no auditório da universidade para ouvir os pensadores (e muitos ainda pensadores, seremos o quê?). Lá estavam vários homens de letras, de filosofia, de sociologia de tremores, de aspiração, de falta de ar, de desejo de saber. No fundo de ar, de desejo de entender o quê? Não sei poisar sobre a primeira de muitas camadas de realidade. Lá fora, estava a cidade de Porto Alegre, com a vida social, e ali dentro pulava o desejo de alguma coisa existir, e mais longe de Porto Alegre estava o resto do Brasil e mais além, a América e o mundo.

**O pós-lama**  
O que estava acontecendo conosco era a mesma coisa que estava acontecendo no mundo? Há relação entre os hambúrgueres (outra vez mais) e o mundo?



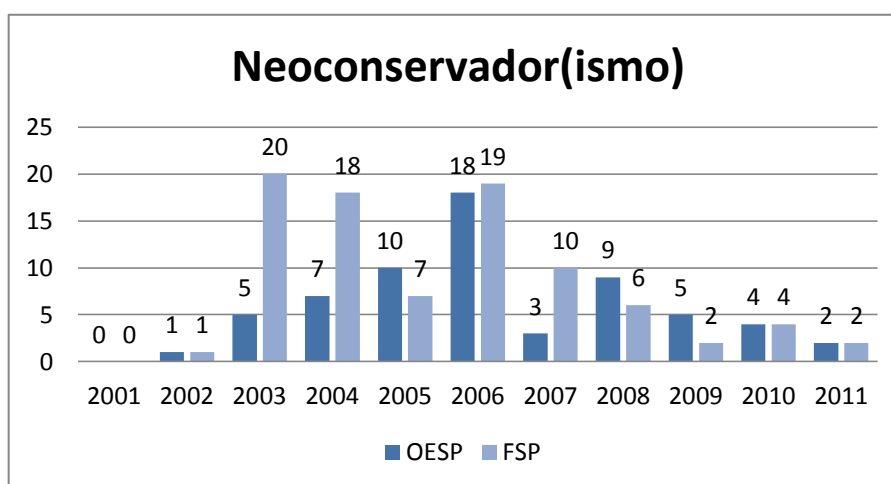
harmônica do pensamento. É um lechugo no nosso castor filosófico. Fukuyama abre a janela para uma paisagem de supermercado. “Fukuy” nos mostra o delicioso mundo do ódio e isso nos põe fútu de ódio, FF é o único intelectual feliz sobre a Terra. Ele tem “esperanças” de um “yuppie”. Nada mais horrível para um intelectual negativista que a esperança. “Fukuy” nos faz fugir das “soluções” com horror. Não é apenas mais um “economista” falado. FF é “filósofo”, FF é ~~neoliberal~~ neoliberal, funcionário do Pentágono, agente da CIA, “son of a bitch”, japonês oportunista, esses são alguns dos epítetos que lhe criamos. É importante perguntar: “Por que ele nos provoca tanta raiva? Porque odiamos tanto Little Fukuy?” Não será ele nosso secreto desejo, nossa doce perversão? Sem que- res, FF nos mostra que as reformas que as “teleologias” fizeram vão ter de suportar o peso de altos parâmetros. Muito marxista diz que abandonou a ideia de “futuro harmônico”, mas é mentira. É o meu filósofo-chefe de “Unidade

<sup>281</sup> FUKUYAMA, 1989.

<sup>282</sup> Fukuyama parte da dialética de Hegel que movimentos contrários moldaram a trajetória da humanidade, sendo que este processo culminou no modelo democrático liberal como forma de governo de caráter universal.

Embora a publicação cite que Fukuyama era um neoconservador naquele período, isso não é explorado. Na verdade, toda a publicação, de forma abstrata, ironiza o pensamento de Fukuyama sem levar o leitor a uma reflexão mais aprofundada. Fica fora de observação o ponto de vista do neoconservadorismo e o motivo pelo qual foi declarado o “fim da história”. Destacamos a seguinte frase presente no jornal: “*E Fukuyama reluz de satisfação. Ele não nasceu dos livros, nasceu da Rand Corporation*”. Neste exemplo, fica nítida a superficialidade do debate uma vez que, independentemente da aceitação das ideias de Fukuyama na comunidade internacional, ele é um intelectual amplamente reconhecido e a *Rand Corporation* é um *think tank* que teve grande importância para as forças armadas dos Estados Unidos<sup>283</sup>.

Para efeito comparativo, coletamos dados e realizamos uma contagem sobre a utilização do termo neoconservador nos jornais FSP e OESP.



Destacaremos, neste caso, os anos que tiveram picos de publicação com os termos neoconservador e neoconservadorismo. Selecionamos os anos em que ao menos um dos jornais tenha acima de cinco matérias que retratam esta linha de pensamento: o período entre 2003 e 2008.

Em 2003, a FSP abordou o termo neoconservador em vinte matérias. Neste ano teve início a operação *Iraqi Freedom*, muito criticada por fugir da proposta inicial

<sup>283</sup> Fonte: Rand Corp. <<http://www.rand.org/about.html>> Acesso em 28/04/2013

do pós 11/9, que era capturar Osama bin Laden e combater a *Al Qaeda*. A FSP vincula o movimento neoconservador ao termo “doutrina Bush” e o utiliza nas matérias relativas à invasão do Iraque. As matérias possuem um aspecto mais crítico em relação à nova intervenção. Destacamos, por exemplo, uma publicação da FSP de 04/05/2003 com o título “Ativismo de Bush é obra neoconservadora”. Em destaque, encontramos o seguinte subtítulo: “*Círculo de intelectuais convencidos em um valor universal do modelo americano estimula governo a agir em todo o mundo*”<sup>284</sup>. Originalmente esta matéria foi publicada pelo jornal *Le Monde*.

No OESP, embora o número de reportagens sobre o neoconservadorismo seja menor, foi publicada em 11/05/2003 uma matéria com o título *Neoconservadores no poder: os novos construtores do império*. A reportagem é muito explicativa, citando inclusive o PNAC<sup>285</sup> e as teorias de Strauss. Com isso, tanto a FSP quanto o OESP publicaram após o início da operação *Iraqi Freedom* matérias que citaram o neoconservadorismo como fonte inspiradora para a nova intervenção no Iraque. As fontes destas matérias são internacionais. Para a FSP foi o jornal *Le Monde*. Para o OESP foi uma matéria escrita por James Atlas para o *The New York Times*. A abordagem destas matérias sobre a guerra no Iraque se diferenciam. No caso do OESP, a matéria foi mais neutra e explicativa. Por outro lado, a FSP, além de uma abordagem histórica, possui alguns elementos de crítica ao movimento.

---

<sup>284</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0405200310.htm>> Acesso em 12/02/2013.

<sup>285</sup> Citado no Capítulo 2

**EUA** *Círculo de intelectuais convencidos do valor universal do modelo americano estimula o governo a agir em todo o mundo*

## 'Ativismo' de Bush é obra neoconservadora

ALAIN FRACHON  
DANIEL VERNET  
DO "LE MONDE"

Foi dito em tom de elogio sincero: "Vocês, sem dúvida, são os melhores cérebros de nosso país" —tão bons, acrescentou George W. Bush, "que meu governo emprega 20 de vocês".

O presidente discursava para os membros do American Enterprise Institute, em Washington, no dia 26 de fevereiro. Ele rendia homenagem a um "think tank" que é um dos bastiões do neoconservadorismo norte-americano. Bush saudava uma escola de pensamento que marca sua Presidência e revelava o quanto deve a



11.05.2001/Reuters

mundo. Não o são à maneira do velho Partido Republicano (de Nixon ou George Bush, pai), confiando nos méritos de uma "realpolitik" que pouco se importava com a natureza dos regimes com os quais os EUA faziam aliança para defender seus interesses. Kissinger é seu antídoto. Mas tampouco são internacionalistas segundo a tradição democrata de Woodrow Wilson, Jimmy Carter ou Bill Clinton. Esses, por sinal, são vistos como ingênuos que esperam que as instituições internacionais difundam a democracia.

Por filiação ou afinidade (Allan Bloom, Paul Wolfowitz, William Kristol...), a filosofia de Strauss serviu de substrato teórico para o

A22 - O ESTADO DE S. PAULO

INTERNACIONAL

DOMINGO, 11 DE MAIO DE 2003

**PÓS-GUERRA NO IRAQUE**

NEOCONSERVADORES NO PODER:

## Os novos construtores do império

*Governo Bush é integrado e influenciado por discípulos do filósofo político Leo Strauss, os quais, com base nele, interpretam a ação militar dos EUA no Iraque como uma defesa da civilização ocidental*

JAMES ATLAS  
The New York Times

Está certo, então as armas de destruição em massa não foram encontradas no Iraque. E nenhuma ligação concreta foi estabelecida entre Saddam Hussein e a Al-Qaeda. Então, sobre o que foi a guerra no Iraque, afinal? Segundo uma escola de pensamento, a mais recente aventura militar dos Estados Unidos mostrou ser nada menos do que uma defesa da civilização ocidental — como interpretada pelo falecido classicista e filósofo político Leo Strauss.

Se isso não parece plausível, considere o tributo prestado pelo presidente George W. Bush em fevereiro ao grupo de jornalistas, filósofos políticos e acadêmicos em política conhecidos — principalmente por eles mesmos — como straussianos. "Vocês estão entre os melhores cérebros de nosso país", declarou Bush em um discurso no American Enterprise Institute. "E meu governo emprega uns 20 de vocês."

"Empregar" é um termo muito fraco. Para os teóricos da conspiração, a política ex-



Reprodução  
Yasser Al-Zhray/AFP

e deram uma demonstração de como fazer guerra moderna de alta tecnologia à qual o corpo humano não pode sobreviver. Mas deixaram a ditadura no lugar e saíram furtivamente..." (Não desta vez.)

Há uma profusão de straussianos no governo Bush. Além de Wolfowitz, há seu colega Richard N. Perle, presidente do Conselho de Política de Defesa e sócio-gerente da Trirème Partners, uma empresa de capital de risco que investe pesadamente em fabricantes de tecnologia para segurança e defesa da pátria. Tanto Perle quanto Wolfowitz são discípulos do falecido Albert Wohlstetter, um professor straussiano de matemática e de estratégia militar que promoveu a ideia da "dissuasão escalonada": guerras restritas, em pequena escala, combatidas com bombas "inteligentes" guiadas com precisão.

William Kristol, um ex-aluno de Harvey Mansfield em Harvard e agora editor da *Weekly Standard*, é uma voz altamente influente nesse grupo. "Precisamos errar pelo excesso de força", disse Kristol, no mês passado, na

Entre 2004 e 2006, a FSP ainda manteve um maior número de matérias relacionadas ao neoconservadorismo na comparação com o OESP. Nestes dois anos, as intervenções norte-americanas são questionadas. Nas matérias de 2004 há um foco no caráter eleitoral — devido às eleições daquele ano. Já em 2006 há uma melhor abordagem sobre o termo e seus fundadores. Por exemplo, em 26/01/2006, há uma longa entrevista com William Kristol sobre a política externa de George W. Bush<sup>286</sup>. O título era *Bush não é um homem mau*, diz Kristol. Em 15/03/2006 outra matéria aborda o pensamento neoconservador a partir do ponto de vista de Francis

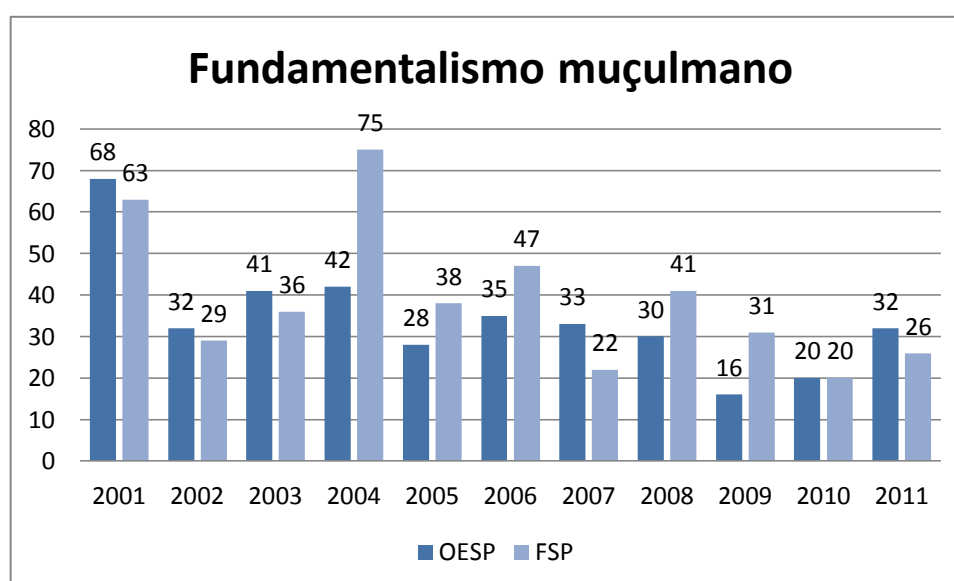
<sup>286</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0502200611.htm>> Acesso em 12/02/2013.

Fukuyama e a crítica do mesmo contra a guerra promovida no governo de George W. Bush<sup>287</sup>. A matéria, original do *The New York Times*, foi publicada com o título *Até Fukuyama passa a criticar guerra*<sup>288</sup>.

No caso do jornal OESP encontramos picos de publicações sobre o neoconservadorismo entre 2005 e 2006. Assim como em 15/03/2006 a FSP apresentou a crítica de Francis Fukuyama, o OESP, em 26/03/2006, também publicou no caderno internacional uma entrevista com Fukuyama concedida para a revista alemã *Der Spiegel*.

Em 2008, o número de matérias do OESP sobre o neoconservadorismo ultrapassa o número de matérias da FSP. O jornal OESP abordou neste período pré e pós eleitoral a imagem negativa do movimento neoconservador e suas possíveis implicações nas eleições de 2008. De fato, esta imagem negativa também influenciou a derrota do Partido Republicano de George W. Bush.

Mesmo após análises destas matérias, percebemos que o tema neoconservador foi pouco abordado se comparado com assuntos de outras reportagens, como a violência no Oriente Médio<sup>289</sup> e o fundamentalismo. Selecionamos as matérias sobre o fundamentalismo publicadas nos jornais OESP e FSP.

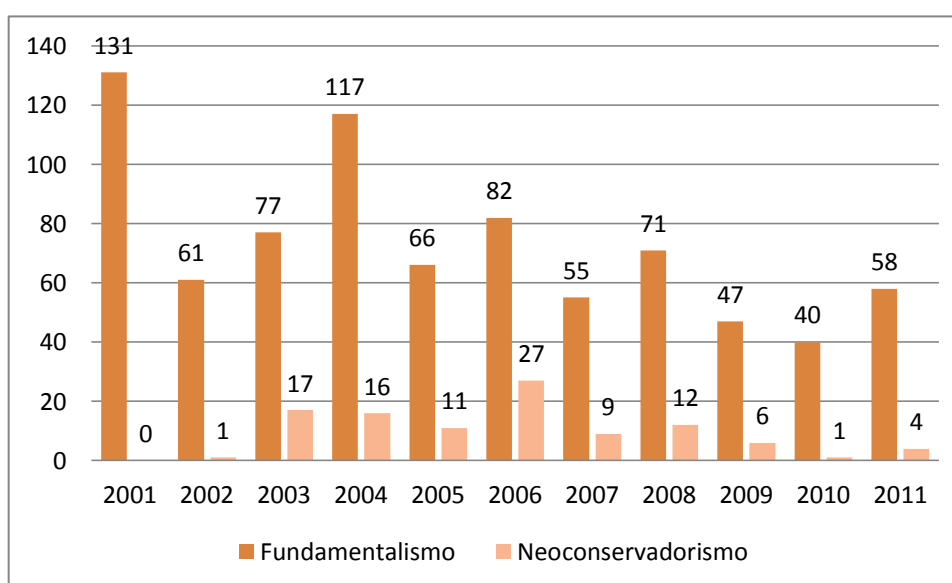


<sup>287</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1503200604.htm>>. Acesso em 12/02/2013.

<sup>288</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1503200604.htm>>. Acesso em 12/02/2013.

<sup>289</sup> Termos analisados no capítulo 3 de acordo com a pesquisa de Isabelle Somma.

Comparando o total de matérias que abordaram o neoconservadorismo na FSP e no OESP com as matérias que falavam do fundamentalismo muçulmano. O resultado nos mostra a grande diferença no número de notícias que de alguma forma abordaram os termos de nossa pesquisa.



Percebemos no gráfico anterior a predileção sobre o fundamentalismo muçulmano em relação ao neoconservadorismo norte-americano nas páginas de ambos os jornais. No entanto, o número de reportagens relacionadas ao fundamentalismo não nos garante melhor compreensão sobre este movimento. O fundamentalismo e os atentados terroristas não fazem parte de uma mesma realidade ou são provocados pelo mesmo grupo, o que torna a compressão do movimento mais difícil. De fato, temos um maior esforço em entender as raízes, o elo comum e as reações causadas por este grupo. No entanto, as generalizações são constantes. Por outro lado, o movimento neoconservador, que também tem atuação e impacto internacional, mas legitimado por um Estado, não ganha o mesmo destaque na mídia, mesmo ele sendo de mais fácil compreensão se comparado ao fundamentalismo muçulmano.

#### 4.1 O ponto de virada

O ponto de virada da opinião pública em relação às operações norte-americanas no Iraque e no Afeganistão também foi influenciado pela mídia<sup>290</sup>. Destacaremos, primeiramente, dois grandes documentários que criticaram as operações. Em 2004, os filmes *Fahrenheit 9/11*, produzido por Michael Moore, e *The Power of Nightmares*, produzido por Adam Curtis, da *BBC*, exploraram fatos que colocaram em dúvida a guerra contra o terror.

*Fahrenheit 9/11*, distribuído em 39 países e com arrecadação de aproximadamente 222 milhões de dólares<sup>291</sup>, certamente impactou a opinião pública dos Estados Unidos. Mas não foi o suficiente para impedir a reeleição de George W. Bush, em 2004. O documentário foca a administração Bush desde sua eleição até sua decisão de guerra contra o terror.



O documentário, também lançado no Brasil, foi citado no Caderno 2, editoria de cultura do OESP. A matéria relata o crescimento de bilheteria do documentário e a intenção de pelo menos 48% dos norte-americanos de assistirem a *Fahrenheit 9/11* em 2004. Com o título *Sucesso de Fahrenheit 9/11 preocupa republicanos*, a matéria não indica que o documentário impactaria fortemente as eleições norte-

<sup>290</sup> Também devemos destacar que os custos da guerra e a crise econômica norte-americana favoreceram esse ponto de virada na opinião pública. Vários fatores que fogem do nosso escopo de trabalho contribuíram para a retirada gradual das tropas norte-americanas no Iraque e no Afeganistão.

<sup>291</sup> Disponível em: <<http://www.boxofficemojo.com/movies/?page=main&id=fahrenheit911.htm>> Acesso em 14/02/2013.

americanas, o que realmente se comprovou. A impressão negativa causada à imagem de George W. Bush não foi suficiente para impedir sua reeleição. E a guerra no Iraque prosseguiu.

## CADERNO2 | CINEMA

Quinta-feira, 22 de Julho de 2004, 13:02 | [Online](#)

★ ★ ★ ★ ★ 0 votos

### Sucesso de "Fahrenheit 9/11" preocupa republicanos

Com US\$ 94 milhões arrecadados nas bilheterias, o documentário de Michael Moore deixa republicanos preocupados com a reeleição de Bush

Tamanho do texto? [A](#) [A](#) [A](#)

No começo, os republicanos consideraram Fahrenheit 9/11 apenas uma discussão que seria vista apenas pelos críticos do presidente George W. Bush. Quatro semanas depois, com US\$ 94 milhões arrecadados nas bilheterias, o documentário que critica o governo Bush continua atraindo o público, nas duas mil salas do país em que é exibido, deixando nervosos os republicanos em campanha para a reeleição de Bush, nas eleições de 2 de novembro.

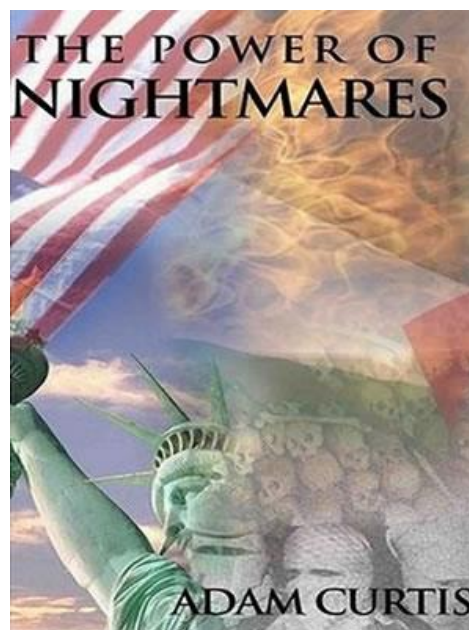
O documentário de Michael Moore é uma dura crítica às políticas do presidente Bush. Denuncia que ele venceu a eleição de maneira ilegítima, que foi negligente com relação aos atentados de 11 de setembro, que mantém vínculos suspeitos com a família de Bin Laden e que a invasão do Iraque foi um desastre para a segurança do país e do mundo. O filme venceu a Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes deste ano e foi aplaudido de pé em algumas salas de cinema.

"Não acredito que o filme influencie na decisão dos eleitores", disse o consultor republicano Scott Reed, "mas se influenciar em 3 ou 4 % será um sucesso." Dois republicanos vinculados diretamente com a Casa Branca admitiram que o documentário de Michael Moore se tornou uma dor de cabeça porque atingiu além dos democratas, influenciando os eleitores que apoiam candidatos independentes e aqueles que votam no Partido Republicano. "Se um eleitor ingênuo for ao cinema, não vai sair com uma boa impressão do presidente", disse Joe Gaylord, um funcionário republicano. Um estudo da empresa Gallup realizado entre 8 e 11 de julho disse que 8% dos norte-americanos adultos haviam visto o filme até aquela data, mas 48 % planejavam assisti-lo.

Para nosso estudo, atentamos ao fato de que o documentário e suas informações não foram debatidas profundamente em outros cadernos. Na verdade, os documentários produzidos por Michael Moore parecem não ter grande credibilidade para o jornal OESP. Em uma busca no histórico de matérias do veículo encontramos os seguintes títulos de matérias que retratam o documentário *Fahrenheit* e seu diretor, Michael Moore:

- *Sob vaias, Michael Moore cobre a festa de Bush* (publicado em 31/08/2004).
- *Um idealista e um sonho morreram no Iraque* (publicado em 03/05/2010).
- *Moore oferece US\$ 20 mil para criador do WikiLeaks* (publicado em 16/12/2010)
- *Filmes interessantes, mas nenhuma obra-prima sobre o 11 de setembro* (publicado em 03/09/2011).

Em 2004 também foi lançado outro documentário que retrata as intervenções norte-americanas. No entanto, este documentário tem um grande enfoque na linha de pensamento neoconservadora. Enquanto *Fahrenheit 9/11* aborda um aspecto econômico da guerra demonstrando as ligações entre a guerra contra o terror e os *lobbies* norte-americanos nas indústrias de armamento e petróleo, o documentário “O poder dos Pesadelos” (*The Power of Nightmares*) relata a ideologia por trás das ações da administração Bush.



O documentário descreve a origem do movimento neoconservador, com uma tentativa de vincular o neoconservadorismo aos pensamentos do filósofo político Leo Strauss. Mesmo que esta ligação não entre no debate acadêmico, o documentário

coleta entrevistas com pensadores neoconservadores. É possível observar claramente citações ao pensamento de Strauss.

Documentários como estes que estudamos possuem grande conteúdo crítico à política externa norte-americana, revelando uma face da guerra que por muitas vezes passou despercebido. No entanto, percebemos que estas obras não ganham grande destaque na mídia, com exceção do documentário *Fahrenheit 9/11*, que teve maior repercussão internacional.

No Brasil, encontramos no Caderno 2 do jornal OESP uma matéria que cita o *Festival de Cinema de Tribeca*. No final do texto estão registrados alguns destaques que concorriam ao prêmio. Interessante observar que o documentário *The Power of Nightmares* foi retratado como um documentário sobre o fundamentalismo islâmico. Na verdade, a maior parte do conteúdo do documentário é uma crítica ao neoconservadorismo.

**CADERNO2 | CINEMA**

Terça-feira, 19 de Abril de 2005, 13:44 | [Online](#) ★★★★★ 0 votos

**Filme sobre favela carioca concorre em Tribeca**

Favela Rising, uma co-produção do Brasil com os EUA, concorre ao prêmio de melhor documentário no Festival de Cinema de Tribeca [Visite o site oficial do filme](#)

Tamanho do texto? [A](#) [A](#) [A](#)

O filme Favela Rising, uma co-produção do Brasil e Estados Unidos, está concorrendo ao prêmio de melhor documentário no Festival de Cinema de Tribeca, evento criado pelo ator Robert De Niro em 2002 para incentivar a cultura e o turismo nos bairros centrais de Nova York após os ataques de 11 de Setembro. A edição deste ano começou hoje, com a exibição de A Intérprete, estrelado por Nicole Kidman e Sean Penn.

Dirigido por Jeff Zimbalist, Favela Rising conta o dilema daqueles que vivem nas favelas do Rio de Janeiro e a constante luta contra a pobreza e a violência das gangues urbanas. O filme terá estréia mundial no festival. Outra produção brasileira que participa do festival é A Caminho de Bagdá, da diretora Simone Duarte. O filme retrata Sérgio Vieira de Mello, brasileiro que trabalhava para a ONU e foi morto em um atentado a bomba no Iraque.

O filme A Intérprete, com Nicole Kidman, abre o festival nesta terça-feira à noite. Jane Rosenthal, co-fundadora do festival, disse que a escolha do novo longa de Sydney Pollack reflete uma mudança no humor após os atentados. "Nos primeiros dois anos, precisávamos de comédia e precisávamos rir aqui", comentou. "Agora, a vizinhança está recomposta e acho que você pode ter um filme como A Intérprete abrindo o festival." As edições passadas do festival foram abertas com Um Grande Garoto (2002), Abaixo o Amor (2003), e Um Presente Para Helen (2004).

Em sua quarta edição, o festival apresentará mais de 250 filmes até o dia 1º de maio. Metade das produções é dos Estados Unidos, sendo o resto de outros 44 países. Estão agendadas estréias mundiais, como a do filme The Great New Wonderful, que conta cinco histórias após o 11 de Setembro.

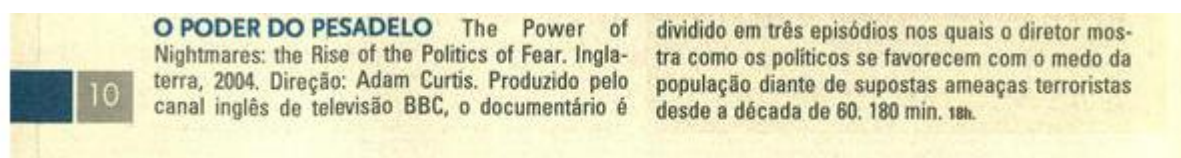
**Outros destaques incluem Through the Fire, Mad Hot Ballroom, um documentário sobre crianças nova-iorquinas aprendendo a dançar, e The Power of Nightmares, sobre fundamentalismo islâmico.**

O Guia da Folha, guia cultural da FSP, de março de 2006, também comenta o terrorismo representado em obras cinematográficas. Segundo Sandro Macedo, que escreveu para a publicação, os documentários estariam em sintonia com os

noticiários internacionais. De fato, desde as intervenções militares de 2004, conforme abordamos no capítulo II, os atentados terroristas aumentaram consideravelmente. Em 2006, o festival de documentários “É Tudo Verdade” também foi um indicativo deste aumento do tema terror e seu reflexo no cinema.



Ao final do caderno encontramos um breve resumo sobre o documentário “*The Power of Nightmares*”. Não é mencionado, porém, qualquer vínculo entre o documentário e os fundamentalistas muçulmanos (diferentemente do OESP) e nem a crítica ao neoconservadorismo presente no mesmo.



Analisando este conteúdo sobre a repercussão e sobre as percepções destes dois documentários segundo os jornais FSP e OESP, encontramos novamente uma

incompreensão sobre as forças profundas<sup>292</sup> que motivaram a guerra e os atentados. Os fatos políticos na relação Ocidente e Oriente são confundidos com o entretenimento. Por muitas vezes, o real se torna fictício e o fictício se torna real nesta falta de compreensão. No Brasil, isso se comprova através das formas que estes documentários de cunho político e crítico foram analisados como entretenimento pelo OESP e a FSP. Uma análise mais aprofundada e até mesmo crítica ao próprio documentário ficam restritas aos círculos acadêmicos e intelectuais.

Interessante destacar que o documentário *Obsession radical islam's war against the West* não foi citado em nenhum dos dois jornais ou na revista *Veja*. O documentário, que descreve o perigo do movimento radical, não teve grande repercussão internacional. Em um trecho do filme é realizada uma crítica a Michael Moore. Enquanto em suas palestras o diretor defende não haver um perigo terrorista, o documentário *Obsession* enfatiza o medo e o terror invisível presente no próprio Estados Unidos.

Além dos documentários, algumas obras cinematográficas com certa crítica à guerra contra o terror foram rodadas. A FSP citou o filme “Sob o Domínio do Mal” como um filme que contradiz a opinião pública sobre o neoconservadorismo no primeiro mandato de George W. Bush.

## Entretenimento COMPASSIVO

Com mais quatro anos de Bush pela frente, cultura começa a se curvar ao neoconservadorismo, e “Sob o Domínio do Mal”, que estreia amanhã nos cinemas do Brasil, é uma das exceções



Figura 15 Ilustrada FSP 11/11/2004.

Além do filme *Sob o Domínio do Mal*, também foi lançado *Guerra ao Terror* (*The Hurt Locker*), em 2008. O filme foi vencedor de seis categorias do Oscar em

<sup>292</sup> Termo utilizado nas relações internacionais para designar uma motivação multifacetada. As relações culturais, as percepções de mundo e de razão de Estado podem ser consideradas como forças profundas nas relações internacionais.

2010. A película retrata a operação de uma equipe antibombas que atua no Iraque. A operação de desarmamento de IED (*improvised explosive device*), presente constantemente no filme, descreve a realidade enfrentada por soldados norte-americanos. Vale destacar, conforme abordamos no capítulo II, que a morte de soldados pela ativação de IED ou na tentativa de desarmamento corresponde a 37% do total dos mortos. Em 2010, o filme *Zona Verde* (*Green Zone*) demonstra o fracasso norte-americano na busca de armas de destruição em massa e as divisões de interesse dentro do próprio exército. O filme termina com um soldado divulgando a história para uma jornalista. A obra é inspirada no livro “Vida imperial na cidade esmeralda”.

Como descrevemos anteriormente estes filmes possuem também um conteúdo crítico. No entanto, por muitas vezes, são encarados como puro entretenimento. No caso dos documentários um problema é que eles não são amplamente consumidos pela população. As informações que os meios de comunicação fornecem são simplificadas e relativamente pequenas, o que facilita a compreensão do leitor e espectador. No caso dos documentários existe a necessidade de uma pré-disposição do espectador em selecionar o mesmo. Além disso, documentários são mais complexos e com duração bem maior se comparado aos noticiários. Compreendê-los exige tempo. Exibi-los nos canais de televisão é praticamente inviável.

## 4.2 Efeito colateral

Em 5 de abril de 2010 um grande escândalo também provocaria uma aversão à guerra para alguns norte-americanos e para o mundo. O site *Wikileaks* divulgou vídeos de uma operação das tropas norte-americanas realizada em 12 de julho de 2007<sup>293</sup>. A operação resultou na morte de mais de 12 pessoas, incluindo dois jornalistas da *Reuters*.

---

<sup>293</sup> Disponível em: <[http://www.wikileaks.org/wiki/Collateral\\_Murder,\\_5\\_Apr\\_2010](http://www.wikileaks.org/wiki/Collateral_Murder,_5_Apr_2010)>. Acesso em 22/04/2013.



O site *Collateral Murder*<sup>294</sup> faz parte da rede *Wikileaks* e é dedicado a conteúdos relativos às intervenções norte-americanas. Além de vídeos, o site fornece uma variedade de pesquisas com documentos militares dos Estados Unidos. O site também disponibiliza fotos realizadas por Namir Noor-Eldeen, fotógrafo iraquiano freelancer, morto durante a operação naquele abril de 2010. Tanto o *Wikileaks* como o site *Collateral Murder* demonstraram ao mundo a capacidade de divulgação e a força que as redes sociais possuem atualmente. Os vídeos do *Wikileaks* se espalharam pelas redes sociais e hoje estão ao alcance de qualquer cidadão que tenha livre acesso à internet. Por exemplo, o site de compartilhamento *Youtube* possui milhares de réplicas do vídeo publicado originalmente pelo *Wikileaks*, sendo que cada vídeo compartilhado no *Youtube* possui milhares de visualizações.

A TV *Al Jazeera*<sup>295</sup> também divulgou os vídeos publicados pelo site *Wikileaks*. Foi dedicada uma grande reportagem ao assunto no canal, com duração de 24 minutos, contendo cenas da operação militar no Iraque e uma longa entrevista com Julian Assange, fundador da rede *Wikileaks*. No final do documentário é destacada uma frase de Robert Gates, secretário da Defesa dos Estados Unidos entre 2006 e 2011. Segundo Gates, o vídeo era lamentável, mas não era útil e não teria grandes consequências. A frase foi também explorada pela *ABC News*<sup>296</sup> após uma

<sup>294</sup> Disponível em: <<http://www.collateralmurder.com/>> Acesso em: 22/04/2013.

<sup>295</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Zok8yMxXEwk>> Acesso em: 22/04/2013.

<sup>296</sup> Disponível em: <<http://abcnews.go.com/blogs/politics/2010/04/gates-on-wikileaks-video-not-helpful-but-should-not-have-lasting-consequences/>> Acesso em: 22/04/2013.

entrevista com o secretário, realizada em 11 de abril de 2010. Na entrevista, Gates afirma que o vídeo não mostra um quadro mais amplo da operação, o que, segundo ele, nos impede de compreender a complexidade da guerra. Por fim, a reportagem produzida pela TV *Al Jazeera* é encerrada com imagens das cenas da guerra no Iraque, com mortos, destruição e imagens de pessoas se manifestando contra a guerra, inclusive os familiares de soldados norte-americanos.

As cenas divulgadas pelo *Wikileaks* confirmaram as hipóteses presentes no documentário *Fahrenheit 9/11*. Moore já apontava alguns problemas em relação ao exército norte-americano e sua atuação internacional. No documentário algumas cenas de invasão a residências demonstram a violência do exército norte-americano em sua atuação.

A divulgação deste vídeo resultou também na prisão do soldado Bradley Manning, em maio de 2010, acusado pelo vazamento de informações sigilosas do Estado. No julgamento, Bradley Manning afirmou: “O aspecto mais alarmante do vídeo para mim foi a sede de sangue aparentemente agradável que a equipe da Força Aérea passou a ter”<sup>297</sup>. Em 2012 foi criado um site que é parte de uma rede de apoio a soldados que desertaram ou que desejam desertar das missões norte-americanas<sup>298</sup>. Uma biografia de Bradley foi registrada neste site.

Para analisarmos a repercussão dos vídeos da *Wikileaks* nos jornais FSP e OESP, buscamos matérias posteriores ao dia de divulgação do vídeo retratando a operação militar norte-americana em 12/07/2007. Em 18/04/2010, a FSP divulga uma matéria relatando a operação realizada com os helicópteros Apache.

---

<sup>297</sup> Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-us-canada-21610811>> Acesso em: 30/04/2013.

<sup>298</sup> Disponível em: <<http://couragetoresist.org/>> Acesso em: 30/04/2013.

## Site exhibe ataque dos EUA a civis em Bagdá e incomoda governo

**WikiLeaks**, espécie de Wikipedia com arquivos vazados, provocou explicações públicas da Defesa

ANDREA MURTA  
DE WASHINGTON

Um helicóptero Apache americano abre fogo contra o que pensa serem insurgentes em Bagdá. Corpos no chão, feridos se arrastam, soldados riem e dizem: "Olha só aqueles babacas mortos". Não sabiam que haviam acabado de matar um fotógrafo da agência Reuters. Nem que, três anos depois, o vídeo rodaria o mundo graças a um site cada vez mais incômodo aos círculos do poder.

O **WikiLeaks** ([www.wikileaks.org](http://www.wikileaks.org)), espécie de Wikipedia de arquivos vazados, divulgou no início do mês as imagens bru-

único a questionar o grupo, bloqueado na China desde 2007 e que tem recebido ataques de vários países. "Recebemos uma ameaça de processo por semana", disse ao jornal "El País" o porta-voz Daniel Schmitt.

O site se baseia na combinação de uma interface simples com tecnologias de criptografia avançadas. A ideia é divulgar material o mais amplamente possível com completo anonimato das fontes, que fazem uploads anônimos e protegidos. O **WikiLeaks**, porém, em geral não verifica a veracidade das informações. A checagem se baseia em revisões dos próprios usuários.

A matéria é curta, mas se preocupa em descrever brevemente o fato ocorrido e suas possíveis implicações políticas. No dia 29/07/2010 foi publicado no editorial da FSP um artigo com o título "Guerra de Informações", focando o caráter desumano da guerra demonstrado nos vídeos divulgados pelo site Wikileaks.

Ao analisarmos as publicações do OESP sobre o mesmo evento, percebemos que a ênfase das matérias do jornal não é sobre a guerra, mas sobre o funcionamento da rede e sobre seu fundador, Julian Assange. A primeira reportagem que retrata esta operação, em 12/04/2010, foca no poder da internet para o compartilhamento de arquivos e informações. Esta pequena matéria que descreve o *Wikileaks* compara o site com outros sites que vazam informações diversas. Foi citado, por exemplo, que o site divulgou fotos das páginas do livro "Harry Potter" que ainda seria lançado.

## Atenção: a internet não guarda segredos



Surgido em 2006, o Wiki-Leaks.org esteve nas manchetes por todo o mundo na semana passada por ter divulgado o vídeo gravado em 2007 de um helicóptero militar Apache norte-americano atacando um grupo de pessoas no Iraque. A ação matou 12 inocentes, entre eles um fotógrafo da

agência Reuters e seu assistente e motorista. O site tem sido uma plataforma para revelar anonimamente documentos que possam comprovar casos de corrupção, abuso de poder ou qualquer conduta ilegal de políticos ou corporações. O formato wiki deixou de ser usado para reduzir custos no fim de 2009. /F.S.

### WIKIS

**WIKIMÁPIA** | Um mapa online colaborativo em que os próprios usuários marcam ruas, cidades e definem fronteiras.

**WIKIQUOTE** | Projeto da fundação que faz a Wikipédia, traz um arquivo wiki de citações famosas.

**WIKITRAVEL** | Artigos para ajudar viajantes a encontrar o melhor passeio pelo mundo. Também em português.

**MEDPEDIA** | A página, ainda em versão beta, traz artigos sobre saúde escritos por profissionais de universidades dos Estados Unidos.

**DESCICLOPEDIA** | Vinte e três mil artigos do avesso, para se divertir com brincadeiras colaborativas sobre personalidades, lugares, etc.

### LEAKS

**ACTA** | O obscuro 'Acordo Comercial Anti-Falsificação' (ACTA) vazou na web em março, revelando detalhes de possíveis medidas para combater a troca de arquivos na internet.

**CLIMA** | Hackers vazam e-mails de pesquisadores de uma das universidades mais respeitadas em estudos de mudanças climáticas. Alguns e-mails sugerem maquiagem os estudos para mostrar situações piores do que realmente eram.

**HARRY POTTER** | Uma pessoa fotografa todas as páginas do último volume de Harry Potter, poucos dias antes do lançamento do livro, e publica as fotos na internet. Fãs no Brasil fazem a tradução em massa.

Esta ênfase do jornal é comprovada ao analisarmos a matéria publicada em 03/05/2012. Novamente, temos a descrição do ataque norte-americano no Iraque. Mas o foco da matéria é a internet como instrumento de comunicação e o vazamento de documentos políticos. Destacamos que esta reportagem faz parte do caderno de informática do OESP.

No dia 02/12/2010, o OESP cria uma página interativa sobre o funcionamento do site. É justamente no mês de dezembro que o jornal possui o maior número de matérias sobre a rede *Wikileaks*. Mas, novamente, temos uma abordagem no aspecto tecnológico e funcional da rede, não foi levado em conta a operação com os helicópteros Apache.

**WIKILEAKS**  
Site especializado em vazamentos de informações oficiais causa incômodo a governos de todo o mundo. Entenda

Como funciona

**Histórico**

No Brasil

O fundador

**ABRIL 2010**

**Vídeo** | Iraque

Divulgação do **vídeo** de tripulantes de um helicóptero dos EUA disparando contra civis iraquianos. Os soldados teriam confundido uma câmera fotográfica nas mãos de um repórter com um arma e atirado. O vídeo mostra crianças junto dos iraquianos atingidos.



Reprodução

**JULHO 2010**

**Cerca de 92 mil documentos**  
Guerra no Afeganistão

Revelados **documentos** que apontam o crescimento da insurgência Taleban no Afeganistão, que ganhou força, e o desapontamento dos civis afegãos com o governo. Além disso, há queixas dos próprios militares dos EUA, que comandam as operações no território afegão, reclamando de empreender uma guerra sem os recursos suficientes.

2010

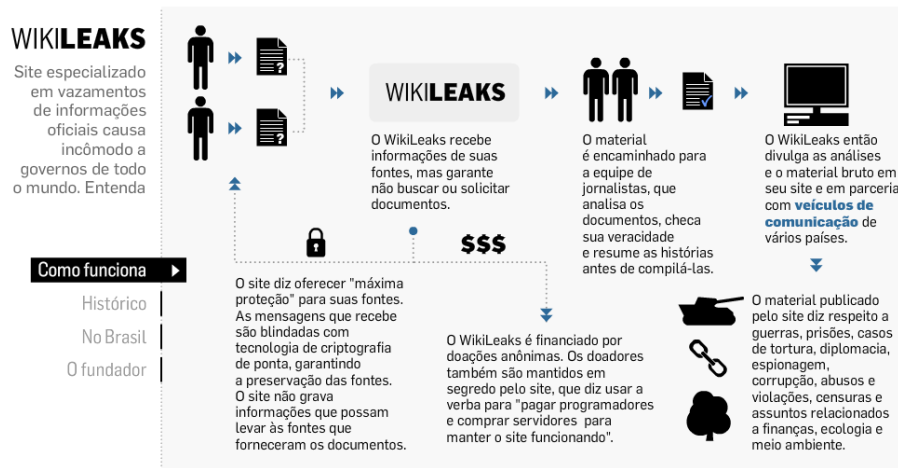


Figura 16 Página interativa OESP sobre a Wikileaks<sup>299</sup>

Com esta comparação, percebemos que um evento de extrema importância também recebeu enfoques diferenciados dias após sua divulgação no site *Wikileaks*. A FSP traçou vínculos entre o evento e a política de George W. Bush, enquanto o OESP não se aprofundou na questão dos ataques, focando no novo mecanismo de comunicação que facilita o vazamento de informações sigilosas. Este vídeo e muitos outros que surgiram foram compilados e estão presentes na reportagem “*The Secret Iraq Files*”, exibido pela TV *Al Jazeera*<sup>300</sup>, e no documentário “*Dispatches: Iraq's secret war files*”<sup>301</sup>.

<sup>299</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/especiais/wikileaks-a-pedra-no-sapato-dos-governos,126467.htm>>. Acesso em 15/05/2013

<sup>300</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pU718vXkrwY>>. Acesso em 02/03/2013.

<sup>301</sup> Disponível em: <<http://www.channel4.com/programmes/dispatches/video/series-74/episode-1/iraqs-secret-war-files>>. Acesso em 02/03/2013.

Também em abril de 2010 os soldados norte-americanos Josh Stieber e Ethan McCord publicam uma carta ao povo iraquiano. Uma carta com um pedido de desculpas que se tornou símbolo dos soldados norte-americanos que desertaram.

Que a paz esteja com vocês.

Nós escrevemos para você, sua família e sua comunidade com a consciência de que nossas palavras e ações jamais poderão restaurar suas perdas [...] Não há como trazer de volta tudo o que foi perdido. O que buscamos é aprender com nossos erros e fazer tudo o que podemos e contar aos outros sobre nossas experiências e como o povo dos Estados Unidos precisa perceber o que fizeram e estão fazendo com vocês e as pessoas de seu país. Nós humildemente perguntamos o que podemos fazer para começar a reparar o dano que foi causado [...] Com tanta dor, a amizade pode ser pedir demais. Por favor, aceitem nossas desculpas, nossa tristeza, nosso cuidado, e nossa dedicação para mudar de dentro para fora. Estamos fazendo o que podemos para falar contra as guerras e contra as políticas militares responsáveis pelo que aconteceu com vocês e seus entes queridos. Nossos corações estão abertos para ouvir como podemos tomar todas as medidas para apoiá-lo através da dor que nos causaram.

Solenemente e Atenciosamente,

Josh Stieber, especialista anterior, do Exército dos EUA

Ethan McCord, ex-especialista do Exército dos EUA<sup>302</sup>

Em uma reportagem do Jornal *The Guardian*<sup>303</sup> publicada em 2008, já apontava cerca de 200 soldados norte-americanos refugiados no Canadá após desertarem do serviço militar. O principal motivo era: sua oposição as operações norte-americanas no Iraque. Não encontramos matérias relacionadas a este fato na revista *Veja* e nos jornais *FPS* ou no *OESP*.<sup>304</sup>

Mediante esta análise, percebemos que no material analisado (*Veja*, *FPS*, *OESP*) a publicação do *Wikileaks* foi abortada como um “grande escândalo” de vazamento de informações. Não houve posicionamentos críticos em relação às ações norte-americanas no Iraque.

---

<sup>302</sup> Disponível em: <<http://www.michaelmoore.com/blogger/JoshStieber>>. Acesso em 02/06/2013, nossa tradução.

<sup>303</sup> Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2008/jul/16/antiwar.iraq>>. Acesso em 05/07/2013

<sup>304</sup> Pesquisa realizada até o dia 12/07/2013. Acesso em 02/03/2013.

### 4.3 A morte de Osama e sua repercussão

Bandeiras dos Estados Unidos estavam agitadas em Nova York no dia 2 de maio de 2011. Pessoas buzonavam seus veículos e davam “bravos de vitória” contra a personificação do terror em Osama bin Laden. Cenas não muito diferentes das cenas de alguns palestinos celebrando a queda do *World Trade Center*, conforme observamos nas imagens abaixo:



Figura 17 Foto feita em 2 de maio de 2011 pela EPA (*European pressphoto agency*) e foto publicada na FSP página A17 em 12 de Setembro de 2001.

A repercussão midiática da morte de Osama foi enorme e controversa. Alguns afirmaram que a morte era uma farsa. Outros, que a morte foi em legítima defesa dos soldados. O próprio discurso do governo Obama foi contraditório. Em um momento, Osama estaria armado. Depois, disseram que a arma estava ao alcance dele. Até mesmo Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã no período, fez uma curiosa observação:

Tenho informação exata de que Bin Laden estava em poder dos militares americanos há muito tempo. Não o mataram durante a luta contra o terrorismo, mas para alimentar a propaganda na sociedade americana e atrair os votos.<sup>305</sup>

<sup>305</sup> Disponível em: <<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/eua-capturaram-bin-laden-muito-antes-de-mata-lo-diz-presidente-do-ira-20110515.html?question=0>>. Acesso em 05/03/2013.

O governo dos Estados Unidos garantiu que Osama foi enterrado com rituais islâmicos, fato também fortemente questionado. Uma placa levantada em Nova York com a frase “Obama 1 X Osama 0” revela o aumento de popularidade do presidente, que acabou reeleito.

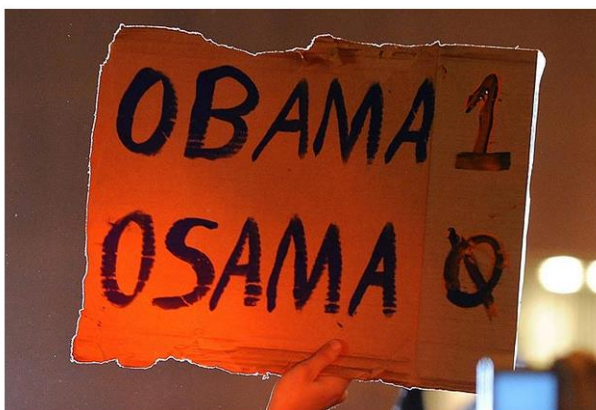


Figura 18- Foto feita em 2 de maio de 2001 pela EPA (*European pressphoto agency*)

Evidentemente, o líder da Al-Qaeda já estava condenado à morte muito antes de ser encontrado. Osama não precisaria necessariamente ser julgado pelo Tribunal Penal Internacional, pois foi capturado por soldados norte-americanos e os Estados Unidos não ratificaram sua participação efetiva no Tribunal Penal Internacional. Mas isso não é suficiente para justificar uma obscura execução. Vale lembrar que soldados norte-americanos também capturaram Saddam Hussein e o encaminharam para um tribunal específico, embora não fosse reconhecido como legítimo para Saddam.

Estes pontos que indicamos ganharam amplo debate na mídia internacional. O fluxo de novas informações – neste caso sobre a morte de Osama – acabou ofuscando as informações sobre os ataques norte-americanos. Esse passa a ser um dilema na relação mídia e informação, no qual um novo fato se sobrepõe facilmente ao outro. O fervor da vitória norte-americana teve espaço na imprensa por semanas. Consequentemente, outros aspectos da guerra ao terror receberam menor importância da mídia.

## CONCLUSÃO

De um lado, um grupo que vai além de suas crenças e contraria princípios considerados universais. Eles se armam, recrutam jovens e movimentam milhares de pessoas contra outras nações em nome de *Allah*, num ato amplamente reprovado por vários religiosos muçulmanos e pela comunidade internacional. Do outro lado, um grupo de pensadores que buscam um mundo ideal – assim como os fundamentalistas. Porém, o fazem não com base no Corão ou em um livro sagrado. Mas, sim, nos ideais enraizados do neoconservadorismo, defendendo que somente suas ideias e o poderio norte-americano são capazes de transformar ou estabilizar o sistema internacional anárquico.

Esta incompatibilidade de objetivos e modos de se socializar, governar e buscar a paz remete ao conceito de *distância moral*, exposto por Raymond Aron, ao relatar as diferenças entre a Europa e o Extremo Oriente. Um choque de valores entre as duas culturas. Pode-se dizer que estas linhas de pensamento não compactuam ou não fazem parte totalmente do mesmo “sistema”:

[...] Naturalmente, quando na época em que um sistema se forma, isto é, quando o relacionamento dos atores perde o caráter ocasional ou anárquico, os participantes do sistema pertencem, em sua maior parte, à mesma cultura, adoram os mesmos deuses e respeitam as mesmas normas.<sup>306</sup>

Não há simpatia mútua entre estas linhas. Não são atores que buscam conhecer os papéis que cada um desempenha. Por isso, o relacionamento é ocasional, apenas quando se encontram interesses mútuos.

Além desta incompatibilidade, há uma falta de compreensão e uma generalização das partes. No verão de 1993 foi publicado pelo cientista político Samuel P. Huntington o artigo *O Choque de Civilizações?*, que se tornou um livro e sofreu uma mudança sutil no título. Ao invés de uma pergunta, passou a ser uma afirmação: *Choque de Civilizações*. Esta alteração demonstra que a problemática de pesquisa sobre o objeto de estudo de Huntington se torna uma hipótese para ele.

---

<sup>306</sup> ARON, Raymond. *Guerra e Paz entre as Nações*. Volume 4, Brasília: UNB, 2002, p.123.

Huntington cita em seu livro o conceito de *Dois Mundos: Nós e Eles*, e o conceito *O Ocidente e o Resto*. Interessante observar o esforço do cientista político em criar modelos ideais para analisar o cenário mundial após a Guerra Fria. Com este método, Huntington divide o mundo em nove civilizações: Ocidental, Africana, Islâmica, Hindu, Ortodoxa, Latino-Americana, Budista e Japonesa. Huntington defende a ideia de um novo tipo de conflito, não mais motivado por ideologias, como na Guerra Fria. Mas, sim, pelas diferenças culturais existentes entre as civilizações. Boa parte de sua obra relata o declínio do Ocidente e o ressurgimento islâmico que, segundo ele, pode colocar em jogo a identidade cultural do Ocidente (neste caso os Estados Unidos e a Europa Ocidental). Huntington defende que a cultura ocidental deve encontrar alternativas para permanecer forte diante do crescimento de outras civilizações.

Esta hipótese sobre o declínio do Ocidente e o ressurgimento islâmico acaba gerando outros problemas na leitura extremada dos textos de Huntington. Problemas como a xenofobia presente na Europa e movimentos contra a imigração muçulmana. Assim, Huntington é duramente criticado por vários autores e até mesmo chamado de *racista mascarado* pelo mexicano Carlos Fuentes, que criticou duramente outro texto de Huntington, o *Desafio Hispânico*, no qual afirma que a migração mexicana pode dividir os Estados Unidos.

Em contraposição às exposições de Huntington foi publicado um artigo com o título *O Choque da Ignorância*, escrito por Edward Said, um grande escritor crítico à construção do “outro imaginário” sem o real conhecimento das diferenças entre as sociedades. Said critica as generalizações e apontamentos feitos por Huntington ao ressurgimento islâmico.

A complexidade de uma civilização impede uma elaboração teórica para definir a mesma. Na prática, principalmente ao falar sobre o islamismo, é necessário ter cuidado com as generalizações. Não se pode pensar em um Islã monolítico. Na verdade, há vários tipos de comportamentos sociais que professam a fé islâmica. Certamente, há diferenças entre ser muçulmano no Egito e ser um muçulmano no Irã. Há também diferenças entre ser terrorista e um fundamentalista que somente deseja preservar sua fé. Estas diferenças não são muito claras para grande parte da sociedade ocidental. Assim, um preconceito se forma:

[...] a personificação das entidades chamadas "Ocidente" e "Islã" é imprudente, como se questões extremamente complexas como a identidade e a cultura existissem em um mundo como o do desenho animado Popeye e Brutus, no qual uns lutam contra os outros sem piedade, com um boxeador sempre mais virtuoso que consegue vantagem sobre o adversário<sup>307</sup>.

Em outras palavras, Said diz que o "conflito" entre Ocidente e Islã não pode ser visto como um simples desenho animado no qual os personagens disputam constantemente, um tentando vencer o outro.

Evidentemente, não se pode afirmar que todo o Ocidente ou, mais precisamente, que a nação norte-americana em geral faz leituras inadequadas destes povos. De fato, alguns da ala neoconservadora na política norte-americana ainda se julgam capazes de transformar o mundo e combater o desafio do ressurgimento islâmico, como se o ressurgimento fosse algo assombrador para o mundo. Logo, percebe-se que há uma falta de compreensão sobre o Oriente e, principalmente, falta distinguir as subculturas que existem dentro da rica cultura oriental.

Nem sempre a liberdade humana será defendida através das armas. Liberdade essa que também pode ser relativa entre as culturas, pois até a liberdade de voto pode ser uma usurpação para um muçulmano. Todos concordam que a luta armada é algo que fere a dignidade humana universalmente.

Ainda existe muito por fazer para aproximar o Ocidente do Oriente. Impressiona que após tantos anos de interação os dois grupos permaneçam tão distantes e tão desconhecidos. Essa falta de conhecimento é, sem dúvida, o fator fundamental de muitos dos maiores desafios da humanidade atualmente.

No Brasil, percebemos que nossos meios de comunicação analisados possuem discursos muito próximos aos dos noticiários norte-americanos. O que nos faz ter um filtro de informação, impedindo o conhecimento mais profundo sobre os conflitos no Oriente Médio. Temos, em geral, uma visão ocidental que põe o mundo dividido entre o bem e o mal.

Ao falarmos sobre o mal, lembramos que este mal geralmente é provocado pela falta de conhecimento, o que gera a cultura do medo. Medo do desconhecido que se perpetua através dos noticiários e dos filmes de *Hollywood*. O escritor Mia Couto, em uma conferência sobre segurança internacional, chamou a atenção ao ler

---

<sup>307</sup> SAID, Edward. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo, 2003, p.43.

um texto de sua autoria. O texto extremamente crítico em relação ao evento que acontecia - mas em tom poético:

[...] A nossa indignação, porém, é bem menor do que o medo! Sem darmos conta fomos convertidos em soldados de um exército sem nome e, como militares sem farda, deixamos de questionar. Deixamos de fazer perguntas e discutir razões. As questões de ética são esquecidas porque está provada a barbaridade dos outros, e porque estamos em guerra, não temos que fazer prova de coerência, nem de ética, nem de legalidade. É sintomático que a única construção humana que pode ser vista do espaço seja uma muralha, a Grande Muralha, que foi erguida para proteger a China das guerras e das invasões. A muralha não evitou conflitos nem parou os invasores. Possivelmente morreram mais chineses construindo a muralha do que vítimas das invasões que realmente aconteceram. Diz-se que alguns trabalhadores que morreram foram emparedados na sua própria construção. Esses corpos, convertidos em muro e pedra, são uma metáfora do quanto o medo nos pode aprisionar. Há muros que separam nações, há muros que dividem pobres e ricos, mas não há hoje no mundo um muro que separe os que têm medo dos que não têm medo. Sob as mesmas nuvens cinzentas vivemos todos nós, do Sul e do Norte, do Ocidente e do Oriente. Citarei Eduardo Galeano acerca disto, que é o medo global, e dizer: os que trabalham têm medo de perder o trabalho; os que não trabalham têm medo de nunca encontrar trabalho; quando não têm medo da fome têm medo da comida; os civis têm medo dos militares; os militares têm medo da falta de armas e as armas têm medo da falta de guerras e, se calhar, acrescento agora eu, há quem tenha medo que o medo acabe.

Olhando por esta perspectiva alternativa de crítica política: seria talvez a arte um caminho para aproximação? O texto de Mia Couto, os grafites de Banksy, ou a retomada das comédias críticas de Chaplin, como o filme *O Grande Ditador*. Talvez estes movimentos ajudem nossa população a compreender e a refletir sobre a construção do outro, sobre a propagação de um mal desconhecido e a criar novas aproximações.

A reflexão de Mia Couto mostra que o medo se vai a partir do momento em que conhecemos aquilo que tememos. O medo dos chineses ou medo do pensamento de Marx que foi muito presente no Ocidente, hoje já não são encarados como um grande perigo ao mundo a partir do momento que os conhecemos.

Esses fantasmas tiveram o fim de todos os fantasmas: morreram quando morreu o medo. Os chineses abriram restaurantes à nossa porta, os ditos terroristas são hoje governantes respeitáveis e Karl Marx, o ateu barbudo, é um simpático avô que não deixou descendência.

Os grafites de Banksy nos fazem refletir sobre guerra e segurança. São imagens com grande conteúdo crítico, de fácil compreensão e com grande ironia ao sistema político atual. Guerra, entretenimento e liberalismo econômico são postas lado a lado como símbolo dos valores enraizados nas grandes potências ocidentais.



Figura 19 - Grafite realizado por Banksy.

A mudança no paradigma “nós e eles” é a grande chave para uma aproximação cultural. No entanto, enquanto a obsessão econômica e a política da guerra na tentativa de estabelecer a paz forem os principais tópicos da agenda internacional, continuaremos na mesma situação. Aguardamos um dia em que o debate sobre a fome, as doenças, as mudanças climáticas e a econômica solidária e sustentável entre nesta agenda. Enquanto isso, a mídia de forma autônoma pode ajudar a esclarecer os fatos, denunciar os abusos de Estado e informar à população que, aquilo que tememos nem sempre é um perigo real para nós.

## REFERÊNCIAS

ALCORÃO SAGRADO, tradutor, Alcorão Sag Samir El Hayek rado. São Paulo: Tangará, 1975.

AMERICAN RHETORIC. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/>>

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: Fundamentalismo no Judaísmo, Cristianismo e Islã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ARON, Raymond. *Guerra e Paz entre as Nações*. Volume 4, Brasília: UNB, 2002.

AYERBE, Luís Fernando. *Religiosidade, interesse nacional e política externa dos Estados Unidos no século XXI*. In: SILVA, Carlos Eduardo. *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

BAPTIST LINK, *Free directory and website hosting for Independent Fundamental Baptists*. Disponível em: <<http://www.baptistlink.com/creationists/fund.htm>>. Acesso em: 28/03/2010.

BERGER, Peter L. *Una Gloria Remota: avere fede nell'epoca del pluralismo*. Bologna: Il Mulino, 1994.

CASTRO, Isabelle Somma. *Orientalismo na imprensa brasileira: A apresentação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11/09/2001*. Dissertação apresentada ao departamento de Letras da Universidade de São Paulo FFLCH-USP. 2007.

Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu. Disponível em: <<http://www.islam.com.br/>>. Acesso em: 05/04/2010.

CHAIA, Vera. *Política e Cultura do Medo*. In: *Ciências Sociais na Atualidade*. São Paulo: Educ, 2011. p.73-91.

CHOMSKY, Noam. Preventive War “The Supreme Crime” Iraq: Invasion that will live in infamy, 2003.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.informationclearinghouse.info/article4416.htm>>. Acesso em 05/05/2011. Publicado em 2003.

\_\_\_\_\_. *Who are the Global Terrorists?*. Disponível em <http://www.chomsky.info/articles/200205--02.htm>. Acesso em 01/03/2013.

CIA GOV. Disponível: [https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2002/DCI\\_18\\_June\\_testimony\\_new.pdf](https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2002/DCI_18_June_testimony_new.pdf). Acesso em 02/04/2013.

DEFENSE U.S.A. Disponível em: <http://www.defense.gov/News/NewsArticle.aspx?ID=29253>. Acesso em: 28/03/2013.

DEMANT, Peter Robert. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 15.

\_\_\_\_\_. *Choque dos Universalismos: Estudos sobre a interação ocidente-islã*. Tese para o título de Livre Docente apresentado na Universidade de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. *Desafios Islamistas, Respostas Ocidentais*. Revista Rever. São Paulo: PUC-SP, n.3, 2004.

DREHER Martin N. *Para Entender o Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

CURTIS, Adam. *The Power of Nightmares*, BBC, 2004, 180 min.

FARUQUI, Isamil Raji al. *At Tauhid (o monoteísmo): Suas implicações para o pensamento e a vida*. [s.n.t].

FEDERALISM AND THE NEW CONSERVATIVE. Reagan 2020 US. Disponível em: <[http://reagan2020.us/speeches/City\\_Upon\\_A\\_Hill.asp](http://reagan2020.us/speeches/City_Upon_A_Hill.asp)> Acesso em 03/02/2011.

FELDMAN, James K.; PAPE, Robert A. *Cutting the Fuse: The Explosion of Global Suicide Terrorism and How to Stop It*. 2010.

FERREIRA, Oliveiros. *O Terrorismo e a nova ordem mundial*. Palestra proferida na abertura do seminário “11 de setembro de 2001 - o mundo depois de uma década de guerra contra o terror”. Disponível em <http://www.oliveiros.com.br/?cont=200&ox=171&vis=>. Acesso em 25/03/2013

FIGUERUT, Ariel. *A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush*. São Paulo: Dissertação de Mestrado UNESP, 2008.

\_\_\_\_\_. *Formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos*. In: SILVA, Carlos Eduardo. *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FONSECA, Carlos. *Think Tanks e a política Americana* (Revista Política Externa). São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FUKUYAMA, Francis. *The End of History? The National Interest*, verão de 1989.

GEERTZ, Cliford. *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro? Jorge Zahar, 2004.

GLASSNER, Barry. *Cultura do medo*. Brasília: Francis, 2003.

GURNEY, Ursula. *The United States and European Détente: Nixon, Ford, and the Helsinki Accords, 1969- 1975*. Oaio: The Ohio State Univerty, 2008.

HAMADA, Basnyuoni. *The Arab image in the minds of western image-makers*. In: *The Journal of internacional Communication*, V.4, nº1, Sydney, Macquarie University, 2001.

HOURANI, Albertt. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUNTINGTON, Samuel P. *Choque de Civilizações*. São Paulo: Editora Objetiva, 1997.

ISBELLE, Sami Armed. *O Estado islâmico e sua organização: Sistema político, sistema econômico, sistema jurídico, sistema penal, conceito de Jihad*. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2008.

JHALLY, Sut. *Reel Bad Arabs: How Hollywood Vilifies a People*. 2006, 50 min.

JOMIER, Jacques. *Islamismo história e doutrina*. Petrópolis: Vozes, 1993.

JOURNAL OF MEDIA PSYCHOLOGY. *Emotional Stress and Coping in Response to Television News Coverage of the 9/11 Terrorist Attacks*. *Journal of Media Psychology*, V 14, No. 1, Winter, 2009.

KANT, Immanuel. *À Paz Perpétua*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

KEHL, Maria Rita. *Elogio ao Medo*. In: NOVAES, Adalberto. *Ensaio sobre o Medo*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

KOPPING, Wayne. *Obsession: Radical Islam's War Against the West*, 2005, 75min.

KRAUTHAMMER, Charles. *Democratic Realism*. Washington DC: AEI Press, 2004. WRIGHT, Robert. *A Real War on Terrorism*, 2002.

\_\_\_\_\_. *Democratic Realism*. Washington DC: AEI Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *The Reagan Doctrine*: Time Magazine, 2001.

\_\_\_\_\_. *Democratic Realism An American Foreign Policy for a Unipolar World*, 2004.

\_\_\_\_\_. *A unipolar World*. 2004.

\_\_\_\_\_. *The Unipolar Moment*. Foreign Affairs, 2010.

LAYNE, Christopher. *The unipolar illusion: why new great powers will rise*. *International Security*, Cambridge, MA: The MIT Press, vol. 17, n. 4, pp. 5-51, primavera de 1993.

LEWIS, Bernard. *O que deu errado no Oriente?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1999.

MENDEL, Toby. *Terrorist Attacks of 11 September: Consequences for Freedom of Expression*. In: *Media, Violence and Terrorism*. UNESCO, 2003, p.43-51.

MINNESOTA STATE UNIVERSITY. Disponível em : <http://www.mnsu.edu/emuseum/cultural/religion/islam/history.html>

MOREIRA, Aberto da Silva; OLIVEIRA Irene Dias (org.). *O Futuro da Religião na sociedade global*. São Paulo: Paulinas, 2008.

MURRAY CITY SCHOOL. Disponível em: <http://schools.murrayschools.org/schools/MHS/apus/documents/>. Acesso em 24.03.2011.

NASSER, Reginaldo. Entrevista concedida à Rede Globo de Televisão em 02/05/2011. Disponível em <http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/terrorismo-aula-1-do-professor-reginaldo-nasser/1498563/>

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. *Sacred and Secular: Religion and politics worldwide*. Cambridge University Press, 2011.

ORNELAS, Cesar Vinícius Alves. *A sedução da intolerância: fundamentalismo e fundamentalismos de um século em construção*. São Paulo: Religião e Cultura. 2003.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

PACE, Enzo; STEFANI, Pietro. *Fundamentalismo Religioso Contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2008.

PAEIRO, Denise Cristina. *Mídia e Terror: A construção da imagem do terrorismo no jornalismo*. Tese de Doutorado apresentado ao departamento de Semiótica na PUC-SP, 2012.

PAPE, Robert A. *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*. [Versão ebook], 2005.

PAPE, Robert A. *The Strategic Logic of Suicide Terrorism*, 2003.

Peter L. Una Gloria Remota: *avere fede nell'epoca del pluralismo*. Bologna: Il Mulino, 1994, p.48

RAHMAN, Fazlur. *Study of Islamic Fundamentalism*. Oxford: One Word, 2003.

RAND CORP. Disponível em: <http://www.rand.org/about.html> Acesso em 28/04/2013

REAGAN 2020 US. Disponível em: [http://reagan2020.us/speeches/City\\_Upon\\_A\\_Hill.asp](http://reagan2020.us/speeches/City_Upon_A_Hill.asp). Acesso em: 03.02.2012.

REIS, Bruno Cardoso. *Os Estados Unidos e Osama bin Laden uma década depois a derrota da Al-Qaida e o fim da unipolaridade?* Lisboa: Revista de Relações Internacionais do Instituto Português de Relações Internacionais, 2011.

RELIGION OF ISLAM. Disponível em: <http://www.mnsu.edu/emuseum/cultural/religion/islam/islam.html>. Acesso em 01/04/2010.

Revista Brasileira de Política Internacional. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292007000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292007000200006&script=sci_arttext) Acesso em 15/12/2011.

RICARDO, Sílvia; SUTTI, Paulo. *As diversas faces do Terrorismo*. São Paulo: Harbra, 2003.

RICHARDS, Barry. *Emotional Governance: Politics, Media and Terror*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SHIMABUKURO, Alessandro. *O impacto do 11 de setembro sobre política, religião e sociedade nos Estados Unidos*. In: SILVA, Carlos Eduardo. *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p.161 – 162.

SOUTO, Fhoutine Marie Reis. *Depois da queda das Torres: A cobertura Jornalística do 11 de Setembro nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais apresentada ao programa de pós-graduação PUC-SP, 2007.

SOUZA, Rodrigo Farias. *A nova Esquerda Americana: De Port Huron Aos Weathermen (1960-1969)*. São Paulo: Editora FGV, 2009.

STERN, Jessica. *Terror em nome de Deus*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. *Quatro temas fundamentais do pensamento Neoconservador em política externa*. São Paulo: Scielo, 2007.

TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. *Quatro temas fundamentais do pensamento Neoconservador em política externa*. São Paulo: Dissertação de mestrado em relações Internacionais apresentada ao programa de pós-graduação Santiago Dantas (PUC-SP/UNESP/UNICAMP), 2007.

TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. *Quatro temas fundamentais do pensamento Neoconservador em política externa*. São Paulo: Scielo, 2007.

TEIXEIRA, Faustino. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (orgs). *O futuro da religião na sociedade global*. São Paulo: Paulinas, 2008.

TERRORISM AND MEDIA. Transnational Terrorism. *Security & Rules of Law*. Deliverable 6, Workpackage 4. 2008, p.2

THE ISLAMIC WORLD TO 1600 – Department of History – The University of Calgary. Disponível em <[http://www.ucalgary.ca/applied\\_history/tutor/islam/](http://www.ucalgary.ca/applied_history/tutor/islam/)>. Acesso em: 09/04/2011.

THE PATRIOT POST. Disponível em: <<http://patriotpost.us/>>. Acesso em 06/02/2011

THE PEW FORUM. *The Future of the Global Muslim Population*, 2011.

TURNER, John G. *Bill Bright & Campus Crusade for Christ: the renewal of evangelicalism in Postwar America*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2008.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Fundamentalismos: Matrizes, Presença e Inquietações* Temas do Ensino Religioso. São Paulo: Paulinas, 2008.

WAINBERG, Jacques A. *Mídia e Terror: Comunicação e Violência Política*. São Paulo: Paulus, 2005.

WAINBERG, Jaques A. *Noticiário internacional e a incompreensão do mundo*. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa de Jornalismo do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2006.

WALZER, Michael. *Just and Unjust Wars*. New York: BasicBooks, 1977.

WEINGARTNER, Jayme. *A Edificação Constitucional do direito fundamental à liberdade religiosa: Um feixe jurídico entre a inclusividade e o fundamentalismo*. Porto Alegre: PUC/RS, 2006.

WRIGHT, Robert. *A Real War on Terrorism*, 2002

WAINBERG, Jaques A. *Noticiário internacional e a incompreensão do mundo*. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa de Jornalismo do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2006.

WEINGARTNER, Jayme. *A Edificação Constitucional do direito fundamental à liberdade religiosa: Um feixe jurídico entre a inclusividade e o fundamentalismo*. Porto Alegre: PUC/RS, 2006.

WRIGHT, Robert. *A Real War on Terrorism*, 2002.